



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÍVEL MESTRADO**



**ENTRE MUROS, CELAS E SOMBRAS: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES
TRABALHADORAS DE UMA INSTITUIÇÃO PRISIONAL**

**JOÃO PESSOA - PB
2017**

CAMILA CARLA DANTAS SOARES

**ENTRE MUROS, CELAS E SOMBRAS: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES
TRABALHADORAS DE UMA INSTITUIÇÃO PRISIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Nível Mestrado do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – *Campus I*, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Cuidado em Enfermagem e Saúde.

Linha de pesquisa: Políticas e Práticas do Cuidar em Enfermagem e Saúde.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Djair Dias

**JOÃO PESSOA - PB
2017**

S676e Soares, Camila Carla Dantas.

Entre muros, celas e sombras: história oral de mulheres
trabalhadoras de uma instituição prisional / Camila Carla
Dantas Soares. - João Pessoa, 2017.
122 f.

Orientadora: Maria Djair Dias.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCS

1. Cuidados de Enfermagem. 2. Agentes de Segurança
Prisional. 3. Saúde das Mulheres. 4. Sistema Prisional - Brasil.
I. Título.

UFPB/BC

CDU: 616-083(043)

CAMILA CARLA DANTAS SOARES

**ENTRE MUROS, CELAS E SOMBRAS: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES
TRABALHADORAS DE UMA INSTITUIÇÃO PRISIONAL**

Aprovada em: ____/____/____.

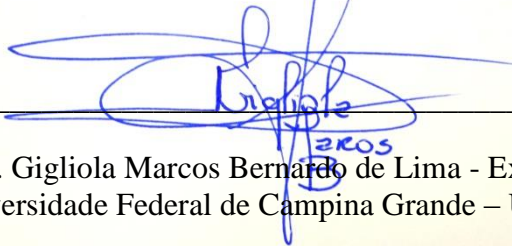
BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Maria Djair Dias – Orientadora
(Universidade Federal da Paraíba – UFPB)



Profª. Drª. Maria de Oliveira Ferreira Filha - Examinadora
(Universidade Federal da Paraíba – UFPB)



Profª. Drª. Gigliola Marcos Bernardo de Lima - Examinadora
(Universidade Federal de Campina Grande – UFCG)

Profª. Drª. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima- Examinadora
(Universidade Federal de Campina Grande – UFCG)

JOÃO PESSOA - PB

2017

Dedico

Ao Pai Celestial, fonte de toda força que existe no Universo, que ama vossos filhos e filhas, respeitando suas limitações e diferenças, motivo de fé, dedicação e esperança, que esteve sempre ao meu lado guiando meu caminho e minhas decisões para que eu conseguisse mais esta conquista.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me ensinando, me apoiando e me dando forças para superar todos os obstáculos.

E às Agentes que corajosamente compartilharam suas histórias que enriqueceram essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a **Deus** por tudo que vivi, por tudo que passei, nada foi por acaso, e em tudo havia um propósito que graças a Ele eu pude compreender.*

*Aos meus **Pais** que não mediram esforços me dando todo o suporte necessário. As minhas irmãs, **Priscila e Renata**, que também sempre estiveram ao meu lado. Juntos somos uma família feliz e unida.*

*A minha **família**, “A Grande Família”, que também contribuiu e contribui bastante para meu crescimento. Agradeço todos os mimos e carinho da minha avó, tios e primos.*

*Aos meus amigos, meus irmãos de coração, **Lana, Jefinho, Rafinha, Angel e Jocelly**, obrigada por sempre que precisei vocês estarem lá. Agradeço também pelas risadas, conselhos, loucuras, travessuras, sustos, cada emoção que dividimos! “Como não ser boba com vocês, viveria tudo outra vez.”*

*A minha Orientadora, **Prof.^a Dr.^a Maria Djair Dias**, agradeço pela oportunidade, esclarecimentos, incentivo, paciência, ética profissional e por me fazer acreditar que tudo iria dar certo.*

*Aos membros que compuseram a minha banca, **Prof.^a Maria de Oliveira Ferreira Filha, Prof.^a Gigliola Marcos Bernardo de Lima e Prof.^a Alynne Mendonça Saraiva Nagashima**, agradeço por aceitarem meu convite, pela disponibilidade e pelas riquíssimas contribuições a minha pesquisa. As admiro muito, cada uma de vocês.*

*A minha **turma de mestrado**, agradeço por serem mais que colegas, hoje somos amigos e que assim seja para sempre.*

*Aos amigos que fiz no grupo de pesquisa **GEPHOSM/ GEPSMEC**, agradeço por todos os conselhos, orientações, parcerias nas publicações e, principalmente, pela amizade.*

*Aos **professores e funcionários** do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPB, agradeço pelo apoio técnico excepcional e atenção que sempre tiveram comigo, em especial **Nathali**, que sempre esteve disponível a ajudar e a orientar todas as vezes que precisei.*

*Às **Agentes** e toda a equipe do Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão que participaram da pesquisa, pela boa vontade, coragem e por compartilhar suas histórias de*

*vida. Em especial, agradeço à psicóloga da instituição **Rayka Carvalho**, pela acolhida, receptividade, cuidado e apoio que sempre teve durante todo processo de coleta de dados. Sem vocês nada seria possível.*

A todos aqueles que acreditaram no meu potencial, Gratidão!

RESUMO

SOARES, C.C.D. Entre muros, celas e sombras: história oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional. 2017. 122f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que utilizou a técnica da História Oral Temática. O presente estudo teve como objetivo principal: conhecer a história de agentes de segurança penitenciária de uma instituição prisional feminina. A pesquisa foi realizada no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, localizado na cidade de João Pessoa. O material empírico foi produzido a partir da entrevista com dez colaboradoras, os resultados desse material foram discutidos com base nos tons vitais das narrativas, que subsidiaram a construção de três eixos temáticos, conforme segue respectivamente: Motivações: Benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho; Agente de segurança penitenciária: uma mistura de sentimentos somados ao preconceito e à falta de reconhecimento; O preço de ser agente de segurança penitenciária: repercussões na vida e na saúde dessas mulheres. Tais eixos fomentaram a discussão com base no confronto entre os achados obtidos através das entrevistas e a literatura pertinente. Esta pesquisa respeitou os aspectos éticos e legais que regulamentam a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, como também da Resolução 311/2007 que trata da ética de enfermeiros nas pesquisas científicas. Sendo aprovada no dia 21/07/2016, sob a CAAE: 56468016.7.0000.5188. As histórias das colaboradoras revelaram que as principais motivações que levaram essas mulheres à profissão de agente de segurança penitenciária foram: benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho. Revelaram ainda que elas vivenciam uma mistura de sentimentos, entre eles o medo, conflito de valores, insatisfação e revolta ligados ao preconceito e à falta de reconhecimento. Também foi possível perceber como essa atividade laboral pode trazer momentos de “prazer”, mas principalmente de dor e sofrimento. Para as colaboradoras, apesar de tratar-se de uma profissão de risco que repercute na saúde dos profissionais, ela também oferece oportunidades de aprendizado e reflexão sobre como valorizar mais a vida e seus familiares.

Palavras-chave: Prisões; Agentes de Segurança Penitenciária; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

SOARES, C.C.D. Between walls, cells and shadows: oral history of working women of a prison institution. 2017. 122f. Dissertation (Master in Nursing) - Health Sciences Center, Federal University of Paraíba - UFPB, João Pessoa.

It is a qualitative research that used the technique of Oral Thematic History. The present study had as main objective: to know the history of penitentiary security agents of a female prison institution. The research was conducted at the Maria Júlia Maranhão Reeducation Center, located in the city of João Pessoa. The empirical material was produced from the interview with ten collaborators, the results of this material were discussed based on the vital tones of the narratives, which subsidized the construction of three thematic axes, as follows respectively: Motivations: Financial benefits, job stability and flexibility In the work scale; Penitentiary security agent: a mixture of feelings added to prejudice and lack of recognition; The price of being a penitentiary security agent: repercussions on the life and health of these women. These axes stimulated the discussion based on the comparison between the findings obtained through the interviews and the pertinent literature. This research respected the ethical and legal aspects that regulate Resolution 466/12 of the National Health Council, as well as of Resolution 311/2007 that deals with the ethics of nurses in scientific research. Being approved on 07/21/2016, under the CAAE: 56468016.7.0000.5188. The stories of the women workers revealed that the main motivations that led these women to the profession of penitentiary security were: financial benefits, job stability and flexibility in the work scale. They also revealed that they experience a mixture of feelings, among them fear, conflict of values, dissatisfaction and revolt related to prejudice and lack of recognition. It was also possible to perceive how this work activity can bring moments of "pleasure", but mainly of pain and suffering. For employees, although it is a profession of risk that affects the health of professionals, it also offers opportunities for learning and reflection on how to value more life and their families.

Descriptors: Prisons; Penitentiary Security Agents; Worker's health.

RESUMEN

SOARES, C.C.D. Entre las paredes, las células y las sombras: la historia oral de trabajar en una institución de la prisión las mujeres. 2017. 122f. Tesis (Maestría en Enfermería) - Ciencias de la Salud de la Universidad Federal de Paraíba - UFPB, João Pessoa.

Se trata de una investigación de enfoque cualitativo que utilizó la técnica de la Historia Oral Temática. El presente estudio tuvo como objetivo principal: conocer la historia de agentes de seguridad penitenciaria de una institución penitenciaria femenina. La investigación se realizó en el Centro de Reeducción Maria Júlia Maranhão, ubicado en la ciudad de João Pessoa. El material empírico fue producido a partir de la entrevista con diez colaboradoras, los resultados de ese material se discutieron sobre la base de los tonos vitales de las narrativas, que subsidiaron la construcción de tres ejes temáticos, según sigue: Motivos: Beneficios financieros, estabilidad en el empleo y flexibilidad En la escala de trabajo; Agente de seguridad penitenciaria: una mezcla de sentimientos sumados al prejuicio y la falta de reconocimiento; El precio de ser agente de seguridad penitenciaria: repercusiones en la vida y la salud de esas mujeres. Estos ejes fomentaron la discusión sobre la base de la confrontación entre los hallazgos obtenidos a través de las entrevistas y la literatura pertinente. Esta investigación respetó los aspectos éticos y legales que regulan la Resolución 466/12 del Consejo Nacional de Salud, así como de la Resolución 311/2007 que trata de la ética de enfermeros en las investigaciones científicas. Al ser aprobada el día 21/07/2016, bajo la CAAE: 56468016.7.0000.5188. Las historias de las colaboradoras revelaron que las principales motivaciones que llevaron a esas mujeres a la profesión de agente de seguridad penitenciaria fueron: beneficios financieros, estabilidad en el empleo y flexibilidad en la escala de trabajo. También revelaron que vivían una mezcla de sentimientos, entre ellos el miedo, el conflicto de valores, la insatisfacción y la revuelta relacionados con el prejuicio y la falta de reconocimiento. También fue posible percibir cómo esa actividad laboral puede traer momentos de "placer", pero principalmente de dolor y sufrimiento. Para las colaboradoras, a pesar de tratarse de una profesión de riesgo que repercute en la salud de los profesionales, ella también ofrece oportunidades de aprendizaje y reflexión sobre cómo valorar más la vida y sus familiares.

Palabras clave: las cárceles; agentes de seguridad de la prisión; Salud Ocupacional.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASP: Agente de Segurança Penitenciária

CAAE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CCS: Centro de Ciências da Saúde

DEPEN: Departamento Penitenciário Nacional

GEPHOSM: Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Saúde da Mulher

GEPSMEC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental Comunitária

HO: História Oral

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Infopen: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

PB: Paraíba

SEAP: Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba

SENAC: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUSEPE: Segundo a Superintendência dos Serviços Penitenciários

TCI – Terapia Comunitária Integrativa

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG: Universidade Federal de Campina Grande

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. Reflexões iniciais	12
1.1. Aproximação com a temática	13
1.2. O problema e o objeto em foco	13
1.3. Objetivos	15
1.3.1. Objetivo Geral	15
1.3.2. Objetivos Específicos	15
2. Revisão da literatura	17
2.1. O sistema prisional: contexto histórico	18
2.1.1. Evolução do cárcere	18
2.1.2. A reforma nas prisões e o surgimento dos sistemas penitenciários	20
2.1.3. O sistema penitenciário no Brasil	23
2.2. Agente de segurança penitenciária: vulnerabilidade e preconceito	26
3. Caminho metodológico	30
3.1. Justificando o paradigma adotado	31
4. As Narrativas das Colaboradoras	37
5. Análise e Discussão do Material Empírico	86
5.1. Motivações: Benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho	87
5.2. Agente de segurança penitenciária: uma mistura de sentimentos somados ao preconceito e a falta de reconhecimento	90
5.3. O preço de ser agente de segurança penitenciária: repercussões na vida e na saúde dessas mulheres	94
6. Considerações Finais	101
Referências	105
Anexos	110
Apêndices	114



Fonte: Google imagens, 2017.

1. Reflexões iniciais

1.1 Aproximação com a temática

Meu primeiro contato com o sistema prisional foi durante uma ação de saúde, promovida pela direção do Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão com participação da UFCG – CES, Campus Cuité, a todos os funcionários que enfrentam o estresse no sistema prisional.

Ao iniciar o mestrado, fui convidada a colaborar com uma pesquisa que estava sendo realizada com apenas do Centro Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão. Ao ingressar no local, tive a oportunidade de conhecer e estabelecer um vínculo com as agentes penitenciárias que trabalhavam em um ambiente inseguro e excludente.

Após essa experiência, e somada ao desejo das agentes de serem ouvidas, levei a proposta a minha orientadora que concordou com a importância de conhecer as histórias dessas mulheres. Como o GEPHOSM trabalha com a técnica da História Oral, com base nos preceitos estabelecidos por Meihy (2005), que permite transformar memória em narrativa, consideramos que isto poderia contribuir para tornar público o cotidiano das agentes e assim tentar minimizar o preconceito e a falta de reconhecimento ainda presente na sociedade.

1.2 O problema e o objeto em foco

A inserção da mulher no mercado de trabalho não tem sido fácil e traz repercussões na organização e na estrutura do funcionamento familiar. A ideologia de gênero não isenta o preconceito e os estigmas dessas mulheres. Mas apesar de todas as dificuldades, compreende-se que o trabalho pode significar sacrifício, sobrevivência, realização, status social, pode ser considerado formador da identidade e, também, pode trazer mudanças na vida das profissionais. Trabalhar é buscar incorporar argumentos de proteção e de realização do ego, relativos ao viver em comum, ao mundo social, ser aceito, conviver e interagir com uma sociedade ativa (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013; FERNANDES, 2013).

A saúde do trabalhador está ligada às relações de prazer e sofrimento no ambiente de trabalho. O prazer contribui para a eficácia e satisfação, já o sofrimento desestabiliza e pode levar à exaustão. Porém, é importante ressaltar que sofrimento não significa doença, assim como prazer não é sinônimo de saúde. Pensando nisso, sabe-se que trabalhar em uma penitenciária, seja ela feminina ou masculina, além da hostilidade do ambiente que remete a elevadas cargas de tensão, o sistema exige da profissional um serviço público de alto risco,

com uma rotina complexa e de grande responsabilidade. Dessa forma, sentimentos como insegurança e medo da violência podem estar presentes em alguns momentos e, conseqüentemente, proporcionar estresse (ALMEIDA; MERLO, 2008; JASKOWIAK; FONTANA, 2015).

Uma instituição prisional detém fatores que levam a agente a problemas físicos e psíquicos de várias ordens, tanto físicos quanto psicológicos. O que se pode classificar, por diversas razões, já mencionadas anteriormente, como uma profissão arriscada e estressante. Essas trabalhadoras desempenham a função de vigiar e reeducar mulheres adultas, que são privadas de sua liberdade. Porém, na maioria dos casos, a realidade mostra presídios superlotados, com infraestrutura precária causando assim más condições de trabalho. Há, ainda, o sentimento de insegurança acompanhado do medo de sua identidade profissional ser revelada fora do ambiente prisional (LOURENÇO, 2010; SANTOS, 2010; LEKA; JAIN, 2012).

Antigamente, quando o carrasco era o responsável por efetuar a pena aos condenados, sua identidade era preservada, o que hoje não acontece com as agentes, propiciando situações de assédio. Além disso, apesar de a presença das agentes de segurança penitenciária ser essencial para manter a ordem no sistema prisional, existe a falta de reconhecimento e desvalorização profissional que provoca também grandes frustrações. A sociedade, assim como muitas autoridades, desconhece o cotidiano de um presídio e não valorizam devidamente quem nele trabalha (LOURENÇO, 2010; LOURENÇO, 2011).

A realidade do sistema prisional e suas dificuldades são um problema antigo, porém ainda são poucas as publicações científicas relacionadas a essa temática, principalmente quando relacionadas aos agentes de segurança penitenciária, e esse valor cai ainda mais quando trata-se das mulheres dessa categoria. Quando falamos que a mulher ainda vem conquistando seu espaço no mercado de trabalho, podemos dizer que essa luta acontece com maior dificuldade no sistema prisional. O que se percebe é que a sociedade constrói sua visão sobre o ambiente prisional através de reportagens e filmes, maquiando ou muitas vezes distorcendo a realidade (TAETS, 2012).

Compreende-se que trabalhar numa instituição prisional pode comprometer tanto a saúde física como mental. Por outro lado, as agentes, além de carregarem o legado de “donas do lar”, também são estigmatizadas com a ideia de que policial e agente de segurança

penitenciária são profissões masculinas. Assim, é de fundamental importância conhecer um pouco da história dessas trabalhadoras, tanto para a compreensão quanto para a intervenção dessa problemática.

Para isso, a partir dos resultados provenientes da realização dessa pesquisa, espera-se uma sensibilização de gestores e trabalhadores – desta área que envolve as ciências da saúde, humanas, sociais e jurídicas – para incentivar a aplicação de medidas que venham a favorecer o cuidado à saúde dessas profissionais e, conseqüentemente, contribuir para aprimorar as estratégias de enfrentamento do processo de adoecimento e minimizar os agravos no ambiente de trabalho. Através das histórias dessas mulheres, é possível sensibilizar a sociedade a fim de combater o preconceito existente nessa categoria.

Diante do exposto, a pesquisa busca conhecer as repercussões que trabalhar em uma instituição de privação de liberdade traz na vida de mulheres agentes de segurança penitenciária. Para tanto, foram elaborados os seguintes questionamentos para nortear o desenvolvimento da pesquisa: Quais motivações levaram essas mulheres a exercer a função de agente penitenciária? Qual o sentimento dessas mulheres diante da realidade de atuar em uma instituição prisional? Que repercussões essa atividade laboral traz para a saúde delas e como elas se cuidam?

Assim, este estudo foi estimulado pela inquietação marcada pela visão retroativa que a sociedade possui sobre a rotina prisional, bem como pela influência que esse ambiente hostil pode causar na saúde dessas profissionais, de forma que seja possível minimizar os efeitos insalubres ocasionados na rotina do trabalho.

1.3 Objetivos:

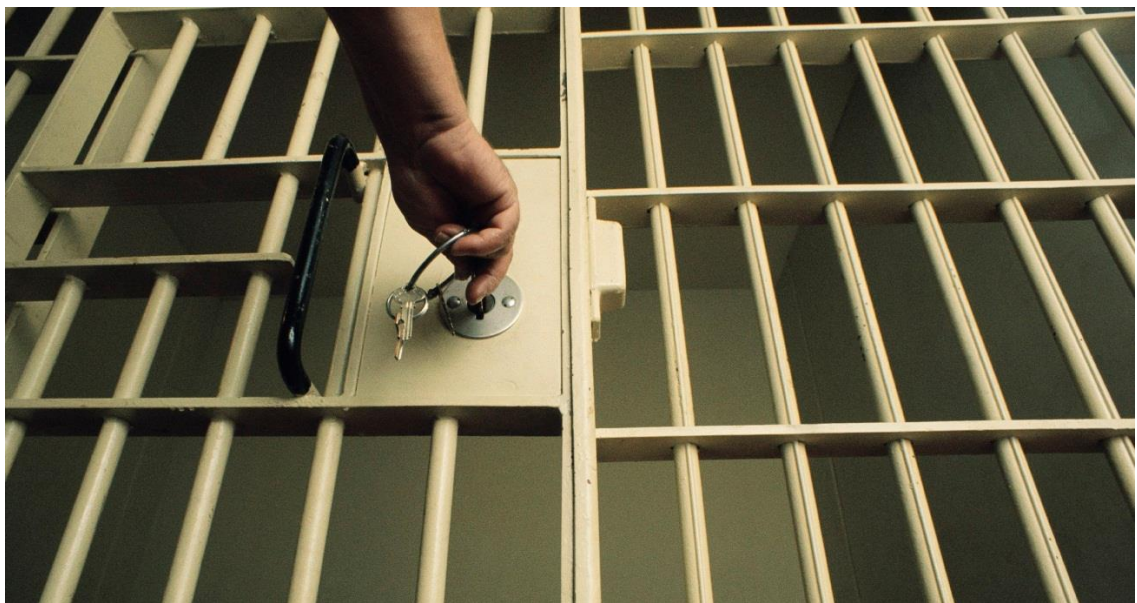
1.3.1 Objetivo Geral:

- Conhecer a história de agentes de segurança penitenciária de uma instituição prisional feminina.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Identificar as motivações que levaram essas mulheres a exercer a função de agente penitenciária;

- Investigar o sentimento dessas mulheres diante da realidade de atuar em uma instituição prisional;
- Verificar a repercussão de trabalhar como Agente de Segurança Penitenciária na saúde dessas mulheres e como elas fazem para se cuidar.



Fonte: Google imagens, 2017.

2. Revisão da literatura

2.1 O sistema prisional: contexto histórico

2.1.1 Evolução do cárcere

A partir do momento em que o homem passa a viver em sociedade, surge também o crime e a aplicação de uma penalidade em decorrência disto, algo que nos acompanha através dos tempos. Embora existam divergências, para a Teoria Finalista da Ação (melhor aceita atualmente pelos doutrinadores), uma teoria de Direito Penal que estuda o crime como atividade humana, o descreve como “ação típica, antijurídica e culpável” (LIMA, 1986; HASSE, 2010).

Então, podemos dizer que o surgimento da pena ocorre quando Adão e Eva foram enganados pela serpente, comeram do fruto da vida e, assim, cometeram a primeira infração. E, conseqüentemente, foram penitenciados, segundo a Bíblia, pelo próprio Deus, fazendo-os deixarem o “Jardim do Éden” para viverem para sempre as conseqüências do seu pecado (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012).

Estudiosos subdividem a história do direito penal em seis períodos: a) Vingança Privada, b) Vingança Divina, c) Vingança Pública, d) Humanitário, e) Criminológico ou Científico, f) Novas Defesas. Porém, não necessariamente elas ocorreram de forma ordenada, ou seja, um período pode ter convivido com outro período (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012). Os meios punitivos iniciaram-se como forma de vingança. Não havia qualquer espécie de administração pertinente à Justiça, caracterizando uma reação instintiva e sem limites, não havendo proporcionalidade e nem pessoalidade durante o “castigo” (CAPEZ e BONFIM, 2004, p. 43).

Em meados de 3500 a.C. até 476 d.C., a privação da liberdade ocorria em forma de custódia do indivíduo, contendo os criminosos até o momento de serem julgados ou executados através de penas corporais e/ou de morte. Além do aprisionamento para aplicação de sentença de morte, penas corporais, perda dos direitos de cidadão e apreensão dos bens, na Grécia, era possível o encarceramento de devedores como medida coercitiva para forçá-los a pagar sua dívida (GUZMAN, 1983; GOMES NETO, 2000).

Já no período da vingança divina, acreditava-se que os deuses eram guardiões da paz e aqueles que estivessem contra essa crença e desrespeitassem as leis, seriam considerados infratores. O período caracterizou-se, também, pela crueldade das penas: quanto maior a

importância da divindade agravada, mais cruel seria o castigo. Nesse período, o direito e a justiça eram pautados através das crenças, religiões e poder real, no qual o direito provinha da vontade divina ou de leis formuladas pelo rei, muitas vezes injustas, em que o povo nada poderia fazer devido ao suposto poder divino. Durante a Idade Média, a Igreja era um dos centros de poder, em que havia dois poderes, o temporal e o espiritual, representados respectivamente pelo Imperador e pelo Papa, sendo o poder espiritual superior ao do Imperador, pois nada poderia contrapor a lei divina, sendo a Idade Média caracterizada pela submissão (CRETELLA JÚNIOR, 1999; NORONHA, 2000).

Nos mosteiros, os clérigos e monges rebeldes eram enclausurados em celas até que se arrependessem e se reconcilhassem com Deus. Os sacerdotes eram os responsáveis pela administração da justiça, bem como pela aplicação das sanções (MARTINS, 2014). Mas com o crescente aumento do poder da Igreja, as penas passaram a ser executadas por Tribunais civis, o que fez com que os tribunais eclesiásticos perdessem a finalidade de buscar a recuperação dos criminosos (religiosos ou não) através do arrependimento, e passassem a empregar a tortura, sem prévio julgamento, agindo apenas mediante os seus valores e entendimentos, período conhecido como “Inquisição” (ZAFFARONI; PIERANGELI, 2011).

Após a queda do Império Romano e a invasão da Europa pelos povos bárbaros (séculos V ao XV), as punições foram marcadas pela extrema crueldade em suas aplicações (MARTINS, 2014). As penas eram realizadas publicamente pelo “carrasco” (executor real) e seus auxiliares, em que o condenado, exposto às multidões em praça pública, era submetido a espetáculos de suplícios como forma de punição perante toda a sociedade (FOUCAULT, 2013).

Porém, tempos depois, com o fim da Idade Média, os gregos passaram a investigar mais os fatos e os acontecimentos, deixando de relacioná-los apenas à religiosidade, contribuindo assim para o crescimento do conhecimento. O que explica os romanos e os gregos serem os pioneiros do direito natural, em que o direito tinha a finalidade de ordem, contribuindo para o nascimento da Justiça (SILVA; CARVALHO, 2015).

No fim do século XVIII e início do século XIX, início da Idade Moderna, vai se extinguindo o suplício. Filósofos e teóricos passam a defender que é preciso punir de outra maneira, eliminando o confronto entre soberano e condenado. O intuito da punição deveria desviar o homem do crime e não transformá-lo em divertimento público. Assim, a punição pouco a pouco deixa de ser um espetáculo. E toda punição que fosse espetacularizada, seria

considerada desumana, provocando uma inversão de papéis, na qual o carrasco e os juízes seriam vistos como delinquentes e o criminoso como merecedor de compaixão. Sendo assim, a execução pública passou a ser vista como um estímulo à violência, tornando as práticas punitivas desumanas, o que estabeleceu mudanças no cenário buscando corrigir, reeducar, “curar”, e pondo fim aos suplícios, dando lugar a métodos de trabalho forçado e à privação da liberdade, com a intenção agora de punir a alma, ao invés do corpo (FOUCAULT, 2013).

Já com o capitalismo ganhando força, a perspectiva do lucro era prioridade. Assim, foram criadas instituições denominadas Casas de Correções, que através do trabalho o homem era transformado em um indivíduo útil, dócil e disciplinado, cujo objetivo era obter o controle do seu comportamento. O que pode ser observado mesmo quando a pena não está concentrada no suplício, pois os complementos punitivos continuam centrados no corpo (redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra) (JUNQUEIRA, 2005; FOUCAULT, 2013).

2.1.2 A reforma nas prisões e o surgimento dos sistemas penitenciários

A utilização de castigos já vinha gerando insatisfação social, revolta e duras críticas. Com o Iluminismo (movimento de caráter filosófico, político, social, econômico e cultural, que defendia o uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação), surgiu a ideia de uma pena humanitária, mudando os parâmetros da sociedade em todos os sentidos (GOFFMAN, 2005).

Esse movimento contribuiu para a realização de uma grande reforma nas prisões, com o surgimento do sistema penitenciário seguindo as ideias dos pensadores iluministas, em destaque: John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham, que tiveram significativa contribuição na Ciência Penitenciária.

John Howard foi um viajante e filantropo inglês que dedicou sua vida ao trabalho de melhoria das condições das prisões na Europa. Seu interesse pelo cárcere foi despertado após ter seu navio capturado por corsários franceses, e ter vivido na prática os horrores das condições do cárcere. A posteriori, visitou inúmeras instituições penais em vários países, publicando em 1777 os resultados de suas pesquisas no livro intitulado “*O Estado das Prisões na Inglaterra e no País de Gales*”, no qual contestava o amontoamento de delinquentes, sem

qualquer critério de separação e sob condições indignas de sobrevivência para os presos (CHIAVERINI, 2009; GONÇALVES, 2009).

Embora suas ideias não tenham sido levadas adiante no seu país de origem, tiveram forte impacto nos Estados Unidos, onde a Sociedade da Filadélfia adaptou suas ideias, criando em 1797 a primeira prisão do tipo celular. Dentre as ideias defendidas por Howard, destacam-se: a educação religiosa, trabalho regular e organizado, condições alimentícias e de higiene humanas, isolamento parcial para evitar o contágio moral, classificação dos presos por sexo e tipo de delito e inspeções periódicas (GOMES, 2000; CHIAVERINI, 2009).

Cesare Beccaria escreveu a obra *“Dos Delitos e Das Penas”*, publicada em 1764. Tal obra representa uma das mais importantes referências ao direito penal moderno, uma vez que, objetivava preservar os direitos do gênero humano, através da classificação dos crimes e dos castigos, individualizando as penas, em conformidade com as características singulares de cada criminoso, traçando assim os limites do punir (FOUCAULT, 2013; BECCARIA, 2006; GARUTTI; OLIVEIRA, 2012).

Fundado sobre os ideais Iluministas e, fortemente influenciado por Montesquieu (1689–1755) e Rousseau (1712–1778), lutava para que a punição não agredisse desnecessariamente os direitos naturais do ser humano. Deste modo, o autor não se mostrava contra a pena de prisão em si, mas contrário com a maneira que as prisões assumiam um verdadeiro papel de “morada do terror e da fome”, retornando ao sentido de supliciar o prisioneiro (PRACIANO, 2007; BECCARIA, 2006; GARUTTI; OLIVEIRA, 2012).

Embora não tenha sido o primeiro a abordar essa temática, Beccaria obteve um imenso destaque em decorrência da forma como se expressou, seu livro foi traduzido para várias línguas e influenciou positivamente diversas legislações, despertando a atenção de grande massa populacional. Basicamente, a obra condenava, no sistema penal então vigente (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012):

- A forma de aplicação e a linguagem utilizada pela lei, pois grande parte dos acusados, além de analfabetos, não tinha sequer noção dos dispositivos legais;
- A desproporção entre os delitos cometidos e as sanções aplicadas;
- A utilização indiscriminada da pena de morte;
- A utilização da tortura como meio legal de obtenção de prova;

- Não separação dos denunciados que aguardavam julgamento e condenados que esperavam a execução da pena.

O inglês Jeremy Bentham, filósofo e criminalista, foi outro importante pensador e reformador que defendia a ideia de prisões mais humanas e com a função de corrigir o recluso, trabalhando inclusive a favor da “assistência pós-penitenciária”, visto que observou que os reclusos, após liberdade, eram soltos no meio social sem qualquer auxílio ou cuidado (MARTINS, 2014; FADEL, 2009).

Porém, sua maior influência foi na arquitetura penitenciária, criando o modelo organizacional penitenciário conhecido como “Panóptico”. Essa estrutura era formada por uma torre central e uma estrutura circular em torno desta, de modo que o observador – o guarda prisional – conseguia observar (“opticon”) todos os prisioneiros (“pan”) sem que fosse visto por estes, gerando nos presos uma sensação de vigilância ininterrupta e total, causando uma repressão dos seus impulsos (“self-discipline”) (FOUCAULT, 2013; FADEL, 2009).

O modelo proposto por Bentham permite evitar aglomerações de seres humanos que eram encontradas nos locais de encarceramento, livrando-os de violências, más influências, além de evitar planos de fuga e contágio de caráter. Com os detentos em regime de solidão e vigília constante não é mais necessário recorrer à força para conseguir o “comportamento desejado”, as relações de poder faziam o mecanismo de domesticação funcionar espontaneamente (FOUCAULT, 2013; CHIAVERINI, 2009).

Por esse motivo, Bentham foi fortemente criticado por Foucault, que comparava suas ideias a um zoológico de seres humanos. Apesar disso, diversas prisões foram criadas sob o modelo Panóptico, especialmente nos Estados Unidos, onde suas proposições tiveram maior acolhida (mesmo com suas ideias não sendo seguidas na sua totalidade) (MAIA et al, 2009; CHIAVERINI, 2009).

Após a reforma das prisões e com o surgimento do sistema penitenciário, seguindo as ideias de Howard, Beccaria, Bentham, entre outros pensadores, consagraram-se dois modelos de execução da pena: o sistema Celular ou Pensilvânico, em que o preso permanecia isolado na sua cela, não podendo trabalhar ou mesmo receber visitas; e, o modelo Auburniano, no qual os prisioneiros eram divididos em categorias, e aos com maior potencial de recuperação eram permitidos trabalhar em conjunto durante o dia e isolados apenas à noite. Ambos os

modelos, colocariam o isolamento, o silêncio e o trabalho, como o cerne da pena de prisão, seguindo os pilares arquitetônicos do estilo Panóptico (MAIA et al, 2009; MARTINS, 2014).

Tanto o sistema celular, quanto o Auburniano foram duramente criticados e o fracasso desses sistemas levou à criação, na Europa, dos chamados sistemas progressivos que, inseriam novos conceitos à privação da liberdade. O objetivo do sistema progressivo era propiciar ao prisioneiro uma gradual reabilitação de forma a contribuir para sua reinserção na vida externa à prisão, readaptando-o a padrões de vida socialmente aceitos. E muitos desses conceitos trazidos pelos sistemas progressivos se difundiram em um grande número de países (inclusive no Brasil) e são utilizados até os dias de hoje (GALVÃO, 2012; MARTINS, 2014).

2.1.3 O sistema penitenciário no Brasil

No Brasil, os costumes penais dos indígenas eram destituídos de interesse jurídico pelos colonizadores, que trouxeram as leis portuguesas para serem aplicadas aqui. Embora outros documentos legais estivessem em vigência durante o período colonial, foram as Ordenações Filipinas que se configuraram como o primeiro estatuto brasileiro, por ter maior aplicabilidade que os anteriores e expressarem claramente os conceitos de crime e de pena (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012).

Esse foi o Código Penal de maior vigência no Brasil, entre os anos de 1603 a 1830. Ao crime cometido cabia a classificação na esfera civil ou religiosa, porém a diferença existia apenas no ato do julgamento, quando se tornava explícita a desigualdade das classes sociais: para os nobres, as punições eram multas, deixando os castigos pesados e humilhantes para as classes inferiores (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012; FADEL, 2009).

O início dos trabalhos legislativos no Brasil dá-se após outorgada a Constituição de 1824, que visava suprimir a legislação portuguesa ainda vigente. Em 1830, o imperador D. Pedro I sancionou o Código Criminal, primeiro Código autônomo da América Latina, fundamentado nos conceitos de Bentham e Beccaria que, embora tenha sido um grande marco na história das prisões no país, não promoveu grandes mudanças, uma vez que, as instituições prisionais eram de competência dos governos provinciais, o que as levava a seguir os interesses das elites dominantes locais, mantendo discrepância entre a efetiva prática e os dispositivos legais (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012; DUARTE, 2014).

Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, instala-se uma nova ordem política em virtude da abolição da escravatura, emergindo a necessidade de reforma na legislação penal. O novo Código Penal, de 11 de outubro de 1890, aboliu diversas penas, como a de morte, substituindo-as por penalidades mais brandas e firmando a instituição prisional como o espaço para aplicação e execução das condenações (GARUTTI; OLIVEIRA, 2012; SANTA RITA, 2006).

Por receber críticas intensas, o Código passou por uma Comissão Revisora em maio de 1938, entrando novamente em vigor em 1º de janeiro de 1942, trazendo como destaque a criação de um sistema de execução em três regimes: fechado, semiaberto e aberto e a permissão de que, no início do cumprimento da pena, ocorresse em regimes menos severos, dependendo do tempo da sanção e da periculosidade do condenado (DUARTE, 2014).

No ano de 1984, novas mudanças ocorreram no Código Penal (Lei 7209/1984) e foi sancionada a Lei de Execução Penal (Lei 7210/1984), ambas valorizando a classificação do indivíduo para ingresso no estabelecimento penal, o programa de recuperação e reinserção social, além das questões administrativas e judiciais para a execução das penas (DUARTE, 2014; BRASIL, 1984).

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) foi o marco para o início de uma nova ordem democrática, estabelecendo direitos com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, instituindo a dignidade da pessoa como princípio básico da estrutura constitucional brasileira, reservando, inclusive, diversos incisos do art. 5º, para a proteção das garantias do indivíduo preso.

Apesar de o código penal, de a lei de execuções penais, de a Constituição Federal e de diversos outros dispositivos legais normatizarem disposições de sentenças e decisões criminais e garantirem direitos e condições para a integração social do condenado ou internado, a combinação destes dispositivos legais com a prática penitenciária configura-se como um dos grandes desafios do sistema prisional atual (PRACIANO, 2007; SANTA RITA, 2006).

Para o sociólogo Loïc Wacquant (WACQUANT, 2001), as prisões brasileiras são verdadeiros depósitos de pobres. O autor enfatiza que com o aumento da pobreza advinda dos moldes capitalistas, ocorre também um endurecimento na aplicação das penas a determinados grupos sociais e, conseqüentemente, o crescimento das taxas de encarceramento no Brasil.

De acordo com o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), por meio do Infopen (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias), a população prisional brasileira no ano de 2000, quando começou a realização do censo penitenciário, correspondia a 232.755 mil pessoas, passando para 607.731 mil no relatório divulgado em 2014. Se somarmos as 147.937 pessoas em prisão domiciliar, são 775.668 pessoas privadas de liberdade no Brasil (BRASIL, 2014).

O Brasil tem a quarta maior população prisional do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, da China e da Rússia. Porém, nos últimos anos (2008-2013), desses quatro países, estão reduzindo seu ritmo de encarceramento os Estados Unidos reduziram a taxa de pessoas presas em 8%, a China em 9% e a Rússia em 24%. O Brasil, seguindo o ritmo contrário, aumentou a taxa de encarceramento em 33%. Caso seja mantida essa tendência, pode-se projetar que a população privada de liberdade do Brasil ultrapasse a da Rússia já em 2018 (BRASIL, 2014).

Com o constante crescimento nos números de encarceramentos, cada vez mais se agrava o problema da superlotação nas penitenciárias, havendo um déficit crônico de vagas no sistema prisional nacional. Esse problema é potencializado quando se evidencia a questão dos presos provisórios que, em decorrência da morosidade judicial, mesmo ainda aguardando uma sentença, são amontoadas em situação de privação total de liberdade sob condições extremamente adversas (DUARTE, 2014).

O rápido e desordenado crescimento da população prisional não foi acompanhado pelos investimentos em reformas, ampliações e construção de presídios, gerando nas prisões brasileiras grandes problemas estruturais como: celas muito pequenas para o número de presos (um espaço concebido para custodiar 10 pessoas, abriga por volta de 16 indivíduos encarcerados), construções inapropriadas e mal conservadas, dependências sujas, com pouca iluminação e ventilação, serviços internos funcionando com pouca eficácia e os profissionais pouco habilitados para o exercício de determinadas funções específicas desse ambiente (BRASIL, 2014). Assim, percebe-se que a insalubridade e hostilidade do ambiente prisional contribuem para o aparecimento de doenças, influenciando também na qualidade do trabalho do agente de segurança penitenciária.

2.2. Agente de segurança penitenciária: vulnerabilidade e preconceito

A luta da mulher para ganhar espaço no mercado de trabalho vem percorrendo uma longa e árdua trajetória, pois a diferença entre os sexos sempre existiu e esteve presente desde o início dos tempos. A sociedade ainda subestima a capacidade profissional da mulher, limitando sua ocupação a posições subalternas e secundárias. Essa luta constante acontece desde os anos 70 em todos os países ocidentais. E no Brasil percebe-se um considerável crescimento da população feminina no mercado de trabalho, cada vez mais intenso e diversificado, não mostrando nenhuma tendência de retrocesso, apesar das crises econômicas que assolam o país desde os anos 80 (FONSECA, 1997; SCHIRMER, 1997).

A inserção feminina no mercado de trabalho provocou alterações significativas em seu cotidiano. Antigamente, a mulher era responsável apenas por cuidar da casa e da família, mas com o surgimento do método contraceptivo, responsável por regular o planejamento familiar, houve mudanças nas relações familiares com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, tais como: a divisão de tarefas domésticas e a divisão da responsabilidade na educação dos filhos e nas finanças do lar (SARTI, 1997).

Nos últimos tempos, houve diversas mudanças na vida profissional das pessoas, diante do contexto capitalista a maioria das pessoas passaram a maior parte do seu tempo trabalhando, mas nem sempre essa dedicação exclusiva traz realização profissional, podendo vir a contribuir para insatisfação e até mesmo esgotamento, seja decorrente da carga horária excessiva, da tensão provocada pelos riscos do emprego, pela insatisfação na profissão, excesso de trabalho, pela falta de reconhecimento, relações interpessoais prejudicadas ou a soma de tudo isso, que muitas vezes leva ao adoecimento laboral (SATLER, 2014).

Antigamente, era considerado desprestígio trabalhar numa instituição prisional, era algo visto com tanto preconceito que para conseguir contratar um agente penitenciário, muitas vezes, utilizavam a ameaça como forma de convencimento, a exemplo da possibilidade de encarceramento (LOPES, 2002). Para a sociedade, uma instituição de privação de liberdade é considerada um lugar sujo, no qual as pessoas ditas como perigosas coabitam. E esse preconceito pode aumentar ainda mais quando se trata de agentes femininas, em que a mulher é masculinizada perante os olhos da sociedade. A maioria das instituições prisionais brasileiras são superlotadas, carentes de assistência, com ambientes úmidos e infectos compartilhados por inúmeras pessoas (LEAL, 2001).

Apesar disso, as penitenciárias têm o objetivo de ressocializar os sentenciados, mesmo diante das precárias condições. O que torna o papel dos agentes difícil, pois vivenciam uma rotina complexa e de alta responsabilidade. No Brasil, há poucos estudos sobre condições de

trabalho em penitenciárias, apesar dos numerosos estabelecimentos prisionais e do elevado número de funcionários existentes. Porém, compreende-se que é um trabalho árduo e que pode vir a contribuir significativamente para o adoecimento do profissional (ALVES; BINDER, 2014).

Antigamente, quem trabalhava numa instituição prisional era conhecido como carcereiro, posteriormente, foram chamados de guardas e, hoje, denominam-se agentes de segurança penitenciária. Não era exigido um nível de escolaridade ou curso de formação aos carcereiros e guardas, o que pode ter influenciado nas características de corruptos e torturadores. Porém, hoje, no Estado de Goiás, por exemplo, no último Edital do concurso publicado em novembro de 2014, em consonância a Lei estadual nº 16.448/2008, alterou a Lei nº 14.237/2002, que antes exigia o Ensino Médio completo, e passou a exigir conclusão de curso de nível superior em qualquer área de formação, com a finalidade de admitir profissionais cada vez mais capacitados no sistema prisional (SOUZA et al, 2015).

Segundo a Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE) (2006), na descrição sucinta das atribuições dos cargos, no que se refere aos agentes de segurança penitenciária, constam atividades como: cuidar da disciplina e segurança dos presos; fazer rondas periódicas; providenciar a assistência aos presos; informar as autoridades competentes sobre as ocorrências surgidas no seu período de trabalho; verificar as condições de segurança física do estabelecimento; verificar as condições de limpeza e higiene das celas; efetuar registros de suas atividades; fiscalizar a entrada e a saída de pessoas e veículos nos estabelecimentos penais, incluindo execução de serviços de revistas corporais; efetuar a conferência periódica da população carcerária. Sua jornada de trabalho constitui-se de 40 horas semanais em regime de plantões de 12h por 24h e de 12h por 36h (sucessivamente) (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

Existem agentes masculinos e femininos, dependendo do gênero dos internos, o que determina o quantitativo de cada sexo que irá atuar dentro do presídio. O agente penitenciário presta serviço público de alto risco que exige planejamento, organização e implementação de serviços de vigilância, custódia e segurança dos indivíduos adultos, que são privados de sua liberdade (TAETS, 2009).

Além dos ASP, o sistema prisional também é formado pelo corpo técnico, que é composto por psicólogo, assistente social e equipe de saúde; pelos oficiais administrativos, que são responsáveis pelas tarefas administrativas; pelos motoristas que são responsáveis pelo transporte dos presos; pelos mestres de ofício responsáveis pela manutenção das unidades; e,

pelos almoxarifes responsáveis pelo recebimento, controle, estocagem e liberação dos materiais para uso da instituição (LOURENÇO, 2010).

No entanto, observa-se que o quadro de profissionais encontra-se reduzido, o que tem levado a uma sobrecarga de trabalho. A superlotação do sistema prisional é uma realidade no Brasil e isso pode aumentar a violência, a corrupção, as doenças e os riscos de ataques violentos tanto entre os presos como também entre os presos e os agentes. O que impossibilita os agentes de exercerem a sua função com tranquilidade, gerando más condições de trabalho e contribuindo para o adoecimento laboral (VASCONCELOS, 2000; SANTOS 2010).

Os presos e os agentes de segurança penitenciária convivem diariamente em ambientes escuros, úmidos, ínfimos, rodeados de violência e isolados do convívio social. Os Agentes, junto com a Equipe Dirigente e Grupo Técnico, possuem a difícil, senão impossível, tarefa de ressocializar e reintegrar socialmente aqueles que, para algumas pessoas, são considerados a “classe perigosa da sociedade” (LOURENÇO, 2010).

Trabalhar no ambiente prisional pode significar estar exposto ao perigo, forçando o profissional a ficar em constante alerta, o que desencadeia momentos de tensão. A periculosidade e a insalubridade do ambiente geram condições propícias ao desenvolvimento de estresse, tornando necessária a existência de estímulos para que esses profissionais adotem momentos de relaxamento, como realizar atividades físicas ou atividades de lazer que possam contribuir para minimizar o estresse laboral e prevenir outros agravos à saúde (GRECO et al, 2013).

Os fatores relacionados ao ambiente e à organização do trabalho podem interferir direta e indiretamente na saúde do profissional, como: pressões, exigência de produtividade, expectativas irrealizáveis, relações tensas e condições laborais precárias, dentre outros. O que torna necessário conhecer o processo de trabalho para finalmente compreender os efeitos deste na saúde das profissionais. Quando o trabalho é responsável por gerar sobrecarga física, cognitiva ou afetiva, poderá contribuir para o adoecimento ocupacional (PENTEADO; SILVA; MONTEBELLO, 2015). No ambiente de trabalho, existem fatores estressores ligados às condições físicas, ambientais, e condições psicológicas e sociais que podem afetar o bem-estar bio-psico-social, além da saúde mental e da integridade moral das pessoas (SATLER, 2014).

O estresse é uma condição que pode afetar pessoas de todas as idades, porém existem pessoas com maior predisposição, como trabalhadores por exemplo. Estes constituem um subgrupo populacional exposto a agentes estressores específicos, que também os leva a hábitos alimentares inadequados, padrão de sono prejudicado, uso do tabagismo, entre outros. Estatísticas revelam que trabalhadores estressados estão duas vezes mais suscetíveis a sofrerem um acidente vascular cerebral e que 32,5% dos infartos do miocárdio são decorrentes de fatores psicossociais, dentre os quais o estresse e a ansiedade. Também é importante destacar que, além do evento estressor, existem as diferenças individuais e as variáveis cognitivas e motivacionais. Sendo assim, é importante analisar também os aspectos individuais e pessoais, ou seja, os aspectos culturais, religiosos e sociais, bem como o grau de resiliência de cada um. Portanto, a exposição a fatores estressores internos e externos, por um longo intervalo de tempo, pode potencializar o estresse patológico em diversos indivíduos (FARAH et al, 2013).

Estudos sobre o adoecimento relacionado ao estresse, influenciado pelo ambiente de trabalho, tiveram início recentemente. Segundo Billiard (2011), seus primeiros passos ocorreram na França, no período entre as duas guerras, com a clínica do trabalho e, depois da guerra, sob o nome de Psicopatologia do Trabalho. A partir dos anos 80, pesquisas associam Psicanálise à Ergonomia, tendência essa que vem ganhando destaque (DEJOURS, 2013).

Foi em função dessa expansão que surgiu em 1992 uma nova denominação, a Psicodinâmica do Trabalho, que se apoia no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental, ou seja, na relação do sujeito e na organização do trabalho como determinantes do sofrimento mental. A Psicodinâmica do Trabalho explica a causa do sofrimento e das patologias, bem como do prazer e da saúde relacionados ao trabalho (DERANTY; DEJOURS, 2010).



Fonte: Google imagens, 2017.

3. Caminho metodológico

3.1 Justificando o paradigma adotado

Para conhecer a história das agentes de segurança penitenciária de uma instituição prisional feminina, optou-se por trabalhar com a abordagem qualitativa, buscando identificar as motivações que levaram essas mulheres a exercer a função de agente penitenciária, investigar o sentimento dessas mulheres diante da realidade de trabalhar em uma instituição prisional e verificar a repercussão de trabalhar como agente de segurança penitenciária na saúde dessas mulheres e como elas fazem para se cuidar.

A abordagem qualitativa permite conhecer o objeto de estudo e sua complexidade, revelando contribuições nas ciências sociais ao trabalhar com crenças, valores, aspirações e atitudes que não podem ser quantificadas (MINAYO, 2008).

E na perspectiva de conhecer o universo das agentes de segurança penitenciária, possibilitando dar voz às narrativas dessas mulheres, utilizou-se a técnica da História Oral (HO), com base nos preceitos estabelecidos por José Carlos Sebe Bom Meihy, que considera essa abordagem como promotora da subjetividade humana, da inclusão social, permitindo conhecer a história dos sujeitos pesquisados (MEIHY, 2005). No caso desse estudo, os relatos de experiências dessas mulheres nos permitiu conhecer melhor a realidade de trabalhar numa instituição prisional feminina.

A História Oral é um recurso utilizado para o registro de depoimentos referentes às experiências das pessoas que enriquecem a memória cultural. Existem quatro modalidades principais de HO: História Oral de Vida, História Oral Temática, História Oral Testemunhal e Tradição Oral. Para a realização deste estudo, optou-se pela História Oral Temática, pois essa modalidade trata de um evento definido, ou seja, de uma temática central na perspectiva de desvelar determinado fenômeno escolhido para estudo (MEIHY, 2005).

Este estudo foi realizado na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba – Nordeste – Brasil, que tem uma área territorial de 211.474 km² e, de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE no ano de 2010, dispõe de uma população de 723.515 habitantes (BRASIL, 2011).

O Estado da Paraíba possui quatro unidades prisionais específica para mulheres: O Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa; a Penitenciária Feminina de Campina Grande – PB; a Penitenciária Padrão Romero Nobrega, em Patos – PB; e, a Penitenciária Feminina de Cajazeiras – PB. A escolha da instituição, enquanto cenário da

pesquisa, considerou aquela com maior concentração de população feminina sob cárcere no estado, no caso, o Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, localizado no Complexo Penitenciário de Mangabeira, levando-se em consideração que quanto maior a população prisional, maior o número de ocorrências e situações hotis que possam interferir na organização do trabalho das agentes.

A instituição conta com área destinada à visita familiar, local para banho de sol, enfermaria, espaço para prática esportiva, oficina de trabalho, sala de entrevista com advogado e salas de aula (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2016). Com capacidade para 180 detentas, possui atualmente cerca de 322 mulheres divididas entre: 164 presas provisórias, 112 em regime fechado, 34 em cumprimento de pena no regime semiaberto, 12 em cumprimento de pena no regime aberto e 7 gestantes. Todas distribuídas em 21 celas estruturadas em dois pavilhões.

O quadro de profissionais é composto por 18 agentes de segurança penitenciária masculinos; 38 agentes de segurança penitenciária femininas; 2 chefes de disciplina; 6 motoristas; 7 agentes do setor administrativo; 3 da direção (um direto e dois adjuntos); e, 7 do corpo técnico distribuídos em: médica, enfermeira, psicóloga, dentista, assistente social, auxiliar de saúde bucal e técnica de enfermagem.

Quando se utiliza a História Oral é necessário que as experiências pessoais sejam contadas pelos seus próprios autores (que de acordo com esta metodologia, são denominados de colaboradoras), por meio de sentimentos, gestos, vivências, valorizando o papel histórico, social e humano das pessoas. Assim, para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida, foram definidos três conceitos de forma hierarquizada e organizada para respaldar e conduzir as entrevistas, que são: comunidade de destino, colônia e rede.

A comunidade de destino, constituída por pessoas que partilham de uma mesma identidade, foi formada pelas agentes de segurança penitenciária feminina da instituição. (MEIHY, 2005). Optou-se por trabalhar com a população feminina, levando-se em consideração o fato de a mulher possuir uma maior sensibilidade, dificultando a separação do binômio trabalho/vida social, principalmente quando essa mulher vivencia a maternidade (CARLOTTO et al. 2014).

A colônia, que se configura como uma parcela da comunidade de destino, foi composta pelas agentes de segurança penitenciária femininas do quadro fixo da instituição que possuíam contato direto com as reeducandas, composta por 38 agentes.

E, por fim, a rede considerada uma subdivisão da colônia. A construção da rede e a seleção das colaboradoras, que compuseram a rede, foi de acordo com as referências feitas no depoimento da colaboradora que teve a sua entrevista considerada como “ponto zero”. *“A origem da rede é sempre o ponto zero, e essa entrevista deve orientar a formação da rede”* (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

A rede foi formada por dez agentes de segurança penitenciária com mais de um ano de atuação no presídio, que possuíam contato direto com as reeducandas, e que estavam com disponibilidade em participar voluntariamente da pesquisa. Foi considerada como ponto zero da rede a agente que desde o início demonstrou interesse em ser ouvida, que incentivou e deu total apoio à pesquisa e, no decorrer da sua narrativa, foi indicando outras colaboradoras para compor a rede.

Após a definição da rede, foram realizadas as entrevistas, que na história oral são divididas em três fases: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista, foi realizada a visita de campo, os esclarecimentos acerca do projeto e dos objetivos da pesquisa. Em seguida, as entrevistas foram agendadas de acordo com o plantão de cada colaboradora. E, com a ajuda da psicóloga da instituição, foi possível a confirmação de cada encontro.

Apesar de existir uma escala pré-definida, muitas delas trocam o plantão e nem sempre é possível acompanhar a escala. Além disso, a dinâmica diária do presídio é imprevisível, há dias tranquilos e dias em que a atenção precisa ser redobrada. Por muitas vezes, as entrevistas tiveram de ser canceladas. Algumas vezes por indisponibilidade das profissionais devido a estarem acompanhando alguma ocorrência, por quantitativo limitado de profissionais e estes não poderem ausentar-se no momento da entrevista ou até mesmo por situações de risco dentro do presídio.

A etapa da entrevista propriamente dita ocorreu no período entre 18 de agosto de 2016 a 19 de outubro do mesmo ano. Todos os encontros ocorreram na instituição, alguns na sala da assistente social, outros na escolinha ou na pracinha, e no repouso das agentes, com auxílio do celular e duração, em média, de trinta minutos. Sempre tentando manter a privacidade das colaboradoras. Algumas delas demonstravam bastante receio em serem ouvidas por outras colegas ou alguma apenada. Apesar de garantir o anonimato, elas temem ser reconhecidas.

Antes de iniciarmos as entrevistas, as colaboradoras foram convidadas a assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I), ficando um termo para a

colaboradora e o outro para a pesquisadora, nos quais constavam os objetivos do trabalho, o método utilizado e o posicionamento ético adotado a partir da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos.

Durante a construção do material empírico por meio das entrevistas, o material foi transformado em texto, sendo submetido às seguintes fases (MEIHY, 2005):

- Transcrição: as entrevistas foram ouvidas e transcritas em seu sentido literal, sendo retirados os excessos ou palavras repetidas, sem perder as características de cada narrativa, além de registrar momentos emotivos, ocorridos durante cada entrevista.
- Textualização: nesta fase foram retiradas as perguntas de coorte e o texto ficou em forma de narrativa. É nesta etapa que também foram identificados os tons vitais de cada entrevista, ou seja, o tema que tem maior força expressiva dentro do relato da colaboradora. O tom vital corresponde à frase que serviu de epígrafe, em cada narrativa.
- Transcrição: o texto foi recriado através da ordenação de parágrafos, em que foram retiradas e acrescentadas algumas palavras e frases de acordo com observações e anotações do caderno de campo, mas sem modificar o sentido do texto. A partir daí, foi recriada uma atmosfera da entrevista, procurando trazer ao leitor o mundo das sensações que compõem a história. Logo após o término da transcrição, o texto foi levado às colaboradoras para a conferência do conteúdo.

Na etapa da pós-entrevista, após transcrição de todo conteúdo, foi realizada a conferência das narrativas, na qual elas puderam acrescentar ou retirar depoimentos, além de autorizar a utilização das entrevistas na dissertação e, posteriormente, em publicações (MEIHY; RIBEIRO, 2011). A maioria das colaboradoras não fez qualquer alteração nas suas histórias, outras mudaram apenas algumas palavras e uma delas pediu para excluir quase metade do que havia falado, ela explicou que com algumas daquelas informações ela poderia ser reconhecida e isso não poderia acontecer.

Durante o período de conferências, também foi permitido às colaboradoras uma sugestão de pseudônimo para representá-las em suas narrativas. Estas sugeriram nomes de flores para contrapor a visão ainda presente na sociedade de “mulher masculinizada” diante de seu papel de agente, além de preservar seu anonimato. As flores escolhidas foram: Margarida, Flor de Lótus, Girassol, Petúnia, Flor de Mandacaru, Jasmin, Rosa, Violeta, Flor de

Macambira e Rosa Vermelha, cada uma delas com seu significado especificado nas narrativas.

A análise do material empírico foi conduzida pelos tons vitais das narrativas. Nesta fase, foi necessário recorrer ao procedimento de análise temática para observar em quais temas elas se prenderam mais e que são, portanto, o de maior relevância para elas. Nesta fase, foram encontrados três eixos temáticos nos discursos das colaboradoras: a) Motivações – Benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho; b) Agente de segurança penitenciária – uma mistura de sentimentos somados ao preconceito e à falta de reconhecimento; c) O preço de ser agente de segurança penitenciária – repercussões na vida e na saúde dessas mulheres. Tais eixos fomentaram a discussão com base no confronto entre os achados obtidos através das entrevistas e da literatura pertinente.

Esta pesquisa respeitou os aspectos éticos e legais que regulamentam a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que abordam os deveres e direitos do pesquisador e sujeito, sempre visando ao anonimato e sigilo das informações colhidas; comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos (beneficência); garantindo que falhas previsíveis fossem evitadas (não maleficência) e que houvesse igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (justiça e equidade); bem como também foi respeitada os éticos e legais que regulamentam a Resolução 311/2007, que trata da ética de enfermeiros nas pesquisas científicas.

Considerando que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve riscos, o dano eventual que este estudo poderia ocasionar de imediato era mínimo, ocasionando apenas um possível desconforto psicológico com relação à entrevista, devido ao tempo de duração e das perguntas relacionadas a fatores associados à prática profissional. Diante disso, foram tomadas medidas preventivas durante as entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo, como: certificar se a participante permanecia confortável com as perguntas, foi observado se existia algum sinal ou sintoma físico relacionado ao estresse ou ansiedade provocados pelos questionamentos e, se fosse o caso, a colaboradora poderia recusar-se a continuar com os questionamentos.

Inicialmente, o projeto do estudo foi apresentado numa reunião do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Oral e Saúde da Mulher (GEPHOSM - UFPB) que, após alterações, foi encaminhado ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade

Federal da Paraíba, após aprovação foi solicitada a liberação institucional da Gerência Executiva de Ressocialização da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária e, por fim, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CES/CCS, sendo aprovado no dia 21/07/2016, sob a CAAE: 56468016.7.0000.5188.



Fonte: Google imagens, 2017.

4. As Narrativas das Colaboradoras

Margarida

Mulher falante e extrovertida, porém de olhar firme e sincero. Trabalha há dezessete anos e há sete anos é agente de segurança penitenciária. Com sua determinação, está cursando o ensino superior e, apesar das difíceis condições de trabalho, gosta do que faz. Margarida se mostra sensível, serena, levando a vida com leveza, apesar do peso da responsabilidade de “ser” agente.



Fonte: Google imagens, 2017.

...nunca passou pela minha cabeça trabalhar aqui...

Minha trajetória profissional começou assim... Eu fiz o curso técnico em administração de empresas no ensino médio e fui fazer estágio em órgãos públicos, só que não me identifiquei com a profissão. Não gostava de estar dentro de um escritório, trancada, fechada, mexendo com papel. Então, eu fui para o comércio. Não era o que eu gostava de fazer, mas pelo menos eu estava vendo gente, falando com pessoas e tal. Aí nisso, eu passei dez anos no comércio atendendo ao público, na parte financeira, de caixa, crediário, essas coisas.

Depois disso, como o retorno no comércio é muito pouco, a gente trabalha muito e o retorno financeiro é pouco, eu resolvi pedir demissão do emprego para estudar para concurso na área da polícia militar, que sempre chamou minha atenção. Durante o período de um ano, quando eu estava no cursinho preparatório, abriu esse concurso, fiz, passei e rapidamente fui chamada, na primeira turma, porque minha colocação foi muito boa.

Mas nunca passou pela minha cabeça trabalhar aqui, nunca cogitei trabalhar dentro de um presídio, acho que ninguém cogita. Eu tinha entrando num presídio uma vez só para fazer um evangelismo, no sábado, foi o Pastor que me convidou. Mas antes disso eu nem sabia como era o interior de um presídio. A gente entra por um acaso ou por outro, mas ninguém diz assim: “Eu vou ser agente penitenciário!” Nunca!

Quando eu trabalhava no comércio, era de segunda a sábado, folgava só o domingo. E ganhava bem menos. Já aqui, quando eu trabalhava no plantão normal, como agente plantonista, eu trabalhava um dia e folgava três. Hoje eu estou no cargo de chefia de segurança e disciplina, aí trabalho dois dias, trabalho dezesseis horas por semana e folgo seis dias. Então essa carga horária e o sistema de escala é um grande atrativo.

E a gente tem que ressaltar também que, para ser um concurso de nível médio, o salário é razoável. Porque, hoje em dia, dificilmente você vai ver, a não ser nos tribunais, concurso de nível médio pagando esse inicial. Essa é uma vantagem.

Minha situação financeira melhorou bastante, graças a Deus. Eu tenho meu carro, eu tenho meu apartamento, financiado, estou pagando ainda. Mas consegui sair de dentro da casa dos meus pais.

Se bem que a gente deveria ganhar muito mais, porque a periculosidade, o risco, o estresse e o abalo psicológico, esse dinheiro não paga. Você tem que ser muito centrada, tem que ter uma base familiar boa.

Pra mim, que moro em outro estado, por exemplo, é um pouquinho desgastante estar na estrada. Todas as vezes que a gente viaja, a gente vê acidente, vê morte. Então, é um risco a mais, no meu caso. E antes eu viajava sozinha de carro, só que eu comecei a sentir sono. Sentia muito sono quando largava. Inclusive, já dormi na estrada, já fui para o acostamento, outra vez fui dirigindo para casa no piloto automático. Só reparei perto de casa que deu um estalo e eu: ““Oxe! Como foi que eu cheguei aqui?” Ai foi quando eu resolvi parar de dirigir, porque eu vi que eu estava ariscando demais a vida, e já tinha me livrado de umas.

É perigoso demais, demais! Já teve colega da gente que já cochilou, já teve acidente na estrada. Ai, hoje eu venho de carona com colegas. A gente divide o custo da gasolina e vem conversando no carro, fica bom para todo mundo.

Outra desvantagem é a imagem negativa que a sociedade tem do Agente de Segurança Penitenciário. Quando a gente fala assim: “eu sou funcionário público.” É bom para a autoestima. Mas quando você diz: “Eu sou Agente Penitenciário.” É horrível. Porque a imagem da gente é péssima. De uma forma geral, a gente só perde para ladrão. A gente só não é pior que o ladrão, mas se assemelha mediante os olhos da sociedade.

Mas eu não tiro muito a razão da sociedade, porque a realidade de antigamente era a corrupção e os agentes eram envolvidos com a bandidagem. Só que hoje mudou bastante, a maioria dos agentes penitenciários daqui tem curso superior. Então já dá uma diferenciada aí.

Claro que existem os corruptos, em toda profissão tem os indignos, mas é o mínimo, é a menor parte. Até porque se eu sou uma pessoa correta e, se tiver um corrupto perto de mim, eu não vou querer trabalhar com aquela pessoa porque eu posso me prejudicar. Quando a gente responde um inquérito ou uma sindicância, não é individual, é o plantão. E até a gente sair daquele enrolado são dois anos, no mínimo. Então ninguém quer. Esse tipo de gente não

sobrevive muito, só até ser descoberto, porque quando a gente descobre um corrupto procuramos tirar do nosso meio. Existe? Existe, agora é o mínimo.

Mas não é mais aquele agente penitenciário sem instrução, ignorante, que resolve tudo na “tapa”. Até porque, hoje em dia, a gente conhece a lei e não quer se enrolar. Além disso, muitos têm outros planos para o futuro, muitos pensam em fazer outro concurso. Então, ninguém quer responder um inquérito policial por tortura, se enrolar e ficar impedido de outro concurso. Então, hoje a cara do sistema penitenciário da Paraíba mudou bastante, mas infelizmente ainda falta ser reconhecido.

Quando eu cheguei aqui, eu procurei me cercar de pessoas boas, ouvir as outras agentes antigas, aprendi muita coisa. E Graças a Deus, de uma forma geral, eu me dou bem com meus colegas de trabalho. No dia a dia, a gente vai aprendendo quem é quem. Então, eu sei com quem eu posso mexer e com quem eu não posso, quem eu posso brincar mais ou quem é mais formal. Tem as amigas pessoais que eu ligo quando estou fora do serviço ou saio para ir ao cinema, e tem as amigas que não têm nem o meu telefone. Entendeu? Mas, de uma forma geral, eu me dou bem com todas as agentes, a direção e o corpo técnico.

Mesmo assim é com as apenadas. Apesar das histórias delas, que mexem com a gente. A exemplo da história da menina que matou o irmão por dinheiro, e por azar meu chegou aqui, bem no meu plantão, e eu tive que receber. Porque eu tenho um relacionamento maravilhoso com meus irmãos, então você olhar para ela, sabendo que ela matou o irmão por dinheiro, eu: ““Putz, eu amo tanto meus irmãos e essa “bicha” matou o próprio irmão por causa de dinheiro!” Tem algumas histórias de mulher que matou a mãe, e eu: “Pô, eu queria estar com minha mãe e não posso e ela tinha a dela e matou.” Então tem umas histórias dessas que a gente se abala, sente raiva, e tem outras que a gente sente pena que a gente sabe que a pessoa é inocente, outra que você torce que vá embora daqui, porque vê que foi um homicídio por legítima defesa. Então, são muitas histórias e, querendo ou não, mexem com a gente. Mas acima de tudo, tem que ser profissional e não deixar isso interferir no trabalho. E com o tempo a gente vai aprendendo quem é quem.

Eu aprendi que, se você for uma pessoa justa, as presas vão reconhecer. Então, no sentido figurado, graças a Deus eu estou aqui há sete anos e meio e nunca precisei “bater” em ninguém, “encostar” em ninguém, nunca. Aqui dentro, a gente é um pouquinho de cada coisa: é um pouquinho de psicóloga, de enfermeira, de mãe, de pai, de tudo. De tudo a gente faz um pouco para manter a cadeia no lugar.

Às vezes eu digo assim, força de expressão: “Eu devia dar na sua cara!” Elas dizem: “É o seguinte, da senhora eu apanho!” Porque é aquela coisa justa, é você na hora de punir, punir de forma justa, não punir demasiadamente. Minha atribuição é fazer a disciplina acontecer, mas é muito uma questão de saber se impor, não precisa fazer escândalo. Então, é aquela coisa: quando eu digo “não” elas aceitam com mais facilidade, porque elas sabem que quando eu posso, dentro da lei, eu também digo “sim”.

E eu trato muito bem, em relação a outras pessoas. Eu chamo de “senhoras” as que são mais velhas, eu converso com as meninas que estão capinando, eu peço por favor, se eu errar eu peço desculpas, então, muitas vezes, elas confundem. E acham que a gente é a melhor amiga delas, a carência delas é muito grande. Então, a gente tem que ter muito cuidado para não confundir, e elas muitas vezes confundem isso. Mas tem que ter consciência que é trabalho.

E manter essa relação de respeito mútuo é muito importante, até para a nossa segurança. Já aconteceram situações de motim, de batida de grade de a grade cair e as presas saírem de dentro da cela. Entendeu? E só estava eu e outra colega aqui embaixo, de a gente chamar o apoio e o apoio demorar a chegar e de a gente segurar na voz, e elas não vieram para cima porque respeitaram a gente.

Em algumas situações eu já senti medo. Mas o que dá muito medo aqui é à noite. Porque de dia, a direção está aí, tem enfermeira, tem assistente social, tem psicóloga, tem muita gente para dar apoio. Mas na madrugada quem está aqui? Só a gente. Quando eu durmo aqui, é uma noite muito agoniada. Porque você fica naquela expectativa se vai acontecer uma briga, se a gente vai ter que entrar, se alguém vai gritar: “Estou passando mal!” E a gente tem que entrar nas pressas para socorrer, mesmo sem preparo técnico nessa área. Então, muitas vezes, a gente tem que saber o que é uma convulsão, o que é um “espírito ruim”, o que é uma epilepsia, o que é um fingimento.

Muitas vezes, a gente chama o SAMU e o SAMU não quer vir, muitas vezes a gente tem que discernir se a gente pode esperar para outro dia ou tem que levar ao hospital nas pressas, porque pode ser plano de fuga e a gente está colocando a vida da gente em risco. Então, tudo isso só acontece de madrugada. É por isso que medo de trabalhar aqui, em si, eu não tenho. Mas existem algumas situações típicas, e eu tenho medo da noite dentro do presídio.

Também tenho medo, lá fora, de ser assaltada e descobrirem na minha carteira a minha funcional, porque aí os bandidos não perdoam. É por isso que eu ando com a carteira

escondida no meu corpo, não venho fardada, os vizinhos como são muito fofos descobrem, mas eu nunca abro minha boca para dizer que sou agente penitenciária. Minha farda, eu procuro lavar e estender em lugares que não fiquem à vista de ninguém, e sempre estendo pelo avesso para que não dê para ver o que tem escrito.

Assim, trabalhar como Agente exige alguns cuidados para que possa ser resguardada a integridade física e moral dos profissionais, pois trabalhar no presídio pode repercutir na saúde física e emocional, a gente deve estar todo o tempo se policiando, trabalhando isso na mente. Até porque é muito comum o alcoolismo e a pressão alta no nosso meio.

Então, a gente precisa se cuidar. Eu não faço nada. Estou relaxada agora, e sedentária. E, aqui no presídio, não existe um momento reservado para o cuidado das agentes. Já aconteceu de no dia do servidor público ou no dia do agente penitenciário, ter alguma ação com uma equipe do SENAC, com maquiagem, cabelo, essas coisas. Mas, nesse tempo em que eu estou aqui, foram apenas duas vezes.

Mas apesar de tudo, eu me sinto bem, eu gosto de trabalhar aqui. Só não trabalho mais satisfeita pelas condições de trabalho que são muito precárias e por causa do salário baixo. Se a gente tivesse um reconhecimento melhor por parte dos governantes, em relação a plano de carreira, em relação aos salários, em relação aos equipamentos de segurança, em relação à estrutura do presídio, porque a gente que é uma pessoa séria, que é humano também, dói no coração olhar para uma cela que deveria ter seis mulheres, mas tem vinte e cinco, uma dormindo por cima da outra. O banheiro imundo, com vazamento, chuveiro aberto jorrando água vinte e quatro horas por dia. É meio triste, visse. Tem dia que a gente trabalha revoltado, não com as presas, mas com a situação em si.

Então, se a gente tivesse melhores condições de trabalho, tivesse um presídio melhor, mais seguro, tivesse um salário melhor, eu trabalharia muito mais satisfeita. E se hoje eu fosse voltar no tempo, diante daquele momento em que eu estava vivendo naquela época, eu tomaria a mesma decisão de trabalhar no presídio, porque querendo ou não, eu estava desempregada, tinha saído do emprego, estava querendo trabalhar. Porém, se eu tivesse um outro contexto, eu não viria para a penitenciária. A gente pensa em sair por causa das precárias condições, mas eu gostaria, na verdade, de ter melhoras aqui dentro para eu não precisar sair.

Mulher cautelosa e sincera, sente-se incomodada com falta de educação e quando sua privacidade não é respeitada. Graduada em Direito, trabalha há quase 11 anos como Agente de Segurança Penitenciária. Para ela, perde-se um pouco da liberdade ao trabalhar em um presídio. Escolheu a Flor de Lótus para se representar, pois significa superação, flor que nasce na lama, enfrenta tudo e desabrocha ao Sol.



Fonte: Google imagens, 2017.

... sou adaptada ao meu trabalho, mas não feliz com ele...

Eu nunca havia pensado em ser agente de segurança penitenciária. Foi o salário que me motivou e me trouxe a independência financeira, que foi algo positivo na minha vida.

Também ocorreram outras mudanças na vida: eu tenho o cuidado de não sair fardada de, por exemplo, não lavar e estender a farda em algum lugar que outras pessoas vejam. Tem que ser em um lugar mais reservado. Além da mudança de vida, teve também a questão do comportamento, a gente muda. Não tem como não mudar. Na minha família, ninguém gosta da minha profissão. Eles não se sentem à vontade e tranquilos por saberem que eu vou estar lá dentro. E, quando veem noticiários, a preocupação aumenta. (Risos)

Aqui é um ambiente hostil. E, infelizmente, a “inocência” e o “foi sem querer” não são a primeira coisa que passam pela cabeça, é o que chamamos de “o efeito da prisionalização”. A gente acaba absorvendo algumas coisas.

Por exemplo, chegou uma apenada aqui, que segurou o próprio filho durante o ritual para que ele fosse sacrificado. E ela conta o fato como se estivesse falando de uma receita de bolo. Então assim, inicialmente, você não consegue muito olhar para a pessoa, mas com o passar do tempo... Por que ela vai passar quanto tempo aqui? Dez, vinte anos. Se eu precisar passar dez, vinte anos trabalhando aqui? Eu vou ter que me angustiar toda vez que olhar para ela? Eu vou ter que me irritar toda vez que olhar para ela? Choca no início, mas depois precisamos abstrair, ser impessoal, ser profissional. Eu tento trabalhar isso para que eu não tenha que conviver com um mal-estar. Porque não é meu papel como agente.

Outra questão que percebi foi que aqui você começa a pensar diferente, tipo: você passa a escolher melhor os lugares que vai frequentar, não tem mais a mesma liberdade. Você perde um pouco da sua liberdade quando passa a trabalhar aqui. Por exemplo, vai ter um show público, eu não vou. Porque a gente vai encontrar todo tipo de pessoa ali. E pode haver alguém que não importa se você fez bem ou mal a ele, quer saber que você veste aquela farda. Então, eu prefiro ir para outro lugar.

Além disso, mudam também as amizades. Você não pode receber todos na sua casa, você começa a ficar mais seletiva e, às vezes não, é muito agradável porque todo esse cuidado, às vezes, nos impede de aproveitar mais o momento.

Eu não vou dizer que eu me sinto satisfeita não, porque querendo ou não aqui é um ambiente hostil. Durante os plantões, por exemplo, que você não sabe se vai dormir, se vai estar tranquilo, não sabe como vai ser. Pode estar tudo tranquilo e daqui a cinco minutos tudo mudar. Tem momentos de ansiedade, pode ter uma raiva, pode passar o dia tranquilo. Então, trabalhar aqui repercute na saúde da pessoa, principalmente na parte emocional.

Então, quando você começa a conviver com outras pessoas lá fora, começa a escutar como é o trabalho delas, e tem vontade de conversar sobre o seu trabalho, mas lembra de que está inserida, mergulhada em um submundo, porque isso é um submundo. Para mim, tem coisa aqui que já são normais, mas quem chega aqui e olha às vezes se choca. Então, não posso dizer que sou feliz como agente penitenciária, porque eu não sou. Não sou infeliz também, porque o ser humano se adapta. Então eu posso dizer que sou adaptada ao meu trabalho, mas não feliz com ele, eu sou adaptada.

E se eu tivesse uma oportunidade hoje, sairia daqui. Porque eu sou adaptada, não sou feliz aqui. Uma coisa que eu fico agoniada é com a gritaria, a falta de educação... E isso tem muito aqui. Por outro lado, aqui também é uma escola de vida. Você tem a oportunidade de conhecer e viver situações que nos preparam para a vida. Em outro lugar não teria isso.

Rosa

Senhora experiente e serena, mas de poucas palavras. É a mais antiga das agentes, com 40 anos de profissão. Considera que o segredo é saber separar o trabalho da vida pessoal. Escolheu a Rosa pela delicadeza, beleza e poder de ancoragem.



Fonte: Google imagens, 2017.

... nunca passou pela minha cabeça ser agente...

Eu era dona de casa, dependia financeiramente do marido e uma vizinha perguntou se eu queria trabalhar. Foi quando arrumou para eu trabalhar de agente de segurança penitenciária como prestadora de serviço.

Depois de três anos, continuei através de concurso. Mas nunca pensei em ser agente, nunca passou pela minha cabeça, foi por acaso, porque eu tinha pavor de polícia. Mas hoje eu me sinto bem, me tornei independente e gosto da profissão. Além disso, me dou bem com minhas colegas de trabalho e com a direção, eu me sinto bem com elas.

Trabalho no semiaberto, também me dou bem com as apenadas, mas cada uma no seu lugar (risos). Sempre separo, trabalho é trabalho, casa é casa. Porque do portão para dentro eu sou uma profissional e do portão para fora eu sou uma dona de casa. E essa dinâmica contribui para que eu continue sendo a mesma pessoa. Trabalho é trabalho, da repartição é da repartição e de casa é de casa. Não falo sobre a rotina do presídio fora dele.

Sou diabética, mas controlo direitinho, vou sempre ao médico. Faço os exames tudinho. Cuido da minha saúde. Só a médica que briga comigo, porque não faço atividade física (risos). Eu falo: É que eu já chego cansada, doutora, não aguento mais não. Mas eu gosto do que faço, me sinto bem.

Eu não tenho nada a reclamar. Só se trabalhar passando da hora, que a pessoa se estressa. Mas como eu evito, não tenho problema de saúde não. Eu já me acostumei com o presídio. Cada uma tem sua história e tem que respeitar. Aqui não sinto medo, sinto medo na rua de estar lutando com quem não se conhece, mas aqui não tenho medo não. Porque

ninguém conhece as pessoas, ninguém sabe quem é quem. Então faz medo na rua, mas aqui não, porque com o tempo a gente vai conhecendo cada uma delas.

Na rua, eu não gosto de me expor muito não. Às vezes, eu digo que trabalho na Secretaria da Cidadania da Justiça, mas nunca falo do presídio. Porque sempre as pessoas perguntam: quantos presos tem... Fica pedindo informação e eu não gosto.

Ainda existe muito preconceito da sociedade em relação ao agente de segurança penitenciário. Eu acho tão engraçado! Outro dia chegou uma cartinha lá em casa para eu fazer o risco de vida. E eu: Oba! Mas o rapaz quando descobriu que eu era agente disse que eu não podia não (risos).

Mas minha família nunca reclamou não, eles apoiam. A minha filha mais velha que sempre me admira. Outro dia, na faculdade, ela fez um trabalho e disse que me admirava pelo meu modo de ser. Só elogio (risos). Então, se eu voltasse hoje no tempo, eu tomaria a mesma decisão de trabalhar como agente.

Jasmim

Mulher séria, reservada, mas muito receptiva. Trabalha há vinte anos e há cinco anos e meio é agente de segurança penitenciária. Sempre quis poder atuar e ter alguma influência positiva na vida das pessoas e acredita que no ambiente prisional, apesar de difícil, às vezes, com uma simples conversa, pode mudar muito a perspectiva de vida de alguém. A flor Jasmim, apesar de ser um arbusto, é bastante sensível, representando sua feminilidade mesmo sendo agente penitenciária.



Fonte: Google imagens, 2017.

...eu mudei bastante...

Eu fiz um curso técnico na antiga escola técnica que hoje em dia é o IFPB e fui trabalhar numa empresa privada, na área de telecomunicações. Passei algum tempo e depois entrei na universidade no curso de pedagogia. Continuei fazendo o curso, mas saí da área privada e comecei a trabalhar na área de recursos humanos no secretariado, depois comecei a trabalhar em escolas como prestadora de serviço para ganhar experiência. Em seguida, fui para a educação, passei uns oito a seis anos e depois vim para o sistema.

Na educação, eu não estava tão satisfeita, queria a área de polícia, mas polícia investigativa, então, quando apareceu este concurso, eu fiz mais para incentivar meu ex-marido a fazer concursos, porque eu já tinha alguns, então foi mais para incentivar. Agora, o principal interesse em continuar foi a questão da remuneração e da escala de serviço, foi o que me fez continuar na área.

A questão salarial foi a que mais me incentivou, porque eu sempre tinha que pagar a uma pessoa para cuidar da minha casa e dos meus filhos, eu ficava muito dependente delas. E, no regime de escala, nós temos um período de folgas, então eu posso dar mais assistência aos meus filhos, posso dar assistência em casa e posso trabalhar, não fico tão dependente de outras pessoas. Aí, deu para amenizar melhor a questão pessoal, porque essa dependência me causou muitos problemas de estresse.

As desvantagens são as injustiças que são muitas e a gente aqui dentro tenta equilibrar o que a sociedade faz. Existem as cobranças da sociedade que não tem um olhar justo pelo sistema prisional, a questão do estado, o contato com a violência, a falta de segurança em relação à estrutura de trabalho, o presídio super lotado não é bom para ninguém, nem para o preso e nem para o servidor. Ainda é uma realidade no país a falta de recursos no sistema prisional.

Tem a questão da insalubridade também, porque aumenta o nosso número de doenças, aumenta nosso estresse, você percebe que acaba mudando um pouco o seu perfil, a sua postura. Em tese, é bom porque eu sempre fui uma pessoa que não sabia muito dizer não, mas agora eu sei muito bem dizer um não. Tem também a questão da liderança, em que eu tive que aprender a me impor aqui dentro, porque as situações aqui surgem de repente, você não programa, não espera, surge e naquele momento você tem que se impor. Você não tem o que fazer, não tem um momento para refletir, é tudo muito instantâneo. Às vezes, dá para planejar, mas as atitudes têm que ser feitas na hora certa. E isso causa doença, questão de pensar.

É um trabalho estressante que acarreta muitas coisas. Estresse não só do sistema penal, mas da estrutura que muitas vezes desmotiva. E aqui não existe um momento reservado para o cuidado dos profissionais. Eu tive problema de pele e aumento de peso devido ao estresse. Mas comecei a me cuidar mais. Estou fazendo um acompanhamento ginecológico, por questões hormonais, fui ao endocrinologista e voltei a fazer musculação para controlar o peso, porque estava interferindo na qualidade do sono, causando estresse e dores de cabeça. Também fui à dermatologista e ela confirmou que um monte de coisa era do estresse (risos).

Eu tenho que me tratar e aproveitar mais o tempo em que eu estiver em casa para descarregar minhas energias acumuladas, descarregar de alguma forma, em algum “hobby”, em alguma maneira alternativa. Muita gente que eu vejo aqui descarrega no esporte, descarrega na corrida, luta, aí eu fico fazendo um pouco de musculação trabalhando o tornozelo, para poder correr, sair mais, observar mais o mundo. Sempre gostei, mas depois que comecei a trabalhar muito, com família, eu estava muito em casa. E isso me faz muito bem, recarrega minhas energias. Eu gosto muito de viajar para descarregar.

Às vezes, em casa, tenho dificuldade de separar quem sou dentro do trabalho e fora dele. Na rua com os amigos não, mas tem a questão do encarceramento sim, a gente sofre isso. Até por passar muitas horas aqui dentro, você quando sai precisa estar se atualizando, porque são vinte e quatro horas no presídio, tudo está acontecendo, não para, é uma constante. Você passa um período fora e você tenta se atualizar nesse período, e, quando chega em casa, ainda está um pouco na adrenalina e cansada.

Trabalha muito seu emocional, aqui a gente lida com a inteligência emocional, principalmente pela falta de recursos devido à distribuição totalmente errada, pela falta de recurso de infraestrutura, e acaba levando sim um pouco para casa, então você tem que estar trabalhando para separar isso. No começo, não sente; depois, daqui a pouco, você já absorveu aquilo ali e sem perceber já estava errando, então você tem que mudar o que é positivo e o que não é, é um aprendizado diário, constante.

Meu filho escreveu uma carta dizendo que eu sou mandona, mas isso é para o meu bem. Antes daqui, meu ex-marido dizia que eu não sabia dar ordem para as empregadas, que as empregadas queriam mandar na casa, mas não era assim, era porque eu conversava de um jeito com elas. Às vezes, eu me calava para não causar um estresse maior e, agora, eu aprendi a me impor diante de certas situações, a olhar a vida pelo lado da disciplina, valorizo muito mais a disciplina. Eu tive essa educação, mas não via isso nas outras pessoas. Você ter disciplina e organização educa muito, passei a ter mais essa atitude de me impor mais, a falar mais também. Agora educação sempre foi primordial e continua sendo a base para tudo.

Então, alguma coisa mudou, hoje eu sou em casa bem diferente. Meu ex-marido inclusive acha que nossa separação está relacionada a essa mudança. Eu entendo que estava cansada de andar num relacionamento, estava cansada de muitas traições, mas também envolveu um momento em que eu estava deixando a sala de aula e assumindo aqui. Era tudo muito novo, eu não conhecia nada, não entendia nada, tinha um bebê de dois anos apenas... Era uma carga muito pesada e eu estava absorvendo muita coisa. Então, foi o momento em que a gente foi separando, só que ele veio dizer depois que eu comecei a me impor e foi justamente isso que ele não gostou. Eu sempre tive a coragem, sempre fui muito determinada e corajosa, mas eu não demonstrava tanto, eu sabia que se eu fosse fazer aquilo ali eu conseguia, mas eu não queria, eu não fazia, sempre quis dirigir, mas eu não dirigia. Já, hoje, eu dirijo. E outras situações da vida, eu mudei bastante.

Minha relação com as presas é assim: eu puno quando tem que punir, mas graças a Deus eu nunca fui ameaçada. Eu preciso ter um certo relacionamento com uma certa aproximação, mas a gente tem que saber dar o limite ali; porque, no momento em que eu sou chefe e preciso me impor numa situação, eu não posso misturar esse lado pessoal. Porque acima de tudo eu sou uma servidora pública dessa casa, então eu tenho que fazer porque eu não vou correr o risco de ser processada, é a minha função. Do jeito que eu vou punir uma que eu estou mais próxima, eu vou punir a outra também. Agora do jeito que eu posso fazer uma concessão, ou rever a punição de uma que eu esteja mais próxima, eu vou rever de uma que trabalha também, eu valorizo principalmente as que mais se esforçam, tanto as que trabalham na casa quanto as que trabalham em projetos da casa. Tanto as que têm trabalho autônomo como as que têm embelezamento, que é benefício para elas, quanto aquela que é disciplinada porque aprendeu aqui, que não chega assim mas que progrediu, teve alguma evolução em seu comportamento, em seu pensamento, então você vai observando. Aí, você vê que tem uma que é bem trabalhosa, mas disciplinando a gente consegue, pelo menos abrir um pouco mais a mente, mexer, melhorar esse pensamento dela do mundo.

Eu que sou mãe, quando vêm casos que envolvem assassinato de familiar, eu tento me controlar no momento, ser além das minhas forças. Vou me afastar, vou para outra atividade, até eu poder absorver aquela ideia. Vão acontecendo histórias e vão chegando pessoas que chegam e diz que fizeram uma coisa, depois daqui a pouco, você já descobre outra e isso acaba sendo rotineiro, às vezes, é um a mais. Mas você vai trabalhar e pensa: “Poxa, ela fez isso naquele momento, mas tem aquela outra que fez isso e depois foi presa por tráfico, depois matou, foi pior.” Uma matou a mãe, outra matou o pai, outra matou o filho, e eu não posso estar apontando o crime que você cometeu porque eu não estou aqui para julgar, estou aqui para custodiar as apenadas.

Eu senti muito, quando eu vi o crime em que o filho foi morto em um ritual de magia negra, não foi ela que matou, mas em ouvir o depoimento que ela não queria contar, mas a gente conversou e ela contou na presença do delegado, naquela hora eu senti muito, porque era uma criança na idade do meu filho. Eu imaginei: “A mãe está vendo aquilo ali e não fez nada!” Nessa hora, a gente tem que sair um pouco do momento, respirar e voltar, tem que tentar ser profissional antes de qualquer coisa.”

É uma profissão como qualquer outra, tem riscos, mas risco dentro de um país em que você vive em contato com a violência em qualquer lugar. Eu lido com pessoas difíceis, isso

pode acontecer com qualquer um, foi essa visão que eu pude ter aqui, qualquer um pode cometer um crime. Então, tanto faz eu estar aqui como estar lá fora. A diferença é que aqui é o lugar onde você vê todas as injustiças. E a revolta é que a sociedade não cuida desse cidadão, ela só quer cuidar desse cidadão depois que ele desvia seu caminho, comete o crime, a infração, vem para o sistema prisional porque não tem condições de participar dessa sociedade, aí ela vem com um olhar de pena, não é compaixão, a sociedade sente pena deste indivíduo. Só lembra depois que ele errou, na maioria dos casos, e trata aquele profissional que paga seus impostos, participa da sociedade, como se ele fosse o inimigo.

A sociedade não quer ver que também errou, e que ela erra constantemente. Como educadora é o que eu mais vejo. Já vi mãe de aluno meu entrar aqui, já perdi aluno para uma prisão, então há um descaso não só com o apenado, mas com todo sistema, principalmente com o trabalhador que é uma categoria enorme no estado. A sociedade acha que ele não está cumprindo, mas está justamente mantendo a segurança e se preocupando com essa sociedade, com essas pessoas que foram as vítimas. Estamos cuidando dos criminosos, mas para segurança pensando nas vítimas, para que não haja novas vítimas. Então tem que investir no sistema prisional, tem que ter um sistema de qualidade, tem que o judiciário trabalhar e rever esses processos, porque você alimenta mais o “monstro” quando você não cumpre a sua parte. Ele sabe que ele está aqui para cumprir uma pena que você determinou, agora essa pena já acabou e você nem se importa, só lembra de botar ele aqui dentro, então isso piora mais ainda a criminalidade. Tem que cuidar do cidadão desde sua infância, porque depois que ele aprende esses vícios não adianta olhar com pena, porque não vai resgatar, nem melhorar essa sociedade. Infelizmente nosso país não tem leis!

Mas a gente está tentando mudar isso, mas ainda acham que o profissional por trabalhar com criminosos está a um passo de ser um criminoso também, através de corrupção, por exemplo, acham que a qualquer momento você vai ser um criminoso também, já que você trabalha nesse ambiente, você também é um pouco dele. No entanto, você é um profissional, tem uma vida e uma família lá fora, preocupa-se muito com a família e com quem está lá. Mas ela olha o profissional como o carcereiro da idade média, está ali apenas para manter o preso trancado e para cumprir os famosos castigos das famosas prisões.

Temos que custodiar sim, mas não estamos ali apenas para isso. A gente está ali para garantir que vai cumprir a pena e acompanhar, a gente acompanha a vida delas, querendo ou não, principalmente mulher, ela joga com a gente na emoção, ela quer trabalhar com isso,

ela não é violenta, mas ela é indisciplinada e mais agressiva, ela vai jogar com sua emoção até você aguentar.

Mas a gente está lutando para conquistar esse reconhecimento como pessoas e como profissionais da segurança pública. Trabalhamos com a segurança dessa sociedade principalmente na interceptação e controle da comunicação desses apenados com o mundo externo, o controle de permanência deles nessa unidade, a questão de fuga, questão de ligação para o exterior, porque dentro da unidade a gente sabe que eles ameaçam o convívio lá fora, então a gente tenta controlar essa comunicação não só em apreensão de celulares, mas na conexão com outras polícias.

No dia a dia, vivenciamos e conhecemos o comportamento dessas pessoas, sabemos mais ou menos a conexão que está sendo feita, o relacionamento delas com o mundo lá fora. Então, isso é importante para manter a paz dentro da sociedade, o controle e a segurança da unidade e o relacionamento desse apenado com o mundo exterior.

E se você perguntar se eu sinto medo, medo a gente tem que sentir em muitas proporções, ele é essencial, se o eletricitista perder o medo da energia ele vai morrer, porque não vai mais se importar de desligar a tomada de alta tensão. Então, é o medo que vai trazer o cuidado necessário para que você não caia em procedimentos de rotina, que você não relaxe nem banalize suas ações e chegar ao ponto de negligenciar. O medo é fundamental para qualquer profissional que trabalhe na área de situações de risco, então a gente sente, mas não pode deixar o medo tomar conta, o medo é necessário para que se mantenha o cuidado e você possa voltar para a família.

Porém, apesar dos riscos dentro do presídio, muitas vezes eu tenho mais medo lá fora, a pessoa fica com um olhar mais atento à movimentação das pessoas, não frequenta mais alguns lugares, principalmente multidão, não se sente à vontade com um grupo de amigos. Consegue ter uma rotina normal, mas fica com um olhar muito mais atento à movimentação das pessoas, porque querendo ou não a gente aprende.

Então, eu não posso estar dizendo em qualquer lugar que sou agente, não posso estar andando fardada sem estar armada, sem estar numa escolta, tenho que me preservar em muitas situações, porque querendo ou não eu trabalho com pessoas que são criminosas, e eu tenho ciência disso.

Mas ainda é vantajoso se comparar com outras profissões, porque também a questão da violência não é só aqui, é generalizada. E eu sempre quis poder atuar e ter alguma influência positiva na vida das pessoas, estava fazendo isso como professora, mas eu percebi que aqui, com bem menos trabalho, bem menos esforço, eu consigo ter essa influência bem maior na vida dessas pessoas, às vezes uma simples conversa, um simples falar pode mudar muito a perspectiva de vida de alguém, as pessoas começam a valorizar muito mais quando estão numa situação de reclusão; às vezes, quando sai da reclusão, acabou, não quer nem saber. Mas se você conseguir semear bem, alguma coisa ainda consegue ficar, você vai tentando plantar e uma hora a sementinha aparece. Eu acho que eu tenho influência maior na vida das pessoas, nesse ponto em que estou.

Eu tento trazer algum ponto positivo para vida da pessoa, uma nova visão. Por mais que depois de um tempo, como eu estou há um certo tempo aqui, pense: “Ah não, vai mudar”. Não muda. Alguns sim! Alguma coisa muda, o comportamento daquela pessoa vai mudar. Você transformar o mínimo que seja, fazendo um ser humano melhor, você já está cumprindo uma missão.

E eu tenho um bom relacionamento com minhas colegas de trabalho. É mulher né? Quando está tudo de TPM, só Jesus, mas direto assim eu nunca tive nenhum constrangimento. E com a direção também não.

Minha família gosta, dá apoio. Meu filho tem orgulho, na peça da escola o mais velho quis ser o agente da peça. É uma família mais feminina. mais matriarcal, então minha mãe gosta. Até tenho um irmão que é da área de segurança, mas as outras não. Mas eles não conhecem nada disso aqui, ninguém nunca colocou os pés numa delegacia. Mas como minha mãe foi uma mulher muito submissa ao meu pai, ela sempre incentivou que as filhas fossem independentes, que a mulher sempre tem que ter o seu, tem que fazer, então querendo ou não, são mulheres muito corajosas. Então, eu gosto do meu trabalho. Os problemas são mais externos, questões políticas.

Violeta

Mulher possuidora de um sorriso meigo e sensível. Formada em Administração, trabalha há 20 anos e há quatro é agente de segurança penitenciária. E apesar de todos os problemas, tem orgulho da sua profissão. Escolheu a Violeta, flor que costuma se adaptar facilmente a qualquer ambiente e ainda floresce o ano todo, assim como as agentes que conseguiram adaptar-se em um ambiente tão hostil.



Fonte: Google imagens, 2017.

... aqui o trabalho é muito estressante... tudo pode acontecer...

Antes de chegar aqui, eu trabalhei em hotelaria, trabalhei numa clínica médica e no comércio daqui de João Pessoa, mas sempre trabalhei com o público. Até fazer o concurso. Fui motivada pela estabilidade; você, como funcionária pública, tem mais um pouco de segurança em relação ao emprego em si. E também o salário não é ruim e a escala é mais ou menos, trabalha um dia e folga três, acaba sendo um atrativo para o serviço, mesmo que esse dia seja plantão de vinte e quatro horas.

Minha relação com minhas colegas de trabalho é bem tranquila. Lógico que em um ambiente com muita gente trabalhando, e a gente passa vinte e quatro horas juntas, acaba criando uma intimidade um pouco maior que em qualquer outra profissão. Mas são situações em que a gente consegue numa conversa resolver, é uma relação tranquila, dá para levar bem (risos). Tem muitas agentes que são minhas amigas. E a direção que a gente tem hoje aqui é bem acessível, até hoje o que eu precisei dela eu consegui.

Ninguém da minha família queria que eu fizesse esse concurso, todo mundo achava perigoso, mas com o passar do tempo eles foram se acostumando e, hoje em dia, acham natural. Mas no início foi complicado.

Porém, eu também não sou muito de contar o que acontece aqui dentro, porque eu espero sair daqui e esquecer dos problemas, que é uma profissão muito desgastante; então, se você fica remoendo os problemas fora, você não consegue desligar um pouco, aí, eu evito falar certas coisas fora daqui. Logo no início, você não tem muita experiência, aí, você

começa a falar: “Poxa, aconteceu isso hoje.” Aí, fica todo mundo preocupado. Hoje em dia não, é tudo bem. Tudo tranquilo.

A gente sabe que tem crimes que às vezes chocam, mas é aquilo, todas estão pagando pelo que fizeram. Um caso em especial que revoltou todas as agentes, inclusive a mim, é de um colega nosso de profissão que faleceu e as acusadas se encontram aqui, e todas as vezes que a gente olha para elas, a gente lembra da situação. Mas infelizmente elas estão aqui, não tem como a gente mandar para outro lugar. E a gente trata da mesma forma que as outras. Mas se eu disser para você que eu olho para ela e não me lembro da situação, não tem como, entendeu? Mas não é por isso que eu vou deixar de dar assistência, mesmo porque ela já está pagando pelo crime dela. Mas é difícil, muito difícil (risos).

Apesar disso, minha relação com as presas é pacífica, bem tranquila, assim nada que ultrapasse a empresa, nós somos agentes, mas a gente consegue conviver bem sem maiores estresses. Eu tento tratar todas por igual, tem as apenas que trabalham na casa e você acaba convivendo mais, sabe da história, conhece a mãe e o pai, mas eu tento ser bem igual mesmo, eu não quero que exista restrição, diferença entre uma presa e outra. Para mim, todas que estão aqui erraram na rua e estão aqui pagando pelo seu crime, merecem respeito, vão receber respeito desde que respeitem também.

Eu fico até mais à vontade aqui dentro do que lá fora em determinados ambientes, num digo em casa, digo assim na rua, acho que aqui dentro você fica mais à vontade, você sabe que os muros estão protegendo.

No início, eu vinha fardada; mas, depois de um tempo, eu comecei a deixar para vestir a farda aqui, é uma coisa assim, eu não conto para todo mundo que eu sou agente penitenciária, conto para as pessoas que eu confio, e só se for realmente necessária a informação.

Todas nós sabíamos dos riscos antes de entrar, mas depois que você entra é que consegue visualizar isso melhor. Aqui dentro, eu tenho receio de uma rebelião, de alguma coisa que cresça muito, ou seja, de uma situação muito grande que a gente não consiga resolver. Mas, graças a Deus, até hoje, nesses quatro anos, tudo que já aconteceu, a gente conseguiu resolver da melhor forma possível. Lá fora, é mais preocupação com nossa segurança mesmo. Não chega a ser um medo, mas um cuidado que a gente sabe que qualquer profissional dessa área tem que tomar.

Mas a gente acaba se acostumando, é um risco que a gente sabe que está correndo. Não gera tanta preocupação de assim: “Ah, eu não vou sair com medo de acontecer alguma coisa.” Mas você tem aquela preocupação de não ir a tais lugares, começa a ter um pouco mais de precaução.

Além disso, eu também sinto um pouco de impotência, porque a gente está numa unidade prisional que poderia tratar de ressocializar, de restabelecer a pessoa na sociedade e a gente sabe que não resolve. E não é uma falha dos agentes, não é uma falha da direção, é uma falha do sistema prisional, entende? No meu ver, todas deveriam trabalhar, todas deveriam estudar e isso não acontece. E, às vezes, não é nem por falta de vaga, é por falta de interesse delas. Então, assim, é triste você ver que elas têm oportunidade e não sabem aproveitar. É muito triste você ver uma pessoa saindo daqui te jurando que nunca mais iria voltar e já teve presa que saiu num dia e, dois dias depois voltou, então, é complicado.

Ser uma agente, na verdade, é ser um pouco de tudo, porque aqui a gente é conselheira, é psicóloga, acaba sendo um pouco da área da saúde, porque o primeiro contato é sempre com um agente. E eu acho uma responsabilidade muito grande, a gente está tomando conta de muitas pessoas e sendo responsável por qualquer coisa que acontece a elas.

A maior desvantagem da nossa profissão é o risco de vida que qualquer funcionário da segurança pública corre, além também da desvalorização profissional, porque não somos reconhecidos. Em qualquer lugar que a gente chegue, a primeira coisa que perguntam é: “Vocês batem muito nas presas?” Quer dizer, a visão que a sociedade tem do agente penitenciário é muito negativa, de torturador.

Não tem o reconhecimento, eles acham sempre que os agentes são corruptos, quando, na verdade, só quem está aqui dentro sabe o que a gente passa para tentar manter a ordem numa unidade prisional com quatrocentas presas e, às vezes, tem cinco agentes de plantão para dar conta de tudo. A gente não tem um guariteiro funcionando hoje, já tivemos, mas no momento estamos sem guariteiro. Vez ou outra, a gente pega pacote no pátio, mas a gente tem outras atividades, não tem como a gente ficar vinte e quatro horas vigiando o pátio para não cair pacote. Seria a função do guariteiro, que não tem.

Apesar de tudo, a gente tem muito tempo livre, então você acaba tendo tempo para fazer outras coisas que, na verdade, a gente não faz, a gente fica com tempo livre, mas está

sempre cansada porque o trabalho é estressante, o trabalho é puxado, passar vinte e quatro horas num plantão, no outro dia, você não tem muita disposição para outras atividades. As vantagens são poucas, na verdade (risos).

Mas, financeiramente, minha vida melhorou pela estabilidade. Você pode não se preocupar, você pode fazer uma compra maior, um carro por exemplo, porque você sabe que vai poder pagar. Agora, em relação à segurança, você fica um pouco mais receosa de ir a certos ambientes, você acaba ficando mais seletiva com amizade, você fica mais cautelosa, digamos assim, com qualquer atividade que você faça fora daqui. É um trabalho que tem riscos e merece cuidados.

Eu engordei muito depois que vim para cá. Inclusive, eu deixei de ser da coordenação porque é um cargo muito estressante, tudo que acontece, a responsabilidade é sua. E vi que minha saúde melhorou um pouco. Eu sou um pouco ansiosa e estou menos ansiosa agora. É que eu sempre estou querendo que as coisas saiam certinhas e não depende só de você, depende de uma viatura, depende de alguma coisa lá fora, depende de um agente... É impressionante como o estresse daqui repercute na sua vida.

Mas, há pouco mais de um mês, eu entrei numa academia, decidi que vou emagrecer, vou voltar ao corpo que eu tinha. E estou tentando, quando sair do portão, esquecer dos problemas daqui, porque só assim para você relaxar mesmo.

Na época em que eu fiz o concurso, foi muito bom para mim, eu trabalhava no comércio e era super estressante, ganhava pouco pelo trabalho, não tinha tempo para nada. Hoje em dia, a minha vida está mais equilibrada. Agora assim, hoje a gente pensa em fazer outro concurso, mudar de profissão, mas o período que eu estou passando como agente é um aprendizado. Apesar de todos os problemas, eu me orgulho.

Flor de Macambira

Mulher alegre e brincalhona. Trabalha há quinze anos e há quatro é Agente de Segurança Penitenciária. Para ela, apesar de ser uma profissão muito estigmatizada, gosta e tem orgulho do que faz. Escolheu a Flor de Macambira, presente nas caatingas do nordeste brasileiro, apesar de sua raiz frágil e superficial, por possuir longas folhas que acumulam água e matam a sede de pequenos animais. Enquanto agente, embora possua a “fragilidade” feminina, consegue se manter firme no trabalho.



Fonte: Google imagens, 2017.

... eu desconfio mais das pessoas...

Eu passei muito tempo estagiando, depois fui trabalhar com vendas de remédios, como representante, como propagandista, depois trabalhei com produtos odontológicos, mas sempre como representante de vendas, divulgadora. Trabalhei em farmácia de manipulação também, então, sempre minha área foi essa, me interessava por remédio. Depois, por acaso, houve o concurso e eu já queria sair da iniciativa privada, fiz e passei. Demorou a chamar, mas desde então estou aqui.

No início, eu ficava com medo, não sabia como era trabalhar num presídio, porque eu nunca conheci ninguém que trabalhasse no presídio. Só conheci um agente penitenciário, ele disse como era, mas eu ainda ficava curiosa, pensando: “Será que eu daria ou não daria para trabalhar, trabalhar armada?”. Essas coisas. Depois, quando a gente faz o curso, ainda fica receosa, pelo menos eu ainda fiquei. Mas hoje, quando você chega, no dia a dia, é diferente. Você acaba... Não é se acostumando. Você não se acostuma com isso, a gente não sabe como a pessoa vive numa vida dessas! Tanto é que tem os dias de descanso, porque ninguém aguenta ficar muitos dias aqui. É uma energia muito pesada.

Hoje, eu não sinto medo daqui. Eu tenho medo se houver uma rebelião, mas nunca houve, quatro anos que estou aqui e nunca houve. Aqui elas sabem que têm tudo. Já ouvi da boca da presa: “A senhora acha que a direção vai querer a gente calma ou a gente

agitada?” Então, elas sabem que não vai ser bom. Eu acredito que não é por medo, porque elas não têm medo da polícia na rua, mas tem umas que não fazem porque não querem.

Agora, quando estou lá fora, eu não digo que sou agente não, eu saio como uma pessoa normal. Quer dizer, eu sou uma pessoa normal. Mas lógico que eu não saio de farda, nunca gostei de ir para lugar perigoso, mas eu não tenho medo não. Agora eu me previno bastante. Antes eu andava por lugares mais perigosos, mas hoje eu não ando não, porque eu sei que se pegarem uma carteira minha não vão saber como é meu trabalho aqui e podem pensar que eu sou como elas acham. Porque elas têm ódio de polícia ou de pessoas que trabalham nessa área.

Minha família quer que eu estude para passar em outro concurso, disseram que eu não estudei para isso não. Minha mãe odeia, todo dia fala. E eu estou com um namorado que também é agente e que também quer sair de todo jeito. Já faz sete anos e ele disse que já não aguenta mais. Mas foi bom que a gente é da mesma área, ele entende, me dá conselho e eu sei que ele está certo. Ele me dá conselho para eu não ficar me indispondo.

O trabalho da gente é muito variado. Não é fácil, eu não acho fácil. É um trabalho que exige muito, você tem que ser muito controlado, porque se não vai adoecer junto com elas. Porque no cárcere a pessoa fica doente, tem estudos que comprovam isso, falam que a pessoa não fica normal. Então, a gente tem que se cuidar para não ficar doente também.

No início, eu tive problemas, ficava agitada, tinha insônia, pesadelos. Hoje, apesar de tomar remédio controlado, eu estou melhor. Eu não queria, mas estou tomando, quero deixar e não consigo porque eu fico agitada. Eu não tomava quando trabalhava em outros lugares, comecei a tomar aqui. Então, quer dizer que não é fácil.

Às vezes, quando eu passo mais de dois dias aqui, eu saio uma pilha. Às vezes, tem alguma coisa e você tem que gritar com elas, tem dias que tem tanto tumulto que a gente fica muito agitada, principalmente quando está tendo custódia. A gente divide, mas todas nós ficamos.

Então, eu tenho me cuidado, tenho feito terapia. Todo dia eu passeio com meu cachorro, eu adoro, eu fico com ele, eu cuido dele. Tenho ido à missa toda semana com meu namorado, também vou passear na praia, andar, receber o ar puro, e estou namorando, que também faz parte (risos).

O plantão é 24 por setenta e duas horas. Tem dias que são mais calmos, tem dias que são mais agitados, tem dias em que muitas adoecem e a gente tem que levar para o hospital, tem que ficar junto, ficar revezando, mas não é fácil. A gente vai fazendo o que pode dentro das possibilidades da gente.

Minha relação com elas é boa, graças a Deus. Elas respeitam, algumas confundiam: “Ah, como ela é boazinha!” Mas depois elas se acostumaram com meu jeito, gostam. Aqui no feminino dizem que é mais tranquilo. Eu nunca trabalhei em presídio masculino não, mas dizem que não dá para ser assim esse “banho-maria”. Muitas vezes tem que usar da força, porque senão, eles não obedecem.

Eu prefiro agir mais na tranquilidade, porque não adianta eu ser estúpida com essas presas, eu ser Caxias, eu ser general, não é isso que vai fazê-las melhor. Eu acredito no sistema de ressocialização em que o preso trabalhe, mas isso não existe, a gente não pode obrigar o preso a trabalhar. Geralmente, elas não querem trabalhar, mas quando elas estão trabalhando, eu tento motivá-las: “Bora, vamos deixar esse lado mais bonito!”; “Esse lado vai ficar melhor!”. Tipo uma competição para que elas se animem para trabalhar. E só se restaura assim. Uma cadeia com uma “ruma” de presas amontoadas dentro de uma cela não restaura ninguém, aquilo ali só vai gerando ódio entre elas. Trabalhando já é difícil, imagina como deve ser a cabeça delas quando se veem diante de uma situação dessas, em que fizeram uma coisa e não têm como voltar atrás, mesmo que se arrependam. Porque tem algumas presas que estão há trinta, vinte anos e dizem que se arreponderam, mas estão no fim da vida. E aí? O que vão fazer? Vão recomeçar agora? Então, eu acho que se tivesse um sistema mais rígido elas não voltariam mais. Mas eu não acredito nesse sistema, infelizmente.

E elas têm que entender que estão aqui porque cometeram um delito. Mas a gente tem que tentar, pelo menos, reduzir um pouco do estresse delas. Aqui tem uma equipe de saúde com: psicólogas, médico, dentista, assistente social. Então, sempre que a gente pode, conta com esse pessoal, para tirar um pouco do fardo do que é estar aqui todo dia.

Então, aqui dentro, eu esqueço que elas são criminosas e passo a vê-las como pessoas que estão sob minha guarda. Elas são humanas, não tenho ódio, não tenho raiva, apenas a gente tem que adotar um procedimento para evitar que elas fujam, adoçam ou briguem. Porque tudo depende também do plantão, se a pessoa inflama ou não. Então, a gente procura agir na tranquilidade para que todas tenham calma e “tirem a cadeia” normalmente.

Porém, elas sabem que ao sair existe o preconceito das pessoas que não dão uma nova chance a elas. E isso é o pior, que quando sai não tem expectativa de melhorar. Esse preconceito também existe em relação às agentes, mas está mudando muito. Porque as agentes de hoje têm diferentes formações, estão mais esclarecidas. Então, está mudando o preconceito da antiga carcereira que era.

Eu acho que é uma profissão que muitos deveriam passar por aqui para ver o que é a realidade, dar graças a Deus por não estarem aqui, e terem cuidado para que os filhos não entrem no mundo do crime. Porque é muito triste você perder a liberdade, pessoas novas perdendo a liberdade por uma besteira e depois não têm mais como sair.

Foi muito válido esse tempo que eu passei aqui e está sendo. Porque todo dia é uma coisa nova, todo dia a gente aprende algo novo. Eu era uma pessoa muito sensível com tudo, e fiquei mais dura. Ainda sou sensível, mas eu desconfio mais das pessoas. Quem vê cara não vê coração. Você vê pessoas aqui com cara de anjo e acusadas de crimes bárbaros. Eu chorava vendo as crianças chegando (nos dias de visita), eu não acreditava que elas (presas) pudessem fazer isso. Até hoje, tem umas coisas que ainda não acredito, penso: “Mas não pode! Como é que a pessoa consegue provar que essa pessoa com essa cara de anjo é culpada por um crime bárbaro desse?”. Na minha cabeça, essa mulher não é normal. É um distúrbio que ela tem, alguma coisa que a fez fazer isso. Teve uma que jogou os dois filhos numa cacimba com raiva do marido. Uma pessoa dessa não é normal. Então, a gente pede a Deus para livrar os filhos da gente. Eu só tenho um e peço sempre para livrá-lo de um crime, sempre pedi, mas hoje peço mais do que nunca. Eu rezo muito para não acontecer de alguém da minha família ou meus amigos precisarem estar num ambiente desse.

Mas eu acho que foi um ponto positivo. Para tudo na minha vida. Foi o que me alertou, “um estalo”. E eu vou lhe dizer: eu pretendo sair, pretendo estudar e sair, porque eu não quero passar minha vida toda vendo isso, porque não é uma coisa boa. A gente está trabalhando diretamente com o crime o tempo todo.

Não foi o que eu sonhei, e eu não espero me aposentar como agente penitenciária, mas graças a Deus eu tenho um emprego público que não ganha lá essas coisas, mas também não ganha mal. Eu me sinto bem com minhas colegas de trabalho, tive alguns desentendimentos, mas já está tudo resolvido, a gente vai se unindo, vai se ajeitando. A direção também é boa. É boa até demais, pelo que eu já fiz aqui. Porque já falei, já

reclamei... (risos). Eu gosto de trabalhar nesse ambiente. Porque se eu não gostasse já tinha deixado.

Tem gente que morre por isso aqui, que sempre quis ser agente, já eu estou aqui por acaso, mas eu gosto. Se eu pudesse voltar no tempo hoje, eu não teria entrado no ramo de telefonia, que não me ensinou nada, teria trabalhado algum tempo com remédio e tentaria entrar logo aqui, aí eu teria dez anos a frente para estudar para outros concursos. Mas eu seria agente, não me arrependi de jeito nenhum porque é um trabalho que ensina muito, só se a pessoa não quiser aprender, não tiver jeito, mas se a pessoa quiser aprender, aprende muito. Vale a pena. É uma profissão muito estigmatizada, mas é boa. Eu tenho orgulho, não tenho vergonha, eu tenho orgulho. Eu tenho crescido, com toda derrota eu tenho orgulho do meu emprego todos os dias.

Petúnia

Mulher extrovertida e alegre, dona de uma energia radiante. Trabalha há 15 anos e há quatro é agente de segurança penitenciária. Apesar de ser graduada em Direito e em Jornalismo, sente-se mais completa sendo policial. Escolheu a Petúnia que, assim como ela, apesar de sobreviver em dias frios, necessita de muita luz para florescer.



Fonte: Google imagens, 2017.

... fico muito triste com essa desvalorização que a gente tem...

Eu me formei em direito, em seguida tirei minha carteira da OAB e comecei a advogar. Advogava uma causa aqui outra ali, mas sentia que faltava alguma coisa. Fiz o curso de jornalismo, também trabalhei numa rádio um período, gostava muito, mas sentia que faltava alguma coisa. Então, estava estudando para concursos quando apareceu a oportunidade. No começo, o interesse surgiu pela curiosidade de saber como um policial trabalha, pela estabilidade que o serviço público dá que é muito bacana, e também acho que até por influência das pessoas que eu conheço e pelo meu esposo, que serviu na legião estrangeira por cinco anos, que eu quis ver como era ser policial.

A primeira vez que eu entrei no curso de formação, eu enlouqueci, assim, achei o máximo, amei o curso apesar de ser pouco tempo, mas amei o curso! Então decidi entrar. E hoje é uma coisa que eu quero seguir, talvez não como agente penitenciária o resto da vida, é uma profissão linda, mas não é valorizada.

Eu estava conversando com um colega que viajou para fora do país e quando souberam que ele era policial agente penitenciário foi “hiper” bem tratado! Recebeu ingressos para ir a um espetáculo na cidade, quer dizer, lá fora o agente penitenciário é uma autoridade policial muito bem tratada, aqui é que a gente ainda não tem a cultura disso. Hoje, pelo menos quase todas nós, temos uma graduação ou estamos terminando uma, falamos outra língua, estudamos em colégios bons, fizemos uma boa universidade... hoje a

realidade é muito diferente de uns anos atrás. Mas essa cultura de ver o agente penitenciário como uma profissão marginalizada ainda não mudou.

Enquanto a gente está aqui, 24 horas correndo risco de vida, a sociedade está dormindo em paz por conta da gente e mesmo assim eles veem o oposto da gente, acham que eu passo o dia todo batendo em presa. Eles acham que a gente é torturador, que a gente é “grossa” com preso. É justamente o oposto que a gente aprende no curso de formação. A gente tem que começar com uma conversa e ir graduando, é como uma criança, no sentido em que você vai repreendendo aos poucos. Por exemplo, você não vai pegar seu filho, porque ele derrubou uma coisa no chão, e vai bater nele! Isso não é justo. Eu trabalho aqui há quase quatro anos e nunca encostei a mão numa presa!

Lógico que tem horas que você tem que usar mais a força, ser mais enérgico, porque a profissão exige. Mas a imagem que a gente tem lá fora é de mulher masculinizada, de mulher torturadora, sabe? De que todo mundo é extremamente homem, e não é assim. A gente é muito marginalizada, a gente é vista da pior forma possível, até por pessoas que deveriam ter uma visão mais ampla, mas não têm. Quando eu fui ao encontro de vinte anos de formados do meu colégio, os amigos: “Ah, eu estou fazendo isso”, “eu estou fazendo aquilo”. Aí, eu disse: “Eu sou agente penitenciária.” Aí, pararam e disseram: “Mas você era a menina mais doce do colégio!” Aí, eu disse: “Eu continuo sendo a menina mais doce do colégio, mas agora eu sou policial e não perdi minha doçura por causa disso!”. Então, as pessoas têm uma visão muito errada do agente penitenciário.

Criou-se um estereótipo muito feio da gente, que não existe, em que a mulher que é agente penitenciária é macho, é má, toda masculinizada mesmo, e a gente não é! A gente é mãe, a gente é filha, a gente é esposa e a sociedade vê a gente de uma forma muito negativa.

Eu fico muito triste com essa desvalorização que a gente tem, queria que a gente fosse mais valorizada, que a gente fosse mais reconhecida mesmo. “Poxa, é um trabalho que a maioria não quer, e quem quer estar aqui 24 horas cuidando do que as pessoas pensam ser o “lixo da sociedade”?”. Que não é! São pessoas como nós. Mas quem quer estar aqui? E mesmo eu estando aqui, fazendo esse trabalho, você não me valoriza? Então, é bom por um lado e é ruim por outro, mas eu adoro trabalhar como policial.

O poder público também, no sentido de a gente merecer um salário melhor, de a gente ter direito a mais coisas, pois a polícia federal hoje é reconhecida, a rodoviária é

reconhecida, e a gente ainda não é. Apesar do nosso trabalho, na minha humilde opinião, ser muito mais perigoso do que o deles. Porque eles vão, pegam e prendem. E quem é que fica?... Eu posso passar aqui meus trinta anos, dezenove, vinte, convivendo com as piores criminosas da sociedade e isso não é visto de forma nenhuma.

Eu vejo desvantagem nesse sentido, vejo também que a gente deveria ser bem mais remunerada, que a gente deveria ter outras vantagens que as outras polícias também conquistaram durante o tempo. Porém, nosso concurso foi o primeiro, quando se organizar, quando houver um PCCR, acho que vai ser uma profissão muito mais reconhecida, mas hoje falta reconhecimento.

Até pelo risco que a gente corre. Tem situações aqui que você fica com medo. Por exemplo, já teve situações aqui de as presas estourarem a cela no sentido de haver uma confusão. E a gente não conseguir fechar a cela, elas saírem e voltarem sem agredirem a gente, pelo respeito! Porque aqui não adianta você ser muito mole que elas montam em você. E também não adianta ser “o cavalo do cão”, porque elas vão ficar de olho e na hora que “o bicho pegar”, elas não vão botar você para dentro e ficar lhe alisando, de forma nenhuma, elas vão “botar para lascar” em você! Então, você tem que ser o mais justo possível, na hora que o “bicho pega” elas sabem quem elas devem respeitar ou não! Graças a Deus, eu nunca peguei uma rebelião aqui.

Mas eu sinto mais medo na hora que as coisas estão acontecendo, como já aconteceu de a gente ter que entrar numa cela, e a presa dizer que estava manifestada por um espírito, ter se cortado e, evidentemente, a gente não sabia o que tinha no sangue da presa, ela ameaçou que ia cortar o pescoço e a sua colega [agente penitenciária] poderia ir para cima e você ter que ir para cima também, para evitar que ela cortasse a sua colega. Nessas horas, me dá medo, mas devido ao senso de grupo, de coleguismo, você não consegue correr. Você, mesmo no momento de pânico, não consegue correr porque está lá o grupo. O coração acelera, o relógio para, e você não tem aquela coisa de virar e dizer assim: “ah, eu vou correr, não, minha colega está lá imobilizando, então eu vou ter que entrar junto porque ela pode ser cortada”. Eu já senti muito medo em algumas situações aqui, e a adrenalina vai lá em cima.

Porém, minha relação com as presas no geral é bem tranquila, principalmente com as que são mais antigas, elas respeitam mais... Às vezes, chega uma “maloqueira” que é como a

gente chama aqui, uma novata que às vezes quer mostrar que é a “bam bam bam”, aí, você tem que ser mais incisiva com ela. Mas eu nunca tive problema com presa aqui não. Acontece, por você ser tranquila, elas pensarem que você é “besta”, mas a gente começa a pegar a malícia delas com o tempo. Porque ao mesmo tempo em que elas querem aplicar “malandragem” elas também ensinam a gente, então, no começo elas lhe “enrolam”, mas com o tempo você vai percebendo.

Também sinto medo lá fora, inclusive, um colega nosso foi assassinado, foi horrível, um divisor de águas para mim, me deixou muito triste. Ele era uma pessoa boa, um homem trabalhador, decente, não fazia mal a ninguém, nunca encostou a mão numa presa! Inclusive, muitas presas aqui choraram quando souberam que era ele que tinha morrido, porque ele era uma pessoa muito boa. Tiveram vários outros que foram assassinados e a gente sente medo, porque eram pessoas boas. Então, a gente fica com medo de acontecer com a gente, porque a gente está vendo que não é só com gente ruim, mas com pessoas boas. Então, você e os seus – que estão em casa – ficam com o coração na mão.

Minha mãe (risos) fica em tempo de enlouquecer, porque ela diz que se meu pai fosse vivo, eu jamais tinha feito o concurso, ia ser a terceira guerra mundial em casa, porque eu era a filhinha do papai e ele não ia deixar. Então, minha mãe morre de preocupação, meu esposo já tem o misto de preocupação e orgulho porque ele viveu a vida toda dele nessa área, ele foi militar e serviu a legião estrangeira. Eu digo até a ele: “você não tem nem como dizer para eu não fazer, porque você já correu mais perigo do que eu.” Mas, apesar de ele gostar e vibrar muito, ele tem medo. Principalmente, depois dessas histórias dos assassinatos, que as pessoas estão sendo mortas, ele ficou mais preocupado, ele é extremamente preocupado.

E olhe que eu nem conto tudo não, conto por alto. Para ele, eu conto um pouco mais porque ele é acostumado, não adianta eu chegar do plantão e dizer que não aconteceu nada. Mas para minha mãe eu evito, só se ela perguntar, mas mesmo assim ela não fica perguntando muito não.

Também é uma profissão que repercute muito na saúde física e mental. A gente fica mais estressada, dependendo do que acontece, fica durante um tempo sem dormir direito, repassando aquilo que aconteceu. Existem vários exemplos de colegas com algum problema de saúde relacionado a um momento estressante que ocorreu aqui. E não existe um momento de cuidado.

Mas estou me cuidando. Eu tenho ido muito ao médico, mudei para um local mais tranquilo para relaxar quando sair daqui e esquecer que aqui existe. Porque para mim, tranquilidade é tudo. Eu digo que é minha pequena fazenda, um lugar que eu escuto passarinho.

Também estou procurando ver mais minha mãe, apesar de ela mora em duas cidades distantes, procuro falar com ela por telefone todos os dias. Estou morando perto da praia, a casa da gente também tem uma piscininha, estou fazendo tratamento para engravidar... Então, à medida que eu posso, eu vou procurando relaxar o máximo possível.

É uma profissão que exige cuidados. Apesar do orgulho que tenho da minha farda, eu não venho com ela, porque se a gente botar um símbolo desse é mesmo que estar escrito: alvo. Então, se eu tiver que almoçar fora ou tiver que fazer algo fora eu tiro a farda e coloco a roupa normal. Eu lavo minha farda na casa da minha mãe que não tem como a pessoa ver o que está sendo lavado, até esse cuidado eu tenho, mas se desse para ver, eu não deixava lavar na casa dela. Mas não é por falta de orgulho, é por precaução mesmo. Eu não chego para uma pessoa estranha e digo que sou agente penitenciária, deixo conhecer a pessoa primeiro para poder dar essa informação.

Mas também existem suas recompensas. Depois que eu vim trabalhar aqui, muita coisa mudou na minha vida. Mudou no sentido de eu estar mais segura, ser uma pessoa que dá mais valor à família do que antes, porque os riscos que a gente corre nessa profissão são enormes. Também mudou minha visão sobre o próprio presídio. As pessoas que estão aqui dentro cometeram crimes, mas são muitas histórias para você poder julgar as pessoas, tem gente que realmente é ruim, mas tem gente aqui que não tinha o que comer e foi roubar, foi pego, foi preso e está aqui misturado com quem não presta. Então, aqui a gente aprende todo dia uma lição de vida. Às vezes, até um momento tenso que você passa aqui dentro, quando chega em casa valoriza dez vezes mais sua família. Eu pelo menos tenho essa visão. Minha mãe e meu esposo sabem, meus cachorros... Eu valorizo demais, “ave Maria”!

Existem algumas histórias que eu fico pensando: “Nossa, eu não faria isso e que bom que eu vou chegar em casa e vou poder abraçar minha mãe!” E eu sei quem eu deixei em casa, no meu caso, meu esposo e minha mãe. Eles não ficam tranquilos até eu chegar em casa, mas estou sempre mandando notícias e sempre ligada no que está acontecendo em

casa. Mas muda muita coisa, você passa a ver as coisas e o ser humano de forma bastante diferente.

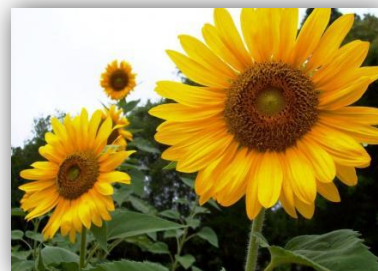
Tem as crianças que nascem aqui, como teve o caso da Bia que nasceu com seis meses e a gente, durante três meses, levava a mãe todo dia lá, e todo dia ela sentava e chorava, eu dizia: mulher, calma! Depois, você vê Bia com quase três anos, uma menina esperta, correndo... E pensa: “Nem que seja um “tiquinho” fui eu que ajudei.” Você ouvir a mãe dizer que, por causa da filha, vai ser uma pessoa melhor, e sentir que seu trabalho ajudou para isso, é muito bom! Tem pontos ruins? Tem, lógico! Por exemplo, é horrível você conviver com uma pessoa que surtou e matou uma família inteira como tem aqui, e você saber que uma pessoa dessas pode ter um surto e a qualquer hora você ser a próxima vítima, é horrível! Mas também tem esses lados positivos.

Graças a Deus, eu me dou muito bem com minhas colegas de trabalho, sou uma pessoa muito tranquila, não sou de briga, todo mundo sabe, às vezes me chamam até de “menina em cima do muro”, mas não me meto em briga. Para mim é confortável estar no meu murinho, se eu puder correr... Só se alguém gentilmente me convidar para entrar numa briga! Minha mãe diz que é ser mal educada a gente não aceitar convite (risos). Mas assim, graças a Deus, eu procuro evitar, a não ser que tenha alguém que realmente não goste da gente, mas eu me dou bem com todas, principalmente com as meninas do meu plantão, a gente é como uma família mesmo.

Aqui, cada agente tem sua história e somos uma família, irmãs mesmo e a gente vê isso no dia a dia, na hora do aperto não corre, não (risos), fica todo mundo junto, pode se lascar, mas se lasca todo mundo junto! Então, você passa a valorizar mais as pessoas e passa também a ligar menos para coisas do tipo: “ah, mulher vamos discutir por isso não. É assim? Então vamos resolver assim.” E passa a dar valor a pequenas coisas também.

Apesar da pretensão de fazer um concurso de polícia que valorizem mais a profissão, não me arrependo de ter feito esse. Eu aprendi muito e gosto de ser policial, eu gosto de ser agente penitenciária, porque eu acho uma profissão muito digna. Em outros lugares, é muito mais reconhecida, aqui não é. Mas o coração fala mais alto e eu me sinto mais completa sendo policial.

Mulher determinada. Apesar da repressão sofrida durante o casamento, há quatro anos é agente de segurança penitenciária e com seu trabalho conquistou sua independência financeira. Hoje, sustenta o filho e a casa. Assim como o Girassol, não importa onde estiver, está sempre em busca do Sol.



Fonte: Google imagens, 2017.

... me importo com a visão das pessoas, mas meu papel é desfazer.

Quando eu era casada, sempre só fui dona de casa, mas sentia a necessidade de ter um trabalho. Aí, apareceu esse concurso de agente penitenciária e decidi fazer sem meu esposo saber. Ele não queria que eu trabalhasse, nem que eu estudasse, era meio complicado. Mas, aí, eu fiz escondido e passei. Só que não fui chamada rápido.

Me separei e voltei para a casa dos meus pais. Foi quando fiz o Enem e passei para geografia. Eu sempre quis fazer geografia e ser professora, sempre quis. E quando estava cursando, fui chamada para esse concurso. Aí, como vim morar aqui para trabalhar, tranquei e depois, devido ao tempo, acabei colocando serviço social.

Eu nunca imaginei ser agente penitenciária. Mas como para esse concurso na época abriu muitas vagas, eu disse: “Ah, vou fazer por experiência, um desafio para ver como é!” Não fui com aquela intenção de: “Ah, eu tenho que passar!” Não. Eu também tinha medo, acho que muita gente deixou de fazer por medo, mas mesmo assim eu fiz. A gente que está de fora tem a visão de que é perigoso (risos), isso, aquilo, mas não, é um trabalho normal como qualquer outro. Hoje, muitas vezes, eu me sinto mais segura aqui do que lá fora. Agora, a gente sabe que corre vários tipos de perigos aqui, está calmo e, de repente, começa uma briga entre elas, ou acontece alguma coisa, é perigoso em relação a isso. É perigoso quando a gente está fazendo uma custódia dependendo da periculosidade da apenada, a saída também é muito perigosa, mas a gente se acostuma com o dia a dia, no resto eu acho tranquilo.

Minha mãe, se ela estivesse viva, com certeza não ia querer que eu trabalhasse aqui, ia ficar assustada. Meu pai morreu esse ano, mas ele não se importou muito, ele era oficial de justiça, então ele achava normal. Meu filho acha bonito, gosta. Ele fala para as pessoas que eu sou agente penitenciária, às vezes, quando falam alguma coisa ele quer debater, explicar como é, embora a visão que ele tem é a que eu passo, porque na prática é diferente.

Eu não tenho medo de dizer que sou agente, mas a gente evita um pouco comentar, porque as pessoas olham para gente como se fôssemos torturadores. As primeiras perguntas que fazem é: “Tu tem coragem, menina? “Vixe,” mas é muito perigoso trabalhar num lugar desse!” E a segunda é: “Vocês batem muito nelas?” (risos). Infelizmente.

Eu gosto demais do meu emprego, mas o que me deixa mais triste é a visão que as pessoas lá de fora têm da gente. Às vezes, quando a gente está em alguma custódia, vê as pessoas olhando aterrorizadas para gente. Existe um preconceito com nosso trabalho, devido à fama de torturador, isso e aquilo outro. Mas isso não existe! Pelo menos, nesse presídio que trabalho não existe. Desde quando eu entrei, eu estou aqui há quatro anos, isso não existe! Na verdade, essas pessoas são excluídas e ninguém sabe e nem quer saber delas. Se não fosse a gente, elas estariam jogadas. Porque se elas tiverem doentes são encaminhadas através da gente, fazemos o papel de psicóloga, de assistente social... Porque, às vezes, a gente conversa com elas, as ouve, então a gente faz um milhão de papéis aqui dentro.

Quando eu cheguei aqui, meu coração ficava partido com as crianças que nascem aqui, porque eles tiram seis meses de cadeia! Isso já é um marco na sua vida, quando você for contar sua história e disser que nasceu num presídio e tirou seis meses de cadeia. Isso é muito chocante. No domingo, vem um montão de criança para cá e isso me dói quando vejo aquele piquenique enorme com as crianças brincando aqui. Qual a visão de um lugar desses para essa criança? Eu acho isso muito forte e não devia ter essas visitas! (risos).

Por outro lado, vem a questão da desumanidade, porque você é mãe. Mas pela experiência do tempo que eu passei aqui, não acho que elas se importam muito com os filhos não. E isso é muito doloroso. Elas dizem: “Eu amo meu filho!” Às vezes, eu digo para elas: “Não ama não, porque se vocês amassem não iriam estar colocando uma criança no mundo desse jeito.” Mas, por outro lado, vejo a questão social dela. É um povo que não pensa direito, não está nem aí. Mas, às vezes, a gente que tem uma formação ainda faz besteira, imagina quem não tem.

E o que mais me frustra é ver que não existe nada sendo conduzido pelos governos de políticas públicas para melhorar isso aqui, para dar jeito nisso, para parar isso, eles estão pouco “se lixando” com isso aqui! Isso é uma bomba relógio que a cada dia está crescendo mais. Só sabe a gente que está trabalhando aqui. Cada vez que chega uma presa, a gente pensa: “Onde mais botar?” E me entristece ver que nada é feito, que ninguém se preocupa com isso, é muito doloroso.

Tem colegas que ensinam, alfabetizam algumas, tem colegas aqui que, aos domingos, leem para as crianças; então, a gente fica inventando coisas. Na verdade, o povo vê isso, mas você só vai saber como é na prática mesmo, na teoria é tudo diferente. Eu paguei uma disciplina, muito interessante, relacionada à questão social, em que eu tive a oportunidade de dizer: “Não é assim, professora!” Ela fez um trabalho para gente apresentar em seminário e eu peguei justamente o sistema prisional (risos), foi uma coincidência. Então, no dia da minha apresentação, eu fui falar da minha experiência aqui dentro. Ela fez milhares de perguntas, porque tudo que acontece aqui é visto com uma maior dimensão para quem está de fora. Isso é o que falam teoricamente, você só vai saber o que é isso aqui ficando no mínimo uns seis meses, aí você vai conhecer bem sobre nosso papel aqui dentro, que não é nada do que o povo diz.

Existem situações que só a gente sabe o que se passa, nós que estamos aqui dentro que sabemos, quando conduzimos uma apenada, se vai algemar para trás ou para frente, porque nós é que sabemos o comportamento dela. Outra coisa bem interessante, é conduzir uma apenada a um velório, é um dos serviços que a gente menos gosta de ir, porque é um dos mais perigosos, e a Juíza mandou ficar duas horas no velório, é uma coisa que não existe! São coisas que só sabe como é para ser feito, quem trabalha aqui dentro, a pessoa que está lá fora não tem noção não. Sabe quem trabalha aqui dentro. Então, seria bom que todo mundo passasse pelo menos seis meses no ambiente prisional e trabalhasse. Eu até disse a professora: “Seria tão bom se a senhora fosse lá e se camuflasse de agente ou de uma apenada, aí você ia ver o que é real.” Mas o que eu vejo hoje é que a teoria é uma coisa e a prática é outra totalmente diferente.

Às vezes, eu fico revoltada, porque tem apenada que tirou a vida de uma pessoa, mas tem pastoral manhã, tarde e noite, é atividade “X”, é isso e aquilo outro. Os direitos humanos se preocupam muito com elas. E a vítima? E a família? Ninguém nem lembra. Às vezes, eu me revolto com isso. Porém, a maioria delas que está aqui, eu vejo a questão social,

a vida delas... São pessoas que têm família desestruturada. Então, eu também fico me pondo no lugar delas: “E se eu tivesse a vida que esse povo tem?” Elas não conhecem outra coisa a não ser essa vida desgraçada, marginal. Muitas das que saem, voltam. Às vezes, eu vejo por esse lado.

Quando é um crime que repercute muito, principalmente quando é com criança, estupro, essas coisas, elas ficam separadas até a maioria esquecer, para só assim elas poderem ingressar no convívio do pavilhão. É revoltante, aqui tem de tudo que você imaginar, aqui tem senhora aliciadora das próprias netas, que se você olhar para cara dela você diz: “Pelo amor de Deus, a “bichinha”!” Ela é assim toda encolhidinha, uma senhorinha de sessenta anos! Se você perguntar, elas nunca dizem toda a verdade. Dá raiva, muita raiva!

Eu acho que nesses casos deveria ser prisão perpétua. Porque pegar uma criança indefesa é grave demais! Mas com o tempo, a gente trabalhando aqui, vai ficando fria também, sente, mas diz: “Ah, é assim mesmo, deixa aí.” E fica assim como qualquer outro.

A maioria é tráfico, mas estão chegando muitas mulheres por homicídio, estupro, aliciamento, está demais já! Eu estava até comentando com as colegas: antigamente, quando só os pais eram presos e as mães sustentavam a família ainda ia; mas, hoje em dia, as mães estão sendo presas e essas famílias estão ficando desagregadas, totalmente desestruturadas. Eu fico pensando: “Como vai ser isso? Um filho solto sem pai, sem mãe. Porque a maioria dessas mulheres está com os maridos presos também, e ainda tem delas que tem filho menor nesse presídio aqui do lado. Então, é a família toda.” Então é uma desestrutura familiar imensa e é muito difícil corrigir isso.

A cabeça da gente fica muito confusa, porque uma hora a gente defende outra hora a gente: “Ah, esse povo!” Mas, para mim, o estado é incompetente demais, porque aqui não tem nenhum ladrão, nenhuma assassina top de linha, de família “X”, de praia, é tudo gente podre! Então, a justiça só vale para gente pobre? Por esse lado é muito injusto! Eu não vou justificar o roubo de celular, por exemplo, porque existe deputado que desvia milhões, não estou dizendo que é certo, nem justificando, mas que a justiça deveria ser justa e não é! Tem um bocado de preso aí que já passou do tempo e ninguém se importa, já foram julgados, já pagaram a sentença e tão aí, porque não tem condições de colocar um advogado e ficam à

mercê de um dia um juiz olhar aquele processo. Se você tem dinheiro, um bom advogado e paga, as coisas andam, mas se não tem fica, engavetado lá embaixo dos outros processos.

É um dismantelo a justiça e não existe projeto nenhum para essas meninas melhorarem, voltam para o mundo do crime porque quem souber que já foi uma apenada não vai querer dar trabalho. É muito difícil para elas, muito difícil mesmo. Também se você perguntasse: “De todas essas apenadas que estão aí, você teria coragem de levar alguma para casa?” Eu não tinha, sou sincera a dizer a você que eu não levaria.

Mas, apesar de tudo, eu nunca tive problema com nenhuma delas. Até hoje, eu nunca botei nenhuma presa no castigo porque não precisou. Trato elas com respeito, e até hoje nenhuma delas me desrespeitou, tanto que até hoje não coloquei nenhuma no castigo, estou há quatro anos aqui e não respondi a nenhum processo. Porque, às vezes, elas desrespeitam e você tem que saber como lidar com isso, muita das vezes a gente tem que fingir que não ouviu o que elas disseram para não se estressar mais. Vai depender de cada pessoa. Tem gente que não aguenta muita coisa, tem coisa que a gente finge não ouvir, aí, depois vai e chama atenção, é melhor.

E apesar de me dar bem com minhas colegas de trabalho, aqui é um trabalho que você se estressa com tudo. Até entre as colegas. Porque você sabe que quando junta mais de três mulheres... E tem plantão com dez mulheres, então também tem estresse entre as agentes.

Eu não tenho muito isso não, mas já tem colega com pressão alta, colega depressiva, vai depender de cada pessoa, eu sou muito tranquila aqui no trabalho. Tanto com as apenadas como com as colegas, eu estou trabalhando e faço o que tem que fazer dentro do meu trabalho. E, quando eu saio, eu tento não lembrar daqui, as meninas até reclamam comigo: “Tu também, a gente só consegue falar contigo aqui.” Eu me desligo daqui. Porque mesmo sendo 24 horas aqui e 72 horas para descansar, é muito puxado. E eu já gosto de dormir, quando chego em casa, vou dormir e no segundo dia eu também durmo mais ainda (risos). É incrível, no primeiro dia de folga você só consegue chegar em casa e dormir, no segundo é que você vai fazer alguma atividade. É muito cansativo, estressante e a energia aqui é muito pesada.

Como eu estava muito sedentária, então eu disse: “Eu tenho que entrar numa academia.” Porque todo mundo que chega aqui engorda, eu não sei o que é isso, chegou aqui fica gorda! Mas não existe um momento reservado para o profissional, os momentos que a

gente tem assim, são os projetos de universidade. Tinha um pessoal que estava fazendo terapia ocupacional com a gente, e era maravilhoso porque só vem projeto para trabalhar com as presas e com a gente nunca! E agora apareceu tu fazendo isso com a gente, mas é raro! Só querem ir para o lado delas. Eu sei que é complicado, porque não pode tirar todo mundo das atividades, mas foi num sábado que é um dia mais tranquilo, tem dias que são mais tranquilos. Aí, ela reuniu a gente e fez uma dinâmica bem legal. A gente sofre, mas é o dia a dia do trabalho e vai passando, vai se tornando uma coisa corriqueira e comum aqui.

Trabalhar como agente mudou muita coisa na minha vida, porque antes eu não tinha independência, dependia do marido. E quando eu me separei, foi terrível porque eu fiquei desamparada e voltei para casa dos meus pais. E meu trabalho me deu independência financeira, hoje eu sustento meu filho e minha casa. Também mudou totalmente minha visão de mundo, demais, demais, totalmente.

Hoje, se eu pudesse voltar no tempo, não tinha casado com a pessoa que eu casei, teria continuado meus estudos e talvez eu não tivesse feito esse concurso. Iria querer fazer um melhor, poderia até ser uma agente federal para ganhar mais dinheiro.

Mas eu me orgulho do meu trabalho, gosto demais. Aqui é um trabalho que eu posso ajudá-las. A visão que as pessoas têm me importa, mexe com a pessoa, mas eu acho que o meu papel é desfazer. Até porque, o antigo carcereiro não existe mais, a nossa profissão foi regulamentada por esse concurso. Além disso, a maioria das meninas aqui são formadas, a maioria tem especialização, mestrado ou está estudando. É outro nível de profissionais, isso melhorou muito o sistema daqui da Paraíba.

Flor de Mandacaru

Mulher bastante cautelosa, mas esperançosa em poder contribuir com a sociedade. Trabalha há 28 anos, mas como agente de segurança penitenciária faz apenas um ano. Sente-se com a responsabilidade de tornar esse ambiente mais humanizado e mais produtivo. Assim como a Flor de Mandacaru, ela tem persistência para lidar com as circunstâncias difíceis.



Fonte: Google imagens, 2017.

...a gente sai da prisão, mas ainda demora para ela sair da nossa cabeça...

Já havia pensado em ser agente, sempre achei. Eu tinha um vizinho, quando eu era criança, adolescente, que era agente penitenciário, que chamava carcerário. Mas ele era uma pessoa super positiva, não ficava falando mal do ambiente, ele gostava do que ele fazia.

Sempre gostei de caminhar junto à educação, fui professora de geografia, trabalhei como monitora de meio ambiente, trabalhei em jornais, assessoria de comunicação, trabalhei também numa repartição do estado, trabalhei em ONGs também no setor de auxiliar jurídico, setor de mediações de conflitos, num monte de coisas. Foi quando apareceu o concurso com um número de vagas interessante. Me preparei e fiz.

Quando eu trabalhava em ONG, eu via que tinha muitas pessoas que sofriam violência institucional, e famílias de apenados, apenadas... Então, meu pensamento era, se eu conseguir assumir: eu vou tentar fazer alguma coisa por essas pessoas que já sofrem tanta violência institucional. E também acho que a gente pode fazer coisas interessantes em qualquer lugar.

E trabalhando aqui eu me sinto com a responsabilidade de tornar esse ambiente mais humanizado e mais produtivo, elas precisam produzir, algo precisa acontecer na vida dessas mulheres para que elas possam tirar proveito lá fora. Porque vão enfrentar o mundo. Então, se estão aqui, eu acho que é responsabilidade minha também fazer alguma coisa para que a vida delas seja mais fácil. Mais fácil no sentido de se integrar.

Eu entendo que a responsabilidade social de um agente penitenciário é muito grande. Não é só trancar e destrancar, sabe? Mas é ver: “Poxa, o que eu posso fazer por essa pessoa que já chegou aqui tão sequelada pela vida?”. Porque todo mundo sabe que o ambiente prisional é uma tortura. Tem uma mulher que não sabe nem assinar o nome, porque ela já foi sequelada desde a infância. Muitas mulheres aqui, faziam parte do tráfico de drogas, muitas cometeram pequenos crimes, mas é crime, a lei fala que é crime. E acredito que sabiam que estavam cometendo um crime, mas se a gente for olhar o contexto de vida dessas pessoas, se você vir a estatística, quase 100% foram sequeladas pela vida. Se o sistema educacional falhou com elas, o sistema de saúde, o ambiente familiar, imagina o ambiente prisional, o sistema prisional.

As pessoas acham que é o lixo do lixo que está aqui. Mas tem muitas pessoas que se você for olhar o contexto familiar, o contexto de vida... Eu penso: “Poxa vida, eu tenho que fazer alguma coisa por essa pessoa, para que ela não volte para cá.” E tem também aquelas apenadas que cometeram crimes hediondos, tem mães aqui que simplesmente mataram os filhos, então são crimes hediondos que chocam de toda forma a sociedade, e me choca também. Eu sinto muito por isso, mas ela já foi julgada e está aqui. Já foi tirado o direito à liberdade, eu não posso pensar que porque fez isso ou fez aquilo ela não vai ter direito, porque ela tem, mas sem dúvida não me sinto bem. Aqui tem psicopatas, mulheres que praticaram crimes horrendos, então eu não me sinto bem. Olha, quem faz maldade com criança eu tenho uma certa dificuldade de lidar, mas eu tenho que lidar, e ela já está aqui cumprindo a sentença dela, então a gente precisa conviver.

Não há uma separação de crimes, tem aquela mulher que não cometeu nenhum crime hediondo, mas está misturado, todo mundo junto e misturado. E eu sei que aí dentro tem psicopatas, mas também tem aquela mãe de família com nove filhos que foi fazer aquela “parada” para ganhar mil e quinhentos reais, sabia que era crime, mas a lei de drogas precisa ser revista no Brasil.

Eu tenho um sentimento de impotência, porque a história de cada uma não pode ser revivida, cada um é o que é mesmo. Então, muitas delas sofreram muito na vida. Como eu falei, prisão no Brasil é para “pobre, preto, puta”, infelizmente. Então, é um sentimento de impotência porque é toda uma história de vida comprometida. Mas eu procuro usar meu tempo para fazer alguma coisa, pequena, uma semente na vida dessas pessoas. Agora eu te digo, quem praticou crime hediondo, para mim, tem que ser visto de outra forma, tem que ver

se foi psicopatia – ver se quando sair vai fazer de novo. Então, algo precisa ser feito. Meu sentimento é de impotência, de indignação, eu acho que todo mundo tem que ter uma responsabilidade social de fazer alguma coisa pela vida delas, que já foram tão sequeladas.

Eu acho que eu cresci muito aqui em paciência, tolerância... Porque, aqui, a gente vive em grupo, tem o grupo das presas e o grupo das colegas, então ter paciência, ter tolerância, é fundamental para você ter uma boa convivência. Eu procuro me focalizar no trabalho, eu procuro estar bem focalizada. Aí, você pode dizer: “Como assim focalizada?” Eu procuro não me desfocalizar com as coisas do trabalho. É um grupo. Porque se é um grupo, tem plantão que tem doze mulheres, ou seja, muita mulher junta... (risos) Aí, eu procuro me ausentar das conversas mais nocivas, mas a gente se dá bem, sou solidária, sou sincera também; quando é para fazer meu trabalho, eu faço meu trabalho, não deixo me influenciar pelas atitudes de algumas. Antes de sair de casa, eu faço uma oração para controlar a língua, ter paciência, respiro e conto até dez. A diretora é sempre muito gentil, muito aberta para conversar, para acatar as coisas, eu apoio.

Então, eu acho que cresci, tive que exercitar isso. Como também percebi que aqui a gente também pode fazer alguma coisa pelas pessoas. Tem delas aqui que não têm documentação... Então, nós podemos fazer, nós somos funcionárias do estado, então nós podemos fazer, isso é cidadania. Para você ter ideia, tem presas aqui que trabalham e, quando vão assinar a folha de pagamento, elas colocam o “dedão”. Então, eu as estou ajudando a aprender o nome delas para que na folha do pagamento elas possam assinar o nome. Elas têm mais de trinta anos, tem uma que tem mais de quarenta anos, quer dizer, ela não sabe escrever o próprio nome. Então, hoje, tá aí no sistema prisional e é responsabilidade minha, responsabilidade social, porque eu sou uma agente do estado e não custa nada eu fazer alguma coisa por elas, para pelo menos o nome elas assinarem. Então, acho que a gente pode fazer mais.

Mesmo que não seja formal, porque eu não sou a professora do presídio, mas eu tenho esse compromisso, eu tenho que ter esse compromisso com as pessoas. Porque elas precisam sair daqui tendo mais possibilidades para não voltarem para cá. Também estou com um projeto. Então, o que acontece, se o ambiente prisional já é muito doloroso, muito hostil para quem está preso, imagina para as crianças! Então, se eu tivesse esse poder, eu não permitiria criança entrar no ambiente prisional. Eu acho que criança nenhuma merece.

E observando a maneira que as crianças eram tratadas aqui pelas mães, a maneira que elas brincavam, que ficavam soltas... Eu pensei num pequeno projeto, que Graças a Deus está crescendo, “Contação de Histórias”. Eu fiz uma reuniãozinha com as presas e elas toparam todo domingo contar histórias para as crianças. Porque as crianças vêm para cá e ficam presas, se você for contar no ano quantos domingos essas crianças ficaram presas equivale quase a uma sentença de um adulto. Então, chega a ser cruel para essas crianças. Então, o que eu pensei, no momento que elas estão aqui, é que as apenadas, que participam do projeto, contem duas historinhas e emprestem o livro para a criança ter convívio com a mãe na pracinha. Esse momento já vai ser muito produtivo na vida delas, enquanto elas estão ouvindo a história, elas estão se libertando através do lúdico. E a mãe vai estar subjetivamente participando da educação do filho, vai estreitar laços afetivos com ele. Ela já passa a semana inteira longe do filho e no domingo, além de dar afeto contando historinha, porque é um ato de amor contar uma historinha para uma criança, ela vai estar subjetivamente participando da educação do filho. E o filho, aonde chegar, vai dizer: “Minha mãe está no presídio, mas ela lê para mim.” E isso faz também com que a mãe passe a ler algo acessível, que também vai estimular o lúdico dela, e ela vai querer ler.

O projeto está interessante, mas meu maior objetivo é que essas crianças gostem da leitura. Eu sempre digo para as mães, quando elas vêm participar: “Olhe, lá fora vão oferecer droga ao seu filho, vão oferecer armas, prostituição, mas ela vai aceitar e se aproximar das pessoas que oferecerem um livro. Então, sua responsabilidade é muito grande na vida do seu filho. Vá ler com ele.” Então, a gente manda as crianças para ter o convívio na pracinha. E as presas estão achando interessante, e tendo isso como hábito, depois vai ser algo natural. É lindo ver as crianças aqui andando com os livros. Antes, era correndo nesse ambiente insalubre, com esgoto estourado. Agora não, elas ficam com o livro. É a coisa mais linda, elas não vão esquecer.

Minha relação com elas é tranquila, não precisa a gente estar se estressando, brigando. Tem delas que tentam manipular a gente, mas quando eu percebo isso eu sou muito séria, faço o que preciso fazer. Mas tem que compreender, uma sente dor, tem que subir para a assistente social, a outra arengou com a outra na cela, problemas de relacionamento e tal. Eu tento resolver da melhor forma.

Às vezes, eu sinto medo quando elas estão agressivas. Aí, a gente interfere porque se uma machucar a outra, dá um problema muito grande para todos. Então, é preciso chamar

apoio, aí vem um colega com uma arma, eu que privo pela questão da educação, fico com muito receio de que aconteça alguma coisa pior, uma violência pior, e isso é um momento de muita tensão e eu tenho medo que aconteça alguma coisa com esse colega que está com a arma, a gente pode se machucar, porque às vezes elas estão agressivas mesmo. Às vezes, elas falam alguma coisa com muita aspereza para a gente, então naquele momento eu penso: “Poxa, se elas tiverem uma oportunidade de partir para agressão física, elas partem mesmo. E quem está perto é quem vai levar.” Então, existe sim esse risco real. E eu tenho medo, tem psicopatas aqui dentro.

Assim como também tenho medo lá fora, porque a gente pode encontrá-las em qualquer lugar. Eu não estou dizendo que fico apavorada. Elas não estão gozando da liberdade? Então é possível encontrá-las em qualquer lugar. Mas, aí, a questão da psicopatia, a gente tem pessoas aqui que mataram outras por motivo banal. Então, eu tenho medo sim, eu procuro não frequentar lugares muito populares, não venho fardada, ninguém no meu condomínio sabe que eu trabalho no ambiente prisional, ninguém, sabe. Quando eu lavo minha farda, eu coloco para secar num lugar onde ninguém possa ver, porque as pessoas ficam: “Trabalha no presídio!” Aí, já fazem aquele julgamento, já acham que eu tenho arma, então eu procuro não demonstrar. Tenho medo sim.

A minha filha não sabe, ela não sabe que trabalho no presídio. Mas também, é precaução. Eu não vivo assustada não, não vivo estressada, morrendo de medo não, é um medo que me protege, não é um medo que me impede de fazer as coisas e de ter uma vida social não, é um medo que me protege.

Querendo ou não, quando a gente sai do ambiente prisional, tipo uma escolta, uma custódia de uma presa, a gente corre o risco lá fora de termos nossa integridade física afetada. Porque muitas delas têm companheiros envolvidos com tráfico de drogas. Então, existe um risco real quando a gente sai da unidade com elas. Não são todas, porque tem outras, coitadas, que só a graça mesmo, que o presídio foi a salvação delas, porque elas viviam largadas na rua, eram dependentes de crack, cocaína, aí foram pegadas, foram presas, e hoje pelo menos estão vivas. São cuidadas, têm assistência médica, têm refeição três vezes ao dia, as drogas que elas consumiam lá fora não existem aqui dentro, se existe é em quantidade mínima. As grávidas também aqui são bem cuidadas. Mas existe o risco.

Então, a gente sai dos muros da prisão, mas para a prisão sair da cabeça da gente, do coração da gente, ainda demora umas quatro a cinco horas. Aí, você fica pensando: “Não, porque aconteceu isso, aquilo...” Você também tem que ter ajuda, falar porque se não impregna em você tanta coisa, tanta energia negativa.

É uma energia muito pesada, muito carregada. Se a gente não respira, não se cuida lá fora... Quando eu chego em casa, eu digo: “Vamos para a praia!” Tomo aquele banho, faço aquela higiene pessoal.

Porque a gente sai dos muros do presídio, mas a gente passa horas com o presídio dentro da cabeça da gente, com toda essa carga emocional que existe aqui. Isso afeta sim, porque há uma extensão emocional que eu vou para casa e levo durante horas os problemas daqui. Aí, tenho que dar aquela descarregada, respirada, buscar fazer outras atividades, porque se não a gente adocece. A gente adocece, a mente da gente adocece, não só o corpo, mas o cansaço físico de ficar para cima e para baixo. Se a gente não cuida da mente, ela adocece porque é uma carga emocional muito grande aqui nesse lugar, é uma energia muito carregada. Então a gente adocece sim.

Teve uma situação que eu fiquei com disenteria vários dias em casa, porque aqui eu tive que agir com a razão, mas dentro de mim tinha uma carga muito grande de emoção e eu não podia agir com emoção. E quando eu saí, em casa, fiquei com disenteria três dias e eu sei que isso aconteceu por causa do meu emocional. Também o sono, a gente trabalha o dia inteiro aqui e à noite, chama “quarto de hora”, é um sorteio e a cada trinta minutos a colega fica, tipo: de meia noite a meia noite e meia, de meia noite e meia a uma hora... Então a gente está dormindo, depois de um dia inteiro de trabalho, tem que acordar, há uma quebra no sono da gente. Tem que acordar e ficar aquele período, dependendo do sorteio, e no meio da noite há uma interrupção do sono.

Depois tem que voltar a dormir sabendo que de seis horas da manhã precisamos estar alertas para o banho de sol delas. E no banho de sol ficam, como já teve dia, noventa apenadas para um número de nove agentes e um colega com uma doze, uma arma e outro com uma pistola. Então, assim, é um ambiente que a gente fica naquela tensão, com o sono interrompido para tirar o quarto de hora e, no outro dia, às cinco da manhã, precisa estar de pé para abrir o semiaberto para as que trabalham fora e, de cinco e meia da manhã, abrir a

cozinha para as trabalhadoras prepararem o café da manhã. Então é bem desgastante, sem contar a tensão no banho de sol de ficar no meio das presas.

Eu tento manter minha tranquilidade, mas é um ambiente onde pode acontecer alguma coisa, uma briga. Porque as celas são abertas e, quem quiser sair para o banho de sol, sai; e, quem não quiser, fica trancado. Aí, saem trinta, quarenta, eu já contei noventa. Se todas quiserem sair, elas podem; todas têm direito ao banho de sol, porque não se usa mais como castigo privá-las disso, porque é um direito delas. Então, se todas quiserem sair, saem. E para um efetivo de, no máximo, dez agentes. Então, se são todas as celas, a gente sabe que existe desafeto, então imagina uma briga no banho de sol, é um clima muito tenso. Mas eu vou na boa fé, tranquila, alerta, mas pode acontecer e gerar uma reação irreversível para aquela hora. Então, a gente pede a Deus para não acontecer nada, mas é um ambiente propício para acontecer exatamente o que eu estou te dizendo. Graças a Deus, não aconteceu ainda comigo uma situação dessa. Aconteceu, uma vez, durante um pente fino em que eu fiquei na praça com elas, uma que era desafeto da outra, partiu para bater nela. Imagina, tinham umas vinte, e era eu, um colega e uma outra colega, mas aí não ia adiantar porque quando elas partem para brigar, o “cassete” é feio mesmo! Aí eu falei, pedi, falei com energia, o colega também, mas a todo o momento tem essas situações.

Então, se a gente não se cuidar, a gente adoece porque aqui não existe cuidar de quem cuida não. A gente tem que rebolar e se cuidar. Eu vejo algumas amigas que precisam de cuidado. Mas esse momento de zelo não existe não, mas eu acho que não é nem má-fé de ninguém. Poderia existir, mas não existe não.

Eu procuro muito ir à praia, praticar um esporte, ler outras coisas, me empenhar nesse projeto, que é bastante positivo, estar com minha família, com minha filha, fazer coisas de que eu gosto. Mas, até o presente, eu não senti falta de ir à terapia, psiquiatra, psicólogo, não. Eu já fiz isso em outra época da minha vida, mas por causa desse trabalho, ainda não, mas eu sei que eu preciso me cuidar e faço essas coisas.

É realmente um trabalho estressante, bem estressante porque é uma panelinha de pressão, é perigoso. E ainda não somos reconhecidas como profissionais, não tem ainda nosso plano de cargo, carreira e remuneração, nós não temos nossa lei orgânica, mas a gente está aguardando uma gestão que vá fazer isso, reconhecer nosso trabalho.

Eu acho que ainda se pensa que estamos no tempo da barbárie, em que os profissionais da área de segurança torturavam, maltratavam; existe, infelizmente, essa imagem ainda. Mas com o concurso e com a humanização dos profissionais esse quadro vem mudando, as pessoas estão mais ligadas aos direitos humanos. Claro, existem profissionais e profissionais, não coloco minha mão no fogo por ninguém, porque a gente sabe que o sistema é comprometido, mas nem todos os profissionais do sistema têm esse procedimento ilícito.

A gente trabalha com pessoas que são consideradas o lixo da sociedade, mas como eu falei, não são todas. Tem histórias aqui que você fica até comovida. Mas é um trabalho normal. Você tem que se cuidar, mas não é um bicho de sete cabeças não, você tem que ter esses cuidados. Se sou satisfeita com meu trabalho? Eu acho que poderia mudar o ambiente de trabalho, poderia melhorar muito a estrutura física, a humanização delas, a ressocialização delas. Então, é uma luta constante e eu faço parte do time que vamos fazer. Eu faço minha parte!

Rosa Vermelha

Jovem destemida e decidida a conquistar seus objetivos. Formada em Farmácia, trabalha há seis anos e há quatro é agente de segurança penitenciária. Para ela, a opinião da sociedade não importa, mas sim sua satisfação pessoal. A Rosa vermelha representa coragem e respeito, duas características importantes para o cargo de agente.



Fonte: Google imagens, 2017.

... hoje eu sou uma pessoa mais dura....

Comecei a trabalhar quando fazia Farmácia, como estagiária, era bolsista no estágio extracurricular em outra faculdade. Passei três meses lá. Fiz o concurso do IBGE para trabalhar em Nazaré como agente censitária municipal, passei e fiquei um ano trabalhando no IBGE como censitária municipal. Como antes também havia passado para agente de pesquisa e mapeamento do IBGE, apesar de ser contrato temporário, fiquei por dois anos. Nesse período, também já havia passado para agente e quando terminou o contrato do IBGE, foi o tempo que fui chamada aqui.

Nunca veio na minha cabeça ser Agente Penitenciária não. Mas, quando eu vi o edital, comecei a me preparar. Fiquei interessada por ser concurso público, pela estabilidade e a quantidade de vagas ser grande, então eu fiz.

É um serviço estável, não tem problemas com os superiores da gente. Meu relacionamento com meus colegas de trabalho é tranquilo, muito tranquilo. Não tenho problema com nenhum. Com a direção é mais tranquilo ainda. É uma coisa que eu sei que está ali, mas também não vive cobrando, são muito tranquilos. Eu estou na coordenação e me dão total liberdade aqui, não fica aquela cobrança não, é uma coisa bem tranquila. Só dizem o que tem que fazer, o que quer que a gente faça e a gente executa da melhor maneira que puder. Não existe problema.

E com as presas também é muito tranquilo. Às vezes, é até mais fácil você se estressar com as colegas de trabalho do que com as presas. Porque as presas sabem que, querendo ou não, o poder dali é nosso. Então, elas vão saber respeitar, já as colegas, como estão ali de

igual para igual, às vezes, não entendem muito isso e gera aquele conflito. Mas comigo não tem muito problema não, mas tem umas que se desentendem bastante. Mas, com as presas, eu converso normal com todas, elas entendem o lugar delas e entendem a minha posição. Não tem problema não. E também se vierem se aproveitar é “direitinho”, mando para a delegacia que eu não aceito intimidade.

As desvantagens daqui são mais a questão da insalubridade do ambiente perigoso, poucas condições de trabalho. Por exemplo: eu me sinto insegura, porque hoje a gente não tem uma guarita funcionando, e isso prejudica o andamento do nosso trabalho, dificulta algumas coisas que poderiam ser impedidas se tivesse apenas uma guarita, uma iluminação adequada, mais cadeados, uma estrutura boa. Mesmo com a situação atual, com uma estrutura boa a gente trabalharia muito melhor.

Ser agente penitenciário é uma peça importante, querendo ou não. Porque ele é quem está lidando com as criminosas da sociedade. Então, querendo ou não, ele tem sua importância. Embora não seja reconhecido por isso, mas a importância dele é grande, dependendo do modo como ele age aqui dentro, isso pode se refletir na sociedade, lá fora, ou até mesmo aqui nos anos dessas pessoas.

Mas essa falta de reconhecimento das pessoas não me incomoda, sinto falta de reconhecimento financeiro, mas a opinião dos outros não importa. Eu gosto muito. Foi um trabalho que me proporcionou mais autonomia, mais independência financeira e, como eu gosto muito daqui, satisfação pessoal.

Lógico que fico chateada porque poderia ser melhor, mas é uma coisa que eu não penso em ficar pelo resto da minha vida, não porque eu não gosto, mas porque existe possibilidade de outras coisas melhores. Então, eu não me preocupo tanto com essas coisas não, eu venho, faço o que devo fazer e vou para casa. E, quando eu passo daquele portão azul, não quero saber nem o que está acontecendo aqui.

Quando eu cheguei aqui, eu ficava mais chocada com a realidade das presas, quando via a família numa visita de domingo. Hoje, já se tornou mais normal, mais comum e não me incomoda mais. Tipo: choro de apenada dizendo que está com dor... Isso não me incomoda mais, porque a gente, com o passar do tempo, passa a distinguir o que é uma dor verdadeira e o que é fingimento. Então, pelos sentimentos, a gente consegue perceber alguma coisa, de ter mais concepção em cima de alguma coisas.

Hoje eu sou uma pessoa mais dura. Também não tenho sentimento de medo trabalhando aqui. Mesmo quando aconteceram situações extremas, eu não senti medo. De forma alguma. Lá fora eu tenho esse cuidado de não estar andando fardada por aí, e também não ficar dizendo a profissão em todo lugar, não porque eu sou agente penitenciária, se fosse qualquer profissional de segurança eu continuaria tendo esse cuidado, mas porque a gente não sabe quem são aquelas pessoas, nem a cabeça delas.

Minha mãe, antigamente, ficava mais temerosa e meu pai achava um absurdo. Quando conto algumas histórias daqui, ele fica para morrer achando um absurdo, mas eu sempre digo que é muito tranquilo. Eu os tranquilizo em relação a isso. E é diferente como a gente pensa que é aqui e de como é na realidade. Não conto tudo, fatos pesados não. Sempre eu conto uma história ou outra que às vezes as presas contam, as histórias delas mesmas.

E tem histórias que a gente fica meio assim, mas eu não fico querendo tomar satisfação com aquela pessoa pelo crime que ela fez, porque eu acredito que cada um tem o destino que merece. Então, a gente faz uma coisa e a gente paga mais cedo ou mais tarde. Você não pode fazer esse tipo de pré-julgamento. Para mim não importa.

Com o passar do tempo, para gente é natural, mas quem é de fora, que não convive com esse pessoal, acha um absurdo. Então, eu tento não expor tanto para evitar que eles fiquem pensando que aqui é desse jeito. E não é.

No geral, eu não tenho muito do que reclamar não, eu gosto. Me faz muito bem. Faz bem ao meu ego, quando eu chego aqui. Todo mundo pensa que quando você está com alguma coisa, por ser agente penitenciária, acha que é relacionado ao trabalho. Nunca tive problema em relação ao trabalho, tenho realmente satisfação pessoal quando venho para cá.

Tem umas apenas que aprenderam, fizeram cursos de manicure, pedicure, fizeram curso de cabeleireiro. E existe um momento delas que cuidam da gente, é uma troca, a gente faz esse trabalho com elas, tira elas da cela e se cuida. E, fora daqui, eu frequento a academia, faço esse tipo de coisa, faço atividade física. Tenho lazer.

E devido à escala de trabalho flexível, é um emprego que te proporciona alcançar coisas maiores por conta dessa flexibilidade, dessa coisa de você conseguir organizar seu horário. Então, foi um trabalho que me proporcionou estabilidade e, se eu tivesse outra oportunidade, eu teria estudado mais para ter ficado na frente e estar aqui há mais tempo. Consequentemente, teria uma economia financeira melhor, e teria me proporcionado algumas coisas que só foram possíveis mais tarde.



Fonte: Google imagens, 2017.

5 Análise e Discussão do Material Empírico

A busca pela independência e instabilidade financeira pode não ser nada fácil, principalmente tratando-se do trabalho árduo de uma agente de segurança penitenciária. Conviver com a rotina diária do ambiente prisional requer riscos, apesar de suas vantagens. Porém, existem mulheres guerreiras que, apesar das dificuldades, conseguem, através da sua força de vontade e resiliência, realizar um trabalho de qualidade e ainda se sentirem satisfeitas.

As colaboradoras que participaram da pesquisa estão em uma faixa etária entre 27 e 67 anos de idade, são mulheres de classe média, a maioria delas possui ensino superior completo. Algumas residem no município, outras são oriundas de cidades do interior da Paraíba, enquanto outras vieram de estados vizinhos, configurando-as como migrantes. Entre elas, existem mulheres em união estável, solteiras e divorciadas.

As histórias reveladas constituem-se de narrativas contadas por dez mulheres agentes de segurança penitenciária, que atuavam há mais de um ano, em contato direto com as reeducandas, no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, maior complexo penitenciário com população feminina da Paraíba. Suas histórias revelaram suas motivações para entrar e para continuar atuando no ambiente prisional, suas dificuldades diárias e como suas atividades laborais interferem na sua saúde.

Após conhecer as histórias de cada mulher, conduzida pelos tons vitais das narrativas, elaboraram-se três eixos temáticos para respaldar os objetivos propostos nesta pesquisa: 1 - Motivações: Benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho; 2 - Agente de segurança penitenciária: uma mistura de sentimentos somados ao preconceito e à falta de reconhecimento; 3 - O preço de ser agente de segurança penitenciária: repercussões na vida e na saúde dessas mulheres.

5.1 Motivações: Benefícios financeiros, estabilidade no emprego e flexibilidade na escala de trabalho

O desejo da estabilidade financeira é uma realidade compartilhada pela maioria dos trabalhadores brasileiros, principalmente, se tratando da mulher que, por muito tempo, era submissa ao cônjuge. Apesar de ainda ser considerada a principal responsável pelas tarefas do lar, essa realidade vem sendo desmistificada pela teoria da igualdade de gênero, em que tanto o homem como a mulher são livres para trabalhar, assim como ambos também são responsáveis pelos afazeres domiciliares.

Mesmo a mulher, na sociedade contemporânea, tendo conseguido novos espaços, reivindicando seus direitos, lutando pela igualdade social e deixando de ser educada somente para se casar e ter filhos, ela ainda enfrenta dificuldades no meio trabalhista, e a conquista da independência financeira representa um marco na vida delas (BUCKERIDGE, 2011).

Essa realidade está presente nas histórias das agentes que revelam nunca terem pensado em ser agente de segurança penitenciária, algumas até tinham o desejo de ser policial, mas jamais cogitaram a possibilidade de trabalhar no sistema prisional. A maioria delas confessa que a principal motivação foi o benefício financeiro e a estabilidade de um concurso público, como é possível observar nos relatos a seguir:

“Foi o salário que me motivou e me trouxe a independência financeira [...]” (Flor de Lótus).

“[...]o principal interesse em continuar foi a questão da remuneração e da escala de serviço, foi o que me fez continuar na área [...]” (Jasmim).

“Fui motivada pela estabilidade, você como funcionária pública tem mais um pouco de segurança em relação ao emprego em si [...]” (Violeta).

“Fiquei interessada por ser concurso público, pela estabilidade [...]” (Rosa vermelha).

Diante das dificuldades que ainda marcam a inserção da mulher no mercado de trabalho, muitas delas sentem-se vitoriosas ao conquistar seu espaço, mesmo que não seja algo que elas planejavam. O desejo da liberdade financeira pode ser instigante para que a mulher consiga permanecer empenhada a desenvolver sua atividade laboral com eficácia, mesmo que não haja reconhecimento.

A necessidade de uma segurança financeira motiva buscar estabilidade através do serviço público. Principalmente aqueles profissionais que trabalhavam, anteriormente, em profissões desvalorizadas socialmente e mal remuneradas. A trajetória profissional percorrida por um sujeito, geralmente é guiada pelo desejo do progresso e ascensão social, principalmente, quando existe a possibilidade de uma carreira estável (LOURENÇO, 2010; SOUZA; CASTRO, 2014).

Além da segurança profissional e da estabilidade financeira, a flexibilidade da escala de trabalho também é considerada um grande atrativo para as agentes, já que as folgas

possibilitam dar uma atenção maior aos familiares, realizar afazeres domésticos e permite também realizar outras atividades, por possuir uma maior disponibilidade de tempo livre:

“[...] o sistema de escala é um grande atrativo [...]” (Margarida).

“[...] no regime de escala nós temos um período de folgas, então eu posso dar mais assistência aos meus filhos, posso dar assistência em casa e posso trabalhar [...]” (Jasmim).

“[...] trabalha um dia e folga três, acaba sendo um atrativo para o serviço [...]” (Violeta).

Além dessas vantagens, algumas colaboradoras relataram gostar do que fazem. Apesar de compreender a periculosidade inerente ao ambiente prisional, também existem aquelas que admiram o trabalho e o veem como uma responsabilidade social, que trabalhando como agente podem contribuir para a população excluída da sociedade, elas sentem-se úteis, e relatam:

“Eu era dona de casa, dependia financeiramente do marido, e uma vizinha perguntou se eu queria trabalhar [...]” (Rosa).

“[...] trabalhando aqui eu me sinto com a responsabilidade de tornar esse ambiente mais humanizado e mais produtivo [...]” (Flor de Mandacaru).

É interessante observar nos relatos que, para algumas das mulheres, a profissão causa um certo aprisionamento; porém, para outras, significa liberdade ou mesmo uma oportunidade de fazer algo pela sociedade. Elas sabem e convivem com todos os riscos diariamente, mas reconhecem que existe um lado bom, uma recompensa por tentarem modificar a imagem negativa que a sociedade tem das apenadas e das próprias agentes.

Elas não veem apenas o benefício financeiro, mas a possibilidade de poder realizar algo para contribuir com a sociedade. Sabe-se que a conquista de um concurso público é recompensador para o aprovado e para sua família, mas não é suficiente para que exista satisfação pessoal, elas também precisam sentir-se úteis.

O prazer em trabalhar como agente, pode estar relacionado à conquista de um concurso público, à estabilidade financeira que ele possibilita e à escala de trabalho “flexível”, mesmo quando as condições são consideradas precárias. Para elas, o sistema de escalas permite realizar bicos para aumentar a renda mensal e permite também uma maior

disponibilidade para os afazeres domésticos, cuidar da família e dos filhos, o que para as agentes é uma grande vantagem (TAETS, 2013; TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

Apesar da falta de recursos e das condições insalubres, as agentes tentam realizar atividades que venham a contribuir com a ressocialização e com a inclusão social das apenadas. Elas sentem-se mais úteis quando essa tarefa árdua torna-se possível. Transformar o ambiente prisional em um lugar com possibilidades de renovação pode ser fonte de satisfação. Demonstra também o respeito, a sensibilidade e atenção para com a responsabilidade da profissão (JASKOVIK; FONTANA, 2015).

Embora todas as agentes conheçam o “estigma da profissão” e os “riscos do ofício”, assim como a imagem negativa que a sociedade e os familiares têm em relação à prisão, isso não interferiu na decisão delas se tornarem agentes; pois, para elas, a necessidade de uma estabilidade financeira estava em primeiro lugar (BRANDT, 2015).

5.2 Agente de segurança penitenciária: uma mistura de sentimentos somados ao preconceito e à falta de reconhecimento

As agentes convivem com o preconceito em relação a sua profissão diariamente, mas todas as vantagens, já mencionadas anteriormente, as ajudam a superar todas as dificuldades e as fazem querer continuar realizando seu trabalho da melhor forma possível, com eficácia e responsabilidade.

O “estigma da profissão”, que acompanha as profissionais dessa área, é adquirido ao começar a trabalhar no sistema prisional como agente de segurança penitenciária, principalmente por estar em contato direto com pessoas que, de acordo com o sistema judiciário, são culpadas e, muitas delas, são portadoras de histórias e crimes hediondos, o que provoca uma reação de medo, seja dentro ou fora do presídio, como podemos observar nas falas das agentes:

“[...] eu sinto medo na rua de estar lutando com quem não conhece [...]” (Rosa).

“[...] eu tenho mais medo lá fora [...]” (Jasmim).

“[...] eu tenho receio de uma rebelião, de alguma coisa que cresça muito, ou seja, de uma situação muito grande que a gente não consiga resolver [...]” (Violeta).

“Às vezes, eu sinto medo de quando elas estão agressivas [...]” (Flor de Mandacaru).

O medo pode ser provocado pelas condições precárias do ambiente de trabalho, condições insalubres e pela incerteza quanto às reações das apenadas. O temor ao desconhecido, daquilo que é imprevisível, assombra muitas das agentes. Principalmente quando estão fora do presídio, por temerem não saber em quem confiar.

Além do receio de situações de risco que existem diariamente no ambiente prisional, também é necessário manter-se em alerta fora dos portões, pois a hostilidade pode estar até mais presente nas ruas. O medo é um dos sentimentos que aparece na maioria das agentes, a preocupação com a segurança fora dos muros da prisão, por exemplo, pode resultar em noites mal dormidas (LOURENÇO, 2010).

As agentes também sofrem por estarem constantemente em conflito de valores. Elas convivem com diversas histórias de violência e, muitas vezes, sentem dificuldade para não deixar o emocional influenciar no trabalho. Como pode ser observado nos relatos a seguir, elas estão diariamente trabalhando isso:

“[...] são muitas histórias e querendo ou não mexe com a gente. Mas acima de tudo, tem que ser profissional e não pode deixar isso interferir no trabalho [...]” (Margarida).

“[...] Choca no início, mas depois precisamos abstrair, ser impessoais, ser profissionais [...]” (Flor de Lótus).

“[...] não estou aqui para julgar, estou aqui para custodiar as apenadas [...]” (Jasmim).

“[...] não é por isso que eu vou deixar de dar assistência, mesmo porque ela já está pagando pelo crime dela. Mas é difícil, muito difícil (risos) [...]” (Violeta).

“A cabeça da gente fica muito confusa, porque uma hora a gente defende outra hora a gente: “Ah, esse povo!” [...]” (Girassol)

Para manter a disciplina, elas vivem em constante reafirmação da ética profissional: *“Trabalho é trabalho!”*; *“Não estou aqui para julgar ninguém”*; *“Estou aqui apenas para fazer meu papel de agente.”*. Apesar das histórias das apenadas estimularem uma reação de revolta, elas tentam fugir do foco e reagir racionalmente.

A rotina diária dentro do ambiente prisional somada às diversas histórias e situações de violência, muitas vezes, cometidas por mães, irmãs, “mulheres de família” chocam essas profissionais. Apesar de muitas vezes não conseguirem controlar os sentimentos, elas precisam respirar e continuar o trabalho, pois o julgamento não é de sua competência. Algumas agentes também relatam que após a rotina no ambiente prisional, do convívio com essas mulheres e das diversas histórias de violência, ocorreram mudanças de comportamento.

Elas tornaram-se, por exemplo, pessoas mais desconfiadas e menos emotivas. As relações de amizades são cada vez mais restritas.

A convivência entre agentes e apenados, sendo estes responsáveis por diversas histórias de crueldade e de personalidade ambígua, indica a necessidade de permanecer cauteloso, em constante estado de alerta (MORAES, 2013).

Tudo isso pode ser explicado pelos valores culturais cultivados durante toda uma trajetória de vida. Ao nascer, todo indivíduo é inserido em um determinado grupo social, absorvendo conhecimentos, hábitos e valores através dos ensinamentos dos familiares. Porém, ao entrar em contato com uma realidade diferente dos valores ensinados, isso gera conflitos podendo ocasionar sofrimento e revolta (BRANDT, 2015).

Além de toda essa dificuldade, é uma profissão marcada pelo preconceito somado aos diversos riscos tanto dentro quanto fora do ambiente prisional. São mulheres que dão o seu melhor para tentar fazer algo por uma população excluída pela sociedade, mas que na maioria das vezes são desvalorizadas:

“De uma forma geral, a gente só perde para ladrão. A gente só não é pior que o ladrão, mas se assemelha mediante os olhos da sociedade [...]” (Margarida).

“[...] Ainda existe muito preconceito da sociedade em relação ao agente de segurança penitenciário [...]” (Rosa).

“[...] a visão que a sociedade tem do agente penitenciário é muito negativa, de torturador [...]” (Violeta).

“Criou-se um estereótipo muito feio da gente, que não existe, que a mulher que é agente penitenciária é macho, é má, toda masculinizada mesmo, e a gente não é! [...]” (Petúnia).

E, muitas vezes, acarreta um sentimento de revolta nessas mulheres. Porque do mesmo jeito que a sociedade exclui e teme o crime, ela também discrimina aqueles que estão tentando protegê-la, fazendo o possível para disciplinar as apenadas de forma que, ao sair da prisão, não voltem a cometer novos atos de violência.

Nas histórias das agentes, elas relatam um sentimento de tristeza e de decepção ao perceberem que, mesmo fazendo o seu melhor, o reconhecimento é quase inexistente, a grande maioria da sociedade não valoriza seu trabalho:

“Estamos cuidando dos criminosos, mas para segurança pensando nas vítimas, pra que não haja novas vítimas [...]” (Jasmim).

“[...] é um trabalho que a maioria não quer, e quem quer está aqui 24 horas cuidando do que as pessoas pensam ser o “lixo da sociedade” [...] E mesmo eu estando aqui fazendo esse trabalho você não me valoriza?” (Petúnia).

“[...] é quem está lidando com as mais criminosas da sociedade. Então, querendo ou não, ele tem sua importância [...]” (Rosa Vermelha).

Comparado aos tempos passados, existiu uma grande evolução no sistema prisional, com a reforma nas prisões e o surgimento dos sistemas penitenciários foi possível valorizar mais a conduta de reeducação e ressocialização das pessoas em privação de liberdade. Apesar das precárias condições físicas dos presídios e do preconceito da sociedade, hoje é mais fácil propiciar uma reabilitação gradual à vida externa à prisão. Porém, ainda existe muito para melhorar e evoluir.

Tudo isso ainda ocorre por essa imagem negativa ainda estar vinculada ao antigo “Carcereiro”, acusado de ser corrupto e de ser torturador. Porém, essa realidade vem sendo modificada no decorrer dos últimos anos com a inserção dos concursos públicos, para selecionar pessoas mais capacitadas, como relatam as colaboradoras:

“[...] hoje mudou bastante, a maioria dos agentes penitenciários daqui tem curso superior. Então, já dá uma diferenciada aí.” (Margarida).

“[...] a maioria das meninas aqui são formadas, a maioria tem especialização, mestrado ou está estudando. É outro nível de profissionais, isso melhorou muito o sistema daqui da Paraíba.” (Girassol).

“Hoje pelo menos quase todas nós temos uma graduação ou estamos terminando uma, falamos outra língua, estudamos em colégios bons, fizemos uma boa universidade... hoje, a realidade é muito diferente de uns anos atrás. [...]” (Petúnia).

Todas as colaboradoras da pesquisa possuem curso superior, algumas delas estão cursando o segundo ou já possuem pós-graduação. Ou seja, hoje a realidade é outra: o sistema prisional dispõe de profissionais qualificados. Além disso, as agentes também relatam existir respeito entre elas e as apenadas, em que cada uma delas tem consciência do seu lugar e de como se portar. É uma relação de trabalho e disciplina. Porém, de forma justa, sem abuso de poder.

Uma prova disso é um estudo realizado no Estado da Paraíba, em que mostra que a maioria dos agentes, homens e mulheres, possui ensino superior completo (CASTRO;

NASCIMENTO, 2016). O que contribui para a realização de práticas qualificadas e humanizadas. Os editais mais recentes para concurso do cargo de agente de segurança penitenciária estão em consonância com a Lei estadual nº 16.448/2008, que alterou a Lei nº 14.237/2002, que antes exigia o Ensino Médio completo e, hoje, passa a exigir conclusão de curso de nível superior em qualquer área de formação com a finalidade de admitir profissionais cada vez mais capacitados no sistema prisional (SOUZA et al, 2015).

O que acontece é que ainda é uma profissão estigmatizada, pois não é reconhecida pela sociedade, nem mesmo do ponto de vista jurídico, devido a comparações equivocadas entre sua função, práticas de violência e agressões existentes na antiguidade. Em consequência disso, muitas vezes, a sociedade condena o agente por ainda estar presa à visão do antigo carcereiro. Além disso, o próprio Estado parece ter esquecido o sistema prisional, contribuindo para a não resolução de problemas como superlotação e escassez de políticas públicas (STRADIOTTI et al, 2014; CASTRO; NASCIMENTO, 2016).

Tratava-se de uma profissão sem prestígio, principalmente por conviver com aqueles que cometeram algum tipo de delito. Hoje, não mudou muito. Apesar da estabilidade econômica que o servidor público do sistema prisional representa para algumas pessoas, muitas vezes, pode ser ofuscada pela desmotivação e insatisfação geradas pelos riscos e pela falta de reconhecimento, ainda bastante presentes na sociedade (SÁ, 2007; STRADIOTTI et al, 2014).

Esse desprestígio somado ao ambiente e à organização do trabalho podem interferir direta e indiretamente na saúde do profissional. Trabalhar no ambiente prisional exige constante estado de alerta, ocasionando em momentos de tensão. A periculosidade e a insalubridade do ambiente propiciam o desenvolvimento de estresse, o que pode interferir na saúde das agentes (GRECO et al, 2013).

5.3 O preço de ser agente de segurança penitenciária: repercussões na vida e na saúde dessas mulheres

Sabe-se que o trabalho pode influenciar na vida e na saúde do profissional e, como já mencionado anteriormente, trabalhar no sistema prisional significa estar exposto a diversos riscos, a situações de tensão, além das condições precárias de trabalho referentes à insalubridade, à estrutura física e aos equipamentos sucateados. O que, consequentemente, reflete na saúde desses trabalhadores.

Quando, no ambiente de trabalho, existem fatores estressores ligados às condições físicas, ambientais e psicológicas, responsáveis por gerar sobrecarga física, cognitiva ou afetiva, eles podem contribuir para o adoecimento ocupacional (PENTEADO; SILVA; MONTEBELLO, 2015).

Trabalhar no sistema prisional repercute bastante em alguns aspectos da vida de uma agente, o que exige que essas mulheres adotem alguns cuidados necessários para garantir sua segurança e a de seus familiares. Todas as colaboradoras relatam, por exemplo, o cuidado em não andar fardada pela rua:

“[...] eu tenho o cuidado de não sair fardada de, por exemplo, não lavar e estender a farda em algum lugar que outras pessoas vejam... Você perde um pouco da sua liberdade quando passa a trabalhar aqui [...]” (Flor de Lótus).

“[...] não posso estar dizendo em qualquer lugar que sou agente, não posso estar andando fardada sem estar armada, sem estar numa escolta, tenho que me preservar em muitas situações [...]” (Jasmim).

“Eu era uma pessoa muito sensível com tudo, e fiquei mais dura. Ainda sou sensível, mas eu desconfio mais das pessoas [...]” (Flor de Macambira).

“[...] Hoje eu sou uma pessoa mais dura. [...]” (Rosa Vermelha).

Observa-se que houve algumas mudanças na vida das agentes, a maioria delas tornou-se desconfiada, vivendo em constante estado de alerta. Além de mudanças no temperamento, crenças e valores. Para elas, configuram-se em medidas de cuidado ou estratégias de proteção.

Apesar de saber que o trabalho é algo que dignifica o homem, essas trabalhadoras adotam o silêncio para se proteger, pois sua identidade profissional pode ser considerada um fator de risco para a violência. E a maioria das agentes adota métodos próprios de segurança ao sair em público: “quando sair para algum ambiente social, nunca sentar de costas para o público, sempre sentar de costas para algo que proteja, tipo uma parede, e ficar atento”. Essa insegurança reflete também nas relações sociais, no convívio com a família e em seu círculo de amizades (CASTRO; NASCIMENTO, 2016).

A constante convivência com o sistema prisional induz o agente a manter-se em estado de alerta. Um estudo realizado com agentes do sul do Brasil revela que a dinâmica laboral do presídio contribui para um “endurecimento emocional”, por tentar manter o profissionalismo

e o menor envolvimento possível com o trabalho (MORAES, 2013; TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

Trabalhar no sistema prisional significa carregar um estigma que acompanha sua profissão, repercutindo na sua vida e interferindo nas suas possibilidades de interação social. Tanto a agente é vista como alguém que não merece confiança, despertando atenção nas demais pessoas, como ela também possui dificuldade para confiar nas demais pessoas (BARCINSKI et al, 2014).

Porém, para algumas das agentes, houve mudanças que foram boas em alguns aspectos. Hoje, elas conseguem dar mais valor a seus amigos e familiares, a sua liberdade e a pequenas coisas da vida que antes não eram tão significativas, como relatam Petúnia e Flor de Mandacaru:

“Além da mudança de vida teve também a questão do comportamento, a gente muda. Não tem como não mudar [...]” (Flor de Lótus).

“Depois que eu vim trabalhar aqui, muita coisa mudou na minha vida. [...] sou uma pessoa que dá mais valor a minha família e até aos meus cachorros [...] Aqui, cada agente tem sua história, mas somos como uma família” (Petúnia).

[...] “Eu acho que eu cresci muito aqui em paciência, tolerância [...]” (Flor de Mandacaru).

Sabe-se que a vivência no ambiente prisional causa inúmeras repercussões negativas, contudo, é perceptível que houve mudanças positivas nas agentes, todas elas relatam ter aprendido ser pessoas melhores, que reconhecem o valor e o significado da liberdade, da família e de uma amizade verdadeira.

Reconhecer os pontos positivos, permitir e contribuir para que exista uma boa relação de união e amizade no trabalho, além de tornar o trabalho mais fácil, gera sentimentos de satisfação decorrentes da alegria em conviver bem com os colegas de profissão e de estar bem consigo mesmo (JASKOVIK; FONTANA, 2015).

Mesmo diante de tanta crueldade dentro do presídio, cultivar boas amizades é crucial para sua saúde mental. O agente, durante seus plantões, é responsável por atividades que exigem uma dedicação exclusiva, ele permanece isolado do seu convívio social até o término do seu turno; porém; às vezes; acontece alguma ocorrência e ele precisa permanecer no seu

posto até a conclusão desta. Com a escolta de um preso, nem sempre a hora de saída dos turnos é respeitada. E, por estar em contato direto com os apenados, estão expostos a intimidações e agressões verbais destes, o que remete à necessidade constante de controle emocional por parte dessas trabalhadoras, e saber que existem pessoas em quem podem confiar ajuda a manter esse controle, ajuda também a superar as dificuldades e a renovar as energias (LOURENÇO, 2010; JASKOVIK; FONTANA, 2015).

Diante de todas as mudanças, boas ou ruins, todos os cuidados, desconfianças, até mesmo essa mudança positiva de comportamento, podem refletir na saúde dessas pessoas. É impossível não perceber o quanto o ambiente prisional, a rotina de trabalho, as condições insalubres e a convivência com pessoas hostis, preconceito e falta de reconhecimento são grandes responsáveis por influenciar negativamente na saúde de qualquer pessoa, mesmo quando estas se dizem “adaptadas”.

Além disso, mesmo conhecendo a rotina diária e todas as suas influências, podemos perceber, nos relatos a seguir, que os momentos de medo e tensão podem causar estresse, distúrbios alimentares e dificuldade para dormir:

“Tem momentos de ansiedade, pode ter uma raiva, pode passar o dia tranquilo. Então, trabalhar aqui repercute na saúde da pessoa, principalmente, na parte emocional [...]” (Flor de Lótus).

“É um trabalho estressante que acarreta muitas coisas. Estresse não só do sistema penal, mas da estrutura que muitas vezes desmotiva. E aqui não existe um momento reservado para o cuidado dos profissionais[...]” (Jasmim).

“No início, eu tive problemas, ficava agitada, tinha insônia, pesadelos. Hoje, apesar de tomar remédio controlado, eu estou melhor[...]” (Flor de Macambira).

“[...] é uma profissão que repercute muito na saúde física e mental. A gente fica mais estressada, dependendo do que acontece, fica durante um tempo sem dormir direito [...]” (Petúnia).

“[...] aqui é um trabalho que você se estressa com tudo. Até entre as colegas [...]” (Girassol).

Mesmo diante de todas as vantagens, ser agente de segurança penitenciária significa dizer que possui uma profissão estressante. Existem diversas situações que podem contribuir para o adoecimento físico e mental do profissional, tanto dentro como fora do seu ambiente de trabalho, o risco está em toda parte.

No ambiente prisional, existem diversas situações que podem contribuir para o estresse: equipamentos sucateados, sentimentos de insegurança e medo de violência, provocando restrições ao lazer, além também do preconceito ainda existente na sociedade referente ao antigo carcereiro (JASKOWIAK; FONTANA, 2015). Porém, também é importante destacar que as mulheres estão mais predispostas a adquirir estresse associado a este tipo de trabalho, por apresentarem uma maior vulnerabilidade a tensões no trabalho e por possuírem um menor porte físico, dificultando muitas vezes reagir diante de uma situação de violência (FERNANDES, 2013).

Para tentar modificar essa realidade, algumas agentes possuem estratégias de enfrentamento e realizam atividades para tentar minimizar o estresse laboral e estabelecer uma melhor qualidade de vida, assim como também existem aquelas que ainda não estão fazendo nada para tentar mudar essa realidade, mas que reconhecem a necessidade e a importância de uma estratégia de enfrentamento para contribuir com sua saúde, o que pode ser observado nos relatos a seguir:

“[...] a gente precisa se cuidar. Eu não faço nada. Estou relaxada agora, e sedentária. E aqui no presídio não existe um momento reservado ao cuidado das agentes [...]” (Margarida).

“[...] eu tenho me cuidado, tenho feito umas terapias. Todo dia eu passeio com meu cachorro, [...] Tenho ido à missa toda semana com meu namorado, também vou passear na praia, andar, receber o ar puro, e estou namorando, que também faz parte (risos).” (Flor de Macambira).

“[...] do portão para dentro eu sou uma profissional e do portão para fora eu sou uma dona de casa. E essa dinâmica contribui para que eu continue sendo a mesma pessoa [...]” (Rosa).

“[...] se a gente não se cuidar, adocece porque aqui não existe cuidar de quem cuida não. [...]” (Flor de Mandacaru).

Quando o trabalho se torna desgastante, o profissional vive no automático, acreditando já estar adaptado a sua rotina estressante e exaustiva, mas isso provoca insatisfação e, consequentemente, interfere na saúde deste. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de a equipe de saúde implementar ações de Vigilância em Saúde do Trabalhador, de forma que possa modificar essa realidade (DEJOURS, 2013).

Sendo assim, é de grande importância a inserção de um momento reservado aos cuidados desses profissionais para que possa ser resguardada sua integridade física e mental,

como atividades de lazer ou ações que proporcionem relaxamento, minimizando assim os efeitos colaterais da prisão. Principalmente levando em consideração que existe uma equipe de saúde no presídio e que esta pode realizar alguma intervenção para prevenção e promoção da saúde desses profissionais.

As colaboradoras relatam que se os centros de reeducação possuísem uma melhor estrutura física, maior quantidade de recursos materiais e melhores condições de trabalho, seria mais fácil mudar a visão distorcida da sociedade e também estabelecer um padrão de vida mais saudável para o trabalhador. E, conseqüentemente, seria mais fácil trabalhar no sistema prisional:

“[...] se a gente tivesse melhores condições de trabalho, tivesse um presídio melhor, mais seguro, tivesse um salário melhor, eu trabalharia muito mais satisfeita.” (Margarida).

“[...]o presídio super lotado não é bom para ninguém, nem para o preso e nem para o servidor. [...]”(Jasmin).

“[...] Mesmo com a situação atual, com uma estrutura boa a gente trabalharia muito melhor [...]” (Rosa Vermelha).

“[...] poderia melhorar muito a estrutura física, a humanização delas, a ressocialização delas [...]” (Flor de Mandacaru).

As repercussões do sistema prisional na saúde das agentes de segurança penitenciária são reais e existem diversos fatores que contribuem para isso. Entre eles podemos citar: a sobrecarga de trabalho, falta de recursos materiais e humanos, percepção do trabalho como sendo perigoso, rejeição e falta de reconhecimento pela sociedade e pelo Estado e a superlotação dos presídios (JASKOWIAK; FONTANA, 2015). Quanto maior a quantidade de detentos maior o medo e o risco de estresse nos agentes (MARTIN et al, 2012).

Atualmente no Brasil, o sistema prisional está com todas as suas unidades superlotadas, o número de vagas é inferior à quantidade de pessoas em privação de liberdade. O que interfere no processo de recuperar e reintegrar o detento à sociedade, além de também contribuir para os índices de reincidência. Porém, percebe-se que o Estado e a sociedade não estão preocupados com o problema carcerário e com a reintegração social do preso (ANDRADE; FERREIRA, 2014).

As autoridades nem sempre estão cientes da realidade do cotidiano prisional e não valorizam devidamente quem convive diariamente com ele. Em compensação, agentes apontam conhecer melhor o sistema e acreditam possuir maior propriedade para sugerir como

a cadeia deveria funcionar. Eles afirmam conhecer melhor as chances de sucesso, a efetividade e a funcionalidade de certos procedimentos e propostas a serem adotados (LOURENÇO, 2010).

Diante dos relatos das colaboradoras, é possível constatar que apesar de nunca terem pensado em seguir a carreira de agente de segurança penitenciária, apesar dos riscos, das dificuldades e da repercussão na saúde, o trabalho seria mais fácil e gratificante, se houvessem melhores condições de trabalho, com o devido reconhecimento e com uma assistência à saúde de qualidade. Visto que a satisfação profissional é também responsável por manter a saúde do profissional.



Fonte: Google imagens, 2017.

6. Considerações Finais

As histórias das colaboradoras possibilitam compreender melhor como é ser uma agente de segurança penitenciária e como esse trabalho pode transformar a satisfação profissional em sofrimento pessoal. As colaboradoras apontam, como motivação para trabalhar no sistema prisional, o benefício financeiro somado à estabilidade financeira e à flexibilidade da carga horária.

Para elas, além da estabilidade financeira, o sistema de escalas proporciona conciliar trabalho, casa e família, de forma que seja possível dar mais atenção aos afazeres domésticos, aos pais, aos filhos e ao marido, quando for o caso. Elas também destacam que o trabalho permite contribuir para uma sociedade melhor ao tentar reeducar e ressocializar as mulheres em privação de liberdade. É uma maneira de poder lutar por um mundo melhor.

Elas acreditam que podem fazer algo pelas mulheres em privação de liberdade. E que apesar da falta de reconhecimento da sociedade e do Estado, possuem uma responsabilidade social no sentido de tornar o ambiente prisional mais humanizado e mais produtivo. Possibilitando também refletir sobre valorizar a vida e desfrutar da liberdade com maior responsabilidade. Mesmo sabendo que o esforço e a dedicação destinados a realizar um bom trabalho não serão reconhecidos, ocasionando sentimentos de revolta.

No que se refere aos riscos e à hostilidade do ambiente prisional, é possível perceber sentimentos de medo e insegurança, que remetem cuidados dentro e fora dos portões do presídio. Infelizmente, é uma profissão arriscada e exige discrição dos agentes e seus familiares, pois além do medo da violência ainda existe o preconceito e a desvalorização da sociedade por acreditar que o antigo carcereiro, torturador e corrupto, ainda atua no sistema.

Porém, é importante destacar que essa realidade associada ao agente já é ultrapassada. Antigamente, devido a esse preconceito, por não haver uma boa aceitação, muitas vezes, utilizavam a ameaça como forma de convencimento, a exemplo da possibilidade de encarceramento para obrigar pessoas a trabalharem no cárcere. O que contribuía para os “carcereiros” trabalharem insatisfeitos e com raiva. Até porque não existia um preparo para essas pessoas, apenas a visão de que o presídio era um lugar sujo e que abrigava a escória da sociedade, pessoas merecedoras de ódio e desprezo. Mas hoje é diferente, existem exigências mínimas de candidatos entre 18 e 45 anos completos, possuir nível superior e submeter-se a concurso público. Além de existir uma Escola de Formação, onde existe também preocupação com o passado jurídico e criminal dos aprovados. Todas as colaboradoras da pesquisa são

altamente qualificadas, possuem cursos superiores, algumas com mais de um, e pós-graduação. Atualmente, é necessário todo um preparo para ser agente de segurança penitenciária. O que não exclui as repercussões negativas a esses profissionais.

Através das narrativas, percebe-se que trabalhar como agente de segurança penitenciária pode ocasionar diversas repercussões. A periculosidade somada às péssimas condições de trabalho refletem na qualidade de vida desses profissionais. Todas as agentes mencionam como o ambiente prisional influencia negativamente na saúde física e mental. Problemas de insônia e obesidade relacionada à ansiedade e ao estresse ocasionados pela hostilidade do ambiente são comuns para a maioria delas.

Dessa maneira, muitas delas estão procurando melhores condições de vida, seja indo ao médico e realizando exames de rotina, frequentando academias ou desenvolvendo atividades que oferecem relaxamento e prazer. Elas estão cientes de que mesmo não existindo nenhuma atividade de cuidado ao agente no ambiente de trabalho, elas precisam fazer algo para mudar essa realidade e contribuir de alguma forma para melhorar sua qualidade de vida.

Como enfermeira do trabalho, considero a importância e a necessidade de a equipe de saúde implementar ações de Vigilância em Saúde do Trabalhador, de forma a poder elaborar estratégias para a prevenção e a promoção da saúde desses profissionais. Além de incentivar que eles reservem um momento para atividades de lazer ou ações destinadas ao seu cuidado.

Ainda como profissional da saúde e também como usuária e defensora das Práticas Integrativas e Complementares, considerando a necessidade das agentes terem voz e de serem reconhecidas pelo seu trabalho, acredito no potencial da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), ferramenta que permite dar voz a quem precisa ser ouvido. Além de proporcionar um momento de escuta a fim de partilhar seu sofrimento e aliviar sua dor.

Como pesquisadora, conclui-se que o estudo conseguiu responder a todos os objetivos propostos, onde foi possível conhecer um pouco da história das agentes de segurança penitenciária, suas motivações, sentimentos e repercussões que essa atividade laboral traz na saúde e na vida dessas pessoas. Contribuindo ainda para que as colaboradoras revelassem suas histórias a fim de apresentar a verdadeira realidade de trabalhar no presídio e ser agente. Com o propósito de tentar mudar o estereótipo de “carcereiro” e assim contribuir para minimizar o preconceito e estimular o reconhecimento dessa profissão.

Espera-se ainda que os resultados desta investigação contribuam de alguma forma para elaboração de novas estratégias que venham colaborar com a qualidade de vida dessas mulheres trabalhadoras do sistema prisional, de forma que exista um cuidado destinado a essas profissionais. E que aos poucos o reconhecimento da sociedade seja uma realidade, assim como possa estimular o Estado a proporcionar melhores condições de trabalho.



Fonte: Google imagens, 2017.

Referências

1. ALMEIDA, L. L.; MERLO, A. R. C. Manda quem pode, obedece quem tem juízo: prazer e sofrimento psíquico em cargos de gerência. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11 (2), 139-157, 2008.
2. ALVES, V; BINDER, M. C. P. Trabalhar em penitenciárias: violência referida pelos trabalhadores e (in) satisfação no trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, p. 50-62, 2014 ANDRADE; FERREIRA, 2014.
3. BARCINSKI, M; ALTENBERND, B; CAMPANI, C. Entre cuidar e vigiar: ambiguidades e contradições no discurso de uma agente penitenciária. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 7, p. 2245-2254, 2014.
4. BECCARIA, C. Dos delitos e das penas. Tradução de J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 3ª ed, 2006.
5. BILLIARD, I. Santé mentale et travail : L'émergence de la psychopathologie du travail. La Dispute. 2011.
6. BRANDT, Marisol de Paula Reis. Saber e habitus profissional do ex-agente de segurança penitenciária de São Paulo. *Textos e Debates*, v. 1, n. 27, 2015.
7. BRASIL. Constituição, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988.
8. BRASIL. Estado do Rio Grande do Sul (BR). Lei complementar nº 13.259, de 20 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Quadro Especial de Servidores Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul, da Superintendência dos Serviços [Internet]. *Diário Oficial do Estado* 2009.
9. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010 [Internet]. Brasília, DF; 2011.
10. BRASIL. Lei de Execução Penal. Lei nº 7.210/84 [Internet]. Brasília, DF; 1984.
11. BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN - junho de 2014 [Internet]. Brasília – DF; 2014.
12. Buckeridge, F. C. Por entre as grades: Um estudo sobre o cotidiano de uma prisão feminina. [Dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2011.
13. CAPEZ, F.; BONFIM, E. M. Direito Penal. Parte Geral. São Paulo: Saraiva, 2004.
14. CARLOTTO, M. S.; BRAUN A, C.; RODRIGUEZ, S. Y. S.; DIEHL, L. Burnout em professores: diferença e análise de gênero. *Contextos Clínicos*, 7(1):86-93, 2014.
15. CASTRO, V.L.; NASCIMENTO, M. E. P. Agentes Penitenciários: abordagem jurídica e psicossocial em Campina Grande (PB). *Cadernos de Direito*, Piracicaba, v. 16, n. 30, p. 87-100, 2016.
16. CHIAVERINI, T. Origem da pena de prisão. [Dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2009.
17. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Relatório Mensal do Cadastro Nacional de Inspeções nos Estabelecimentos Penais (CNIEP) [Internet]. 2016.
18. CRETELLA JÚNIOR, José. Curso de Filosofia do Direito. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.
19. DEJOURS, C. A sublimação, entre o sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, v. 33, n. 2, p. 9-28, 2013.
20. DERANTY, J. P.; DEJOURS, C. The Centrality of Work Critical Horizons, v.11, n.2, p.167–180, 2010.
21. DUARTE TL. Intimidade no cárcere: Perfil dos presos cadastrados para realizar visitas íntimas no Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. 2014. 7(3):607-640.

22. FADEL FUC. Breve história do direito penal e da evolução da pena. Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas REJUR [Internet]. 2009.
23. FARAH, B. Q. et al. Percepção de estresse: associação com a prática de atividades físicas no lazer e comportamentos sedentários em trabalhadores da indústria. Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo), Abr-Jun; v.27, n.2, p.225-34, 2013.
24. FERNANDES, Mônica Aparecida. A inserção da mulher no mercado de trabalho: um estudo sob a perspectiva da psicologia. **Gestão e Conhecimento. Poços de Caldas**, 2013.
25. FONSECA, R. M. G. S. Espaço e gênero na compreensão do processo saúde doença da mulher brasileira. Rev Latinoam Enfermagem 1997 janeiro; 5(1):5-13.
26. FOUCAULT, M. Vigiar e punir: O nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 41ed. Petropolis: Vozes, 2013.
27. GALVÃO, M. C. B. Vivência de mulheres em situação de cárcere penitenciário durante o período gestacional [Dissertação]. Rio Grande do Norte: Universidade federal do Rio Grande do Norte; 2012.
28. GARUTTI, S.; OLIVEIRA, R. C. S. A prisão e o sistema penitenciário – uma visão histórica. Universidade Estadual de Maringá, 2012
29. Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. Editora Perspectiva. São Paulo – SP; 2005.
30. GOMES NETO, P. R. A prisão e o sistema penitenciário: uma visão histórica. Canoas: Ed. ULBRA, 2000.
31. GONÇALVES, P. C. A era do humanitarismo penitenciário: As obras de John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham. R. Fac. Dir. UFG. V. 33, n.1, p. 9-17, 2009.
32. GRECO, P. B. T.; MAGNAGO, T. S. B. S.; BECK, C. L.C.; URBANETTO, J.S.; PROCHNOW A. Estresse no trabalho em agentes dos centros de atendimento socioeducativo do Rio Grande do Sul. Rev Gaúcha Enferm.;v.34, n.1, p.94-103, 2013.
33. GUZMAN, L.G. Manual de Ciência Penitenciária. Madrid: Edersa, 1983.
34. HASSE, D.Z. Tipificação penal: teoria finalista e teoria social no direito brasileiro. Rev. Ciênc. Juríd. Soc. UNIPAR [Internet].; v.13, n. 2, p.169-191, 2010.
35. JASKOWIAK CR, FONTANA RT. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário. Rev Bras Enferm. 2015 mar-abr;68(2):235-43.
36. JUNQUEIRA, I. C. Dos Direitos Humanos do Preso. São Paulo: Lemos e Cruz, 2005.
37. LEAL, C. B. Prisão: Crepúsculo de uma era. Belo Horizonte: Del Rey. 2001.
38. LEKA, S.; JAIN, A.. *Health impact of psychosocial hazards at work: an overview*. Institute of Work, Health & Organizations: University of Nottingham (2012).
39. LIMA H. Introdução à Ciência do Direito. Freitas Bastos, 28. ed., 1986.
40. LOPES, R. O cotidiano da violência: o trabalho do agente de segurança penitenciária nas instituições prisionais. Psicologia para América Latina, México, v.1, n. 0, p. 15-22, 2002.
41. LOURENÇO, Arlindo da Silva. O Espaço de Vida do Agente de Segurança Penitenciária no Cárcere: entre gaiolas, ratoeiras e aquários. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.
42. LOURENÇO, Luiz Claudio. Batendo a tranca: Impactos do encarceramento em agentes penitenciários da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Dilemas, Rev. de Estud. Conflito Controle Soc, v. 3, n. 10, p. 11-31, 2010.
43. MAIA, C.N.; SÁ NETO, F.; COSTA, M.; BRETAS, M.L. História das prisões no Brasil - volume I. Rio de Janeiro: Rocco; 2009.

44. MARTIN, J.L.; LICHTENSTEIN, B.; JENKOT, R.B.; FORDE, D.R. “They can take us over any time they want”: Correctional officers’ responses to prison crowding. *Prison J* ; v.92, n.1, p.88-105, 2012.
45. MARTINS, F.R. As funções da pena e o sistema penitenciário brasileiro: em busca de novas alternativas [Dissertação]. São Paulo – SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2014.
46. MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 2005.
47. MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias/ José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro. – São Paulo: Contexto, 2011.
48. MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
49. MORAES, P. R. B.; A identidade e o papel de agentes penitenciários. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*. v. 25, n.1, p- 131 – 147. 2013.
50. NORONHA, Edgard Magalhães. Direito Penal. 35ª ed. Atualizada por Adalberto Q. T. de Camargo Aranha. São Paulo: Saraiva. 2000. V, 1.
51. PENTEADO, Regina Zanella; SILVA, Noelle Bernardi da; MONTEBELLO, Maria Imaculada de Lima. Voz, estresse, trabalho e qualidade de vida de técnicos e preparadores físicos de futebol. **CoDAS**, São Paulo , v. 27, n. 6, p. 588-597, Dec. 2015.
52. PRACIANO, E.R.T. O direito de punir na constituição de 1988 e os reflexos na execução da pena privativa de liberdade [Dissertação]. Fortaleza: Universidade de Fortaleza – UNIFOR. 2007.
53. SÁ, A.A. Criminologia Clínica e Psicologia Criminal. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2007.
54. SANTA RITA, R.P. Mães e crianças atrás das grades: em questão o princípio da dignidade da pessoa humana [Dissertação] Brasília: Universidade de Brasília; 2006.
55. SANTOS, Márcia Maria dos. Agente penitenciário: trabalho no cárcere. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010.
56. SARTI, C. A. Os filhos dos trabalhadores: quem cuida das crianças? In: Bretas ACP. Trabalho, saúde e gênero: na era da globalização. Goiânia (GO): AB; 1997. p. 51-60.
57. SATLER, A.P. SERIAM OS AGENTES PENITENCIÁRIOS ACOMETIDOS PELA SÍNDROME DE *BURNOUT*? Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Três Passos, Dezembro de 2014.
58. SCHIRMER, J. Trabalho e maternidade: qual o custo para as mulheres? In: Bretas ACP. Trabalho, saúde e gênero: na era da globalização. Goiânia (GO): AB; 1997. p.101-13.
59. SILVA, Maisa Paula; CARVALHO, Eliel Ribeiro. CONCEPÇÕES DE DIREITO E JUSTIÇA NOS DIFERENTES PERÍODOS DA HISTÓRIA. *Organizações e Sociedade*, Iturama (MG), v. 4, n. 2, p. 165-178, jul./dez. 2015.
60. SOUZA, I.; BA, S.; CASTRO, P.A.; ANDRADE, M.S.; FRITSCHÉ, T.; SILVA, P.F. O Perfil Sociodemográfico, Acadêmico e Laboral do Agente de Segurança Prisional de Catalão-GO. *CIAIQ2015*, v.3, 2015.

61. SOUZA, M.G.C.; CASTRO, L.R. O projeto profissional de jovens das classes médias: orientações normativas e estratégias de inserção. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 161-175, dez. 2014.
62. STRADIOTTI, J.M.M.; FREIRE, H.B.G.; SOUZA, J.C.; REZENDE, C.L. Qualidade de vida e saúde geral dos Servidores Penitenciários do Estado de Mato Grosso do Sul. *Psicólogo inFormação*, v. 18, n. 18, p. 47-70, 2015.
63. TAETS, Adriana Rezende Faria. Abrindo e fechando celas: narrativas, experiências e identidades de agentes de segurança penitenciária femininas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2012.
64. TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. *Estudos de Psicologia*, 18(3), julho-setembro/2013, 527-535. [acesso 4 jan 2017] Disponível em:
65. VASCONCELOS, A. S. F.. A saúde sob custódia: um estudo sobre agentes da segurança penitenciária no Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.
66. WACQUANT L. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
67. ZAFFARONI, E.R.; PIERANGELI, J. H. Manual de Direito Penal Brasileiro: parte geral. 1º vol. 9ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais; 2011.



Fonte: Google imagens, 2017.

ANEXOS

ANEXO I - DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO INSTITUCIONAL PPGENF



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM



CERTIDÃO

Certifico, para fins de comprovação, que o Projeto de Dissertação intitulado: *“Um mundo atrás dos muros: História Oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional”* da mestrand: **CAMILA CARLA DANTAS SOARES**, sob orientação da Profa. Dra. Maria Djair Dias, foi **APROVADO** pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Saúde da Mulher, no dia 08 de abril de 2016, e a aprovação foi **HOMOLOGADA** pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, na 297ª Reunião Ordinária, no dia 11 de abril de 2016.

João Pessoa, 14 de abril de 2016.

Profa. Dra. Maria Júlia Guimarães Oliveira Soares
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Dra. Maria Júlia G.O. Soares
Pós-Graduação em Enfermagem
UFPB Coordenadora
SIAPE 3372820

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Centro de Ciências da Saúde, Campus I da UFPB
Ramal: 3216-7109
E-mail: enfermagemposgraduacao@gmail.com
Endereço eletrônico: <http://www.ufpb.br/pos/ppgenf>

ANEXO II - TERMO INSTITUCIONAL DE AUTORIZAÇÃO DA SEAP



**GOVERNO
DA PARAÍBA**


**SECRETARIA DE ESTADO DA
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA**

TERMO INSTITUCIONAL

João Pessoa, 06 de julho de 2016.

Tendo lido e estando de acordo com a proposta, a Gerência Executiva de Ressocialização da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária autoriza a realização da pesquisa intitulada **"ENTRE MUROS, CELAS E SOMBRAS: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES TRABALHADORAS DE UMA INSTITUIÇÃO PRISIONAL"**, que será desenvolvida pela mestrand **Camila Carla Dantas Soares**, CPF 065.486.344-03 e **Jeferson Barbosa Silva**, CPF 083.775.864-52 sob orientação da Profa. Dra. Maria Djair Dias, CPF 274.576.304-06

Destaco que é de responsabilidade da pesquisadora a realização de todo e qualquer procedimento metodológico, bem como o cumprimento da Resolução CNS 466/12, sendo necessário após o término da pesquisa o encaminhamento de uma cópia do relatório para a referida Secretaria.


Zioelma Albuquerque Maia
Gerente Executiva de Ressocialização
Matrícula: 172.170-4



Gerência Executiva de Ressocialização - SEAP
Centro Administrativo Integrado do Governo do Estado
Avenida João da Mata, s/n - Bloco II, 5º andar - Jaguaribe.
CEP. 58.019-900 - João Pessoa/PB.
Fone: 83 3218.4468

ANEXO III - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA COM SERES HUMANOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 6ª Reunião realizada no dia 21/07/2016, o Projeto de pesquisa intitulado: **“ENTRE MUROS, CELAS E SOMBRAS: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES TRABALHADORAS DE UMA INSTITUIÇÃO PRISIONAL”**, da pesquisadora Camila Carla Dantas Soares. Prot. nº 0364/16. CAAE: 56468016.7.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do relatório final do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB



Fonte: Google imagens, 2017.

APENDICES

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÍVEL MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: Entre muros, celas e sombras: História Oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Camila Carla Dantas Soares

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Este projeto de pesquisa atendendo o disposto na Resolução CNS 466/12, tem como principal objetivo: Conhecer a história de agentes penitenciárias de uma instituição prisional feminina. Os procedimentos adotados serão: inserção no campo de pesquisa para a construção de vínculos com as agentes penitenciárias, para posteriormente realizar entrevistas buscando conhecer as repercussões que trabalhar em uma instituição de privação de liberdade trás na vida dessas mulheres.

Considerando-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco, o dano eventual que este estudo poderá ocasionar-lhe de imediato é mínimo, relacionado este a um possível desconforto psicológico com relação a entrevista, devido ao tempo de duração e as perguntas relacionadas a fatores que podem estar associados à sua prática profissional. Diante disso serão tomadas medidas preventivas durante a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo, como: certificar se o participante permanece confortável com as perguntas, observar se existe algum sinal ou sintoma físico relacionado ao estresse ou ansiedade provocado pelos questionamentos, e garantir que caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento o participante não precisa realizá-lo.

Destaca-se que os resultados da investigação proposta, a partir da pesquisa qualitativa, visam benefícios que contribuirão tanto para disseminação do conhecimento produzido

acerca do sofrimento psíquico relacionado diretamente à situação laboral, quanto para elaboração de possíveis intervenções.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Dessa forma, estou ciente que:

- a) A participação neste projeto não tem objetivo de me submeter a um tratamento, bem como não me acarretará qualquer ônus pecuniário com relação aos procedimentos efetuados com o estudo;
- b) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico.
- d) Durante a entrevista será feito o uso do gravador de voz, para melhor compreensão das informações, podendo eu, solicitar a qualquer momento para que o entrevistador pare de gravar, sem nenhum prejuízo a mim;
- e) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- f) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.
- g) Caso me sinta prejudicada por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos, ao Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba.

João Pessoa/PB, _____ de _____ de 2016.

Participante: _____

Polegar direito

Camila Carla Dantas Soares

Pesquisadora responsável

Contato: e-mail: camilacarla.soares@hotmail.com.

APÊNDICE II



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÍVEL MESTRADO

TÍTULO DO PROJETO: Entre muros, celas e sombras: História Oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional

1. DADOS DO COLABORADOR

Iniciais do nome: _____	Data de Nascimento: __/__/____
Idade: _____	Natural de: _____
Estado Civil: ()Solteira ()Casada ()União estável ()Viúva ()Separada/divorciada/desquitada.	Com quem mora: _____ Quantos filhos: _____
Renda familiar: _____	Quantas pessoas dependem dessa renda: _____
Escolaridade: () Analfabeta () Ensino fundamental () Ensino médio () Superior: _____	Quais atividades desenvolve na instituição: _____
Tempo de atuação profissional: _____ anos	Carga horária semanal: _____ horas
Tempo de atuação como agente penitenciária: _____ anos	Veio trabalhar na capital ou já morava em João Pessoa? _____
Possui outra ocupação: ()Não ()Sim Qual? _____	

2. QUESTÕES DE CORTE:

- a) Conte-me como surgiu o interesse em trabalhar em uma instituição de privação de liberdade?
- b) Como você se sente sendo agente penitenciária?
- c) O que mudou em sua vida depois desse trabalho? Quais os seus sentimentos diante dessa realidade?
- d) Para você, trabalhar como agente penitenciária repercute de alguma forma na sua saúde?
- e) Existe, no trabalho, algum momento reservado ao cuidado dos profissionais? E você, o que tem feito para se cuidar?

APÊNDICE III



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÍVEL MESTRADO

TÍTULO DO PROJETO: Entre muros, celas e sombras: História Oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita, textualizada, transcrita e autorizada para que Camila Carla Dantas Soares (PPGEnf-UFPB) possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para usar citações, ficando o controle à pesquisadora, que tem sua guarda.

Declaro ainda estar ciente do objetivo principal do estudo que compreende: Conhecer a história de agentes penitenciárias de uma instituição prisional feminina.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura da colaboradora

Assinatura da pesquisadora

João Pessoa, _____ de Janeiro de 2017.

APENDICE IV



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÍVEL MESTRADO

Solicitação de realização de pesquisa no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão

À Secretaria de Administração Penitenciária.

Prezado Secretário da Administração Penitenciária da Paraíba, eu Camila Carla Dantas Soares, RG: 002.306.265, CPF: 065.486.344-03, pesquisadora regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, solicito obter autorização para realizar a pesquisa intitulada “**Entre muros, celas e sombras: História Oral de mulheres trabalhadoras de uma instituição prisional.**”, sob orientação da professora Dra. Maria Djair Dias conforme projeto anexo, após aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB.

Terminada a pesquisa, uma cópia dos resultados, será entregue a Secretaria de Administração Penitenciária e a direção da Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Julia Maranhão, assim como serão publicados em forma de artigos, livros, bem como apresentados em eventos de Pesquisa, Iniciação Científica, Congressos ou Encontros, sempre respeitando o item III. 2, alínea “i” da Resolução 466/12 CNS/MS “III - DOS ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.

A pesquisa deverá atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes:

III. 2 - As pesquisas, em qualquer área do conhecimento envolvendo seres humanos, deverão observar as seguintes exigências:

- a) ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;
- b) estar fundamentada em fatos científicos, experimentação prévia e/ou pressupostos adequados à área específica da pesquisa;
- c) ser realizada somente quando o conhecimento que se pretende obter não possa ser obtido por outro meio;
- d) buscar sempre que prevaleçam os benefícios esperados sobre os riscos e/ou desconfortos previsíveis;
- e) utilizar os métodos adequados para responder às questões estudadas, especificando-os, seja a pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa;
- f) se houver necessidade de distribuição aleatória dos participantes da pesquisa em grupos experimentais e de controle, assegurar que, a priori, não seja possível estabelecer as vantagens de um procedimento sobre outro, mediante revisão de literatura, métodos observacionais ou métodos que não envolvam seres humanos;
- g) obter consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa e/ou seu representante legal, inclusive nos casos das pesquisas que, por sua natureza, impliquem justificadamente, em consentimento a posteriori;
- h) contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do participante da pesquisa, devendo o(s) pesquisador(es) possuir(em) capacidade profissional adequada para desenvolver sua função no projeto proposto;
- i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico financeiros;
- j) ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser participantes de pesquisa quando a informação desejada

possa ser obtida por meio de participantes com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios aos indivíduos ou grupos vulneráveis;

k) respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes, quando as pesquisas envolverem comunidades;

l) garantir que as pesquisas em comunidades, sempre que possível, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão. Quando, no interesse da comunidade, houver benefício real em incentivar ou estimular mudanças de costumes ou comportamentos, o protocolo de pesquisa deve incluir, sempre que possível, disposições para comunicar tal benefício às pessoas e/ou comunidades;

m) comunicar às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, os resultados e/ou achados da pesquisa, sempre que estes puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados;

n) assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;

o) assegurar aos participantes da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento, assistência integral e orientação, conforme o caso, enquanto necessário, inclusive nas pesquisas de rastreamento;

p) comprovar, nas pesquisas conduzidas no exterior ou com cooperação estrangeira, os compromissos e as vantagens, para os participantes das pesquisas e para o Brasil, decorrentes de sua realização. Nestes casos deve ser identificado o pesquisador e a instituição nacional, responsáveis pela pesquisa no Brasil. Os estudos patrocinados no exterior também deverão responder às necessidades de transferência de conhecimento e tecnologia para a equipe brasileira, quando aplicável e, ainda, no caso do desenvolvimento de novas drogas, se comprovadas sua segurança e eficácia, é obrigatório seu registro no Brasil;

q) utilizar o material e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, ou conforme o consentimento do participante;

- r) levar em conta, nas pesquisas realizadas em mulheres em idade fértil ou em mulheres grávidas, a avaliação de riscos e benefícios e as eventuais interferências sobre a fertilidade, a gravidez, o embrião ou o feto, o trabalho de parto, o puerpério, a lactação e o recém-nascido;
- s) considerar que as pesquisas em mulheres grávidas devem ser precedidas de pesquisas em mulheres fora do período gestacional, exceto quando a gravidez for o objeto fundamental da pesquisa;
- t) garantir, para mulheres que se declarem expressamente isentas de risco de gravidez, quer por não exercerem práticas sexuais ou por as exercerem de forma não reprodutiva, o direito de participarem de pesquisas sem o uso obrigatório de contraceptivos; e
- u) ser descontinuada somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/CONEP/CNS/MS que a aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício de seus participantes.

Na expectativa de contar com a inestimável atenção de V.S.º no atendimento desta solicitação, aproveitamos o ensejo para apresentar o elevado apreço do pesquisador e da Professora orientadora da instituição.

Desde já agradecemos.



Pesquisador responsável



Professora Orientadora